

UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ
CAMPUS PATO BRANCO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM DESENVOLVIMENTO REGIONAL

SANDRA BUASKI

**IMIGRAÇÃO DE MULHERES HAITIANAS:
UM OLHAR PARA O CASO DA REUNIFICAÇÃO FAMILIAR**

DISSERTAÇÃO

PATO BRANCO
2021

SANDRA BUASKI

**IMIGRAÇÃO DE MULHERES HAITIANAS:
UM OLHAR PARA O CASO DA REUNIFICAÇÃO FAMILIAR**

Immigration of haitian women: a look at the case of family reunification

Dissertação apresentada como requisito parcial à obtenção do título de Mestra em Desenvolvimento Regional, do Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional, da Universidade Tecnológica Federal do Paraná. Área de Concentração: Educação e Desenvolvimento.

Orientadora: Prof^a. Dr^a Maria de Lourdes Bernartt.
Coorientadora: Prof^a. Dr^a Franciele Clara Peloso.

PATO BRANCO

2021



Atribuição – Uso Não Comercial (CC BY-NC) - Permite que outros remixem, adaptem e criem obras derivadas sobre a obra licenciada, sendo vedado o uso com fins comerciais. As novas obras devem conter menção ao autor nos créditos e também não podem ser usadas com fins comerciais. Porém as obras derivadas não precisam ser licenciadas sob os mesmos termos desta licença.



FOLHA DE APROVAÇÃO

SANDRA BUASKI

IMIGRAÇÃO DE MULHERES HAITIANAS: UM OLHAR PARA O CASO DE REUNIFICAÇÃO FAMILIAR

Trabalho de pesquisa de mestrado apresentado como requisito para obtenção do título de Mestra Em Desenvolvimento Regional da Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR). Área de concentração: Desenvolvimento Regional Sustentável.

Data de aprovação: 26 de Abril de 2021

Prof.a Maria De Lourdes Bernartt, Doutorado - Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof.a Beatriz Leite Gustmann De Castro, Mestrado - Universidade Federal de Santa Maria (Ufsm)

Prof Handerson Joseph, Doutorado - Universidade Federal do Amapá (Unifap)

Prof.a Tamara Simone Van Kaick, - Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Documento gerado pelo Sistema Acadêmico da UTFPR a partir dos dados da Ata de Defesa em 26/04/2021.

Dedico esta Dissertação aos meus familiares.

AGRADECIMENTOS

Agradeço...

Primeiramente, a Deus e à Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, por me concederem saúde e sabedoria para conquistar o título de Mestra em Desenvolvimento Regional.

Em especial, à minha mãe, Verônica Koziol Buaski, pelas orações, pelo incentivo e por sentir orgulho das minhas conquistas. À minha irmã gêmea, Silvane Buaski, pelo apoio e por acreditar que eu seria capaz de concluir mais essa etapa da minha vida acadêmica. Agradeço também aos demais familiares.

À minha orientadora, Prof^ª. Dr^ª Maria de Lourdes Bernartt, por não ter medido esforços para tornar possível a realização desta pesquisa, pela amizade e carinho despendidos em todos os momentos da jornada.

À minha coorientadora, Prof^ª. Dr^ª Franciele Clara Peloso, pelos ensinamentos, pela ajuda e paciência ao guiar o meu aprendizado.

Aos professores do Programa de Pós-graduação em Desenvolvimento Regional, da Universidade Tecnológica Federal do Paraná – Campus Pato Branco, pelos ensinamentos.

À Congregação das Irmãs Catequistas de Sant'Ana, a qual pertenço como religiosa consagrada, principalmente às irmãs com as quais convivo diariamente, pela parceria e suporte.

Ao Rafael Francisco Pellin Grando, pela amizade e apoio durante a realização deste estudo.

Ao Marcelin Pierre, imigrante haitiano, pela disponibilidade e generosidade em auxiliar na tradução das entrevistas, tornando possível a realização desta pesquisa.

Enfim, a todos os imigrantes haitianos participantes da pesquisa, em especial, às mulheres haitianas que fazem a travessia para o Brasil movidas pelo amor a suas famílias.

Ninguém migra por migrar. Migra-se por necessidade. Migra-se por medo.
Migra-se por coragem. Migra-se por amor. Migra-se por ódio. Migra-se para fugir.
Migra-se para encontrar. Migra-se para morrer. Migra-se para nascer em outro lugar
(MARTINS et al., 2014, p.31)

Nunca devemos esquecer que os migrantes, antes de serem números,
são pessoas, rostos, nomes, histórias.
(PAPA FRANCISCO, 2016)

RESUMO

BUASKI, Sandra. **Imigração de mulheres haitianas: um olhar para o caso da reunificação familiar**. 2021. 97 f. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Regional) – Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional, Universidade Tecnológica Federal do Paraná. Pato Branco, 2021.

A migração é um fenômeno constituidor da história e da vida. Diversos grupos humanos migraram e migram em busca de outras formas de ser e estar no mundo. No início do século XXI, os fluxos imigratórios para o Brasil aumentaram; compostos especialmente por imigrantes haitianos, os quais passaram a se alocar em vários municípios do país, inclusive em Pato Branco - Paraná. Em meados de 2012, houve a chegada de um grupo majoritariamente masculino, objetivando conseguir trabalho em agroindústrias locais. Com esse grupo, uniram-se mulheres haitianas vindas à cidade no intuito de reunir as famílias. Destarte, o objetivo geral do trabalho foi analisar, sob a ótica das mulheres haitianas residentes em Pato Branco, dificuldades e desafios enfrentados por elas para a reunificação familiar. Para tanto, realizou-se pesquisa bibliográfica e pesquisa de campo exploratória sobre a temática. A coleta dos dados envolveu a realização de entrevistas com 10 participantes. A análise dos dados teve ênfase qualitativa, baseada nas seguintes categorias: imigração; imigração de mulheres haitianas; reunião familiar; filhos; dificuldades e desafios para reunir a família. Os resultados demonstram que as leis brasileiras garantem a reunificação familiar; e, a imigração torna-se mais segura quando os imigrantes cumprem os critérios impostos pela referida legislação. As haitianas buscam soluções para as dificuldades vivenciadas no seu país de origem, pois com a imigração podem viver com suas famílias e ainda encontrar melhores oportunidades de vida. De acordo com as participantes, os principais desafios para a reunificação familiar foram: 1) dificuldades em conseguir emprego, tanto por parte de quem chegou primeiro e precisou conseguir estabilidade para depois solicitar a vinda dos demais familiares, quanto para os que chegaram depois e precisaram se colocar no mercado de trabalho para auxiliar nas despesas e enviar remessas financeiras aos que permaneceram no país de origem; 2) falta de domínio da língua portuguesa, porque, devido a essa limitação, os imigrantes levam um tempo maior para conseguir trabalho; 3) dificuldades em conseguir moradia devido à necessidade de fiadores, por isso residem em números elevados de imigrantes na mesma casa. Todos esses fatores interferem e dificultam diretamente no processo de reunificação familiar dos imigrantes haitianos.

Palavras-chave: Mulheres Haitianas. Imigração. Reunificação Familiar. Pato Branco.

ABSTRACT

BUASKI, Sandra. **Immigration of haitian women: a look at the case of family reunification**. 2021. 97 p. Dissertation (Master's degree in Regional Development) – Regional Development Post Graduation Program, Federal Technological University of Paraná. Pato Branco, 2021.

Immigration is a process that is part of history and life. The immigration of many Haitians intensified, especially to Brazil, from 2010, and to the city of Pato Branco, in 2012. First, there was an arrival of a mostly male group, aiming to find work in local agro-industries. With this group, Haitian women come to the city with the aim of bringing families together. Based on this context, this research sought to analyze, from the perspective of Haitian women living in the city of Pato Branco-PR, difficulties and challenges faced by them for family reunification. For that, an exploratory research was carried out, whose data collection took place through semi-structured interviews applied to 10 participants. Data analysis was qualitative based on the following categories of analysis: immigration; immigration of Haitian women; family meeting; sons; difficulties and challenges to reunite the family. The results show that Brazilian laws guarantee family reunification and when the immigrant meets the criteria imposed by the legislation, immigration becomes safer. Haitian women look to immigration as a way out of the difficulties experienced in their country, Haiti. With that, the interviewees headed to Brazil to live with their family and find better opportunities. The main challenges for family reunification, in the eyes of immigrant women, are diverse. Among them is the difficulty in getting a job, both for those who arrive first and need to find stability to then request the arrival of other family members, as for those who arrived later and need to place themselves in the labor market, to help with expenses and send remittances financial support for those who remained in their country of origin; the lack of command of the Portuguese language, because, due to this limitation, immigrants take longer to find work; the difficulty in finding housing is also a challenge reported by immigrants, as they need guarantors and it is common for large numbers of immigrants to reside in the same house. These factors directly interfere and hinder the process of family reunification of immigrants.

keywords: Haitian Women. Immigration. Family Reunification. Pato Branco.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1– Localização do município de Pato Branco-PR	24
Figura 2 - Paróquia São Pedro Apóstolo, Pato Branco-PR	26
Figura 3- Mapa do Haiti	30
Figura 4- Haitianos no mundo	37
Figura 5 – Pratos típicos haitianos	52

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Linha do tempo da imigração para o Brasil – 1500 a 2010	28
Quadro 2 - Escolha da cidade de Pato Branco	70
Quadro 3 - Tempo de residência no Brasil	70
Quadro 4 - Desafios vivenciados, como mulher, durante a imigração e a chegada ao Brasil	71
Quadro 5 - Como é ser mulher imigrante no Brasil	73
Quadro 6 - A vinda da mulher haitiana e a reunificação familiar	75
Quadro 7 - Leis brasileiras e a reunificação familiar.....	76
Quadro 8 - Situação atual da família	77

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Número de registros de migrantes, por mês de registro e sexo, segundo principais países – Brasil, fevereiro/2019 e janeiro/2020	32
Tabela 2 – Número de solicitações de refúgio, por mês e sexo, segundo principais países – Brasil, fevereiro/2019 e janeiro de 2020	38

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1– Número de haitianos com registro no Brasil	31
Gráfico 2 - Idade das mulheres imigrantes haitianas	63
Gráfico 3 - Estado civil das imigrantes haitianas	63
Gráfico 4 - Imigrantes haitianas que possuem filhos.....	64
Gráfico 5 - País de nascimento dos filhos das imigrantes haitianas.....	65
Gráfico 6 - Escolaridade das imigrantes haitianas	67
Gráfico 7 - Ordem da viagem	68
Gráfico 8 - Financiamento da viagem.....	69

LISTA DE SIGLAS

AM	Estado do Amazonas
CPF	Cadastro de Pessoa Física
CTPS	Carteira de Trabalho e Previdência Social
DF	Distrito Federal
EUA	Estados Unidos da América
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IDH	Índice de Desenvolvimento Humano
IMDH	Instituto de Migrações e Direitos Humanos
IPARDES	Instituto Paranaense de Desenvolvimento Econômico e Social
MINUSTAH	Missão das Nações Unidas para a Estabilização do Haiti
OMS	Organização Mundial da Saúde
ONGs	Organizações Não Governamentais
ONU	Organização das Nações Unidas
OUDES	Organização Universal para o Desenvolvimento Sociocultural
PPGDR	Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional
PR	Estado do Paraná
PSE	Proteção Social Especial
SUAS	Sistema Único de Assistência Social
URSS	União das Repúblicas Socialistas Soviéticas
UTFPR	Universidade Tecnológica Federal do Paraná

SUMÁRIO

1 INTRODUZINDO A TEMÁTICA.....	14
1.1 A PESQUISADORA COMO MIGRANTE.....	18
1.2 JUSTIFICATIVA	20
1.3 PROBLEMÁTICA E OBJETIVOS.....	21
1.4 MARCO METODOLÓGICO	22
1.5 LÓCUS DA PESQUISA	24
1.6 APRESENTAÇÃO DOS CAPÍTULOS.....	27
2 MULHERES IMIGRANTES HAITIANAS: O BRASIL COMO DESTINO	28
2.1 IMIGRAÇÃO HAITIANA PARA O BRASIL, A PARTIR DE 2010.....	28
2.2 FATORES QUE LEVAM À MOBILIDADE HAITIANA	33
2.3 LEGISLAÇÃO BRASILEIRA E IMIGRAÇÃO.....	39
3 MULHERES IMIGRANTES HAITIANAS: FAMÍLIA, CASA, RELIGIOSIDADE E REUNIFICAÇÃO FAMILIAR.....	43
3.1 IMPORTÂNCIA DA FAMÍLIA E DA CASA NA CULTURA HAITIANA.....	44
3.2 TRADIÇÕES HAITIANAS: ALGUNS APONTAMENTOS.....	51
3.3 IMIGRAÇÃO HAITIANA PARA PATO BRANCO E O PAPEL DA MULHER NESSE PROCESSO.....	54
3.4 DESAFIOS ENFRENTADOS POR MULHERES HAITIANAS DURANTE A IMIGRAÇÃO	56
4 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS COLETADOS A CAMPO	58
CONSIDERAÇÕES FINAIS	79
REFERÊNCIAS.....	84
APÊNDICE A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO	90
APÊNDICE B – ROTEIRO DE QUESTIONÁRIO PARA ENTREVISTAS	95

1 INTRODUZINDO A TEMÁTICA

O Brasil já era habitado antes da chegada dos portugueses no ano de 1500. Mesmo assim, eles se tornaram conhecidos como “descobridores” dessas terras, passando a buscar meios de colonizá-la. De acordo com Zamberlam et al. (2014, p. 9), no decorrer do processo colonizador:

O território que hoje forma o Brasil, era habitado por indígenas (habitantes milenares), por portugueses que eram donos das capitanias hereditárias (comumente denominados de “colonizadores”) e por africanos (imigração forçada) trazidos como escravos para gerar o sustento e a renda aos proprietários das capitanias.

Conforme apontam os autores supracitados, dentre os primeiros imigrantes a chegarem ao Brasil estavam os africanos, os quais eram adquiridos como mercadoria e trazidos pelos portugueses para serem utilizados como mão de obra escrava nos campos e cidades.

Segundo Zamberlam et al. (2014, p. 10), a entrada de imigrantes no Brasil, entre o período de 1870 a 1959, ocorreu principalmente por “italianos, alemães, portugueses, espanhóis, poloneses, russos, holandeses”; e, em segundo plano, por “japoneses, sírio-turco-libaneses e chineses”. Isso evidencia que o Brasil, desde a sua colonização, sempre apresentou histórico de recebimento de imigrantes.

Ainda de acordo com Zamberlam et al. (2014), no período entre 1870 e 1914, dois fatores foram determinantes para a atração dos referidos imigrantes: 1) substituição do trabalho escravo nos cafezais e canaviais da região Sudeste; 2) continuação da colonização e derrubada da mata na fronteira agrária localizada ao Sul do país.

Além disso, vale ressaltar que não apenas a questão produtiva se colocou como força mobilizadora das imigrações para o Brasil no período mencionado, mas também o ideário ou ideologia do branqueamento populacional, a busca por uma raça “mais desenvolvida”. De acordo com Azevedo (2012, p. 26), muitos consideravam que a ideia de pátria, assim como a formação da nacionalidade, somente ocorria com as pessoas de raças privilegiadas na inteligência, no vigor, na responsabilidade, entre outros. No caso, as raças “ariana” e “caucasiana” eram consideradas superiores.

A redução da imigração estrangeira perdurou como marca do processo populacional brasileiro entre os anos de 1940 e 1980. Apenas a partir de 1990 a imigração ganhou um destaque relevante no Brasil.

A entrada de imigrantes europeus e asiáticos no Brasil diminuiu entre os anos de 1960 e 1999 (ZAMBERLAM et al., 2014, p. 11). Nesse período, notabilizam-se os “imigrantes limítrofes: uruguaios, argentinos, chilenos, paraguaios, peruanos, bolivianos, equatorianos. Muitos vivendo na clandestinidade. A eles juntaram-se coreanos e africanos de Angola, Moçambique e Egito”.

Soares, Lobo e Matos (2015, p. 194) comentam que:

Ao confrontar os dados dos censos demográficos de 2000 e de 2010, vem à luz o aumento de aproximadamente 87% do número de imigrantes internacionais em território brasileiro: no quinquênio 1995/2000, o Brasil recebeu 43.644 imigrantes e, no quinquênio 2005/2010, 268.295.

De acordo com esses autores, novos arranjos políticos e econômicos na América Latina, acompanhados de novos processos de urbanização e modernização no campo, apresentaram o Brasil como possível território para receber diversos imigrantes internacionais.

De 2000 a 2014, a imigração latino-americana continuava a predominar, com acréscimo de colombianos e mexicanos, mas retornava à imigração europeia (portugueses, espanhóis, italianos, franceses), acrescentando-se imigrantes africanos, caribenhos e asiáticos (ZAMBERLAM et al., 2014).

Entre esses imigrantes, surgiram novos rostos da imigração para o Brasil: os haitianos. Devido a um sismo catastrófico de alta magnitude, ocorrido no Haiti em 2010, muitas famílias perderam tudo o que tinham. Então, os haitianos passaram a buscar no Brasil oportunidades de trabalho, com o objetivo de sobreviver e de ajudar os familiares que permaneceram no Haiti.

Após o início da vinda de haitianos para o Brasil em busca de melhores condições de vida e trabalho, localidades com escassez de mão de obra disponível vislumbraram esse movimento como uma oportunidade de preencher vagas de emprego em aberto¹. Na época, o Brasil contava com crescimento econômico e baixo desemprego, o que tornava o país atrativo para quem buscava trabalho. Do outro lado, empresários brasileiros com dificuldades para preencher vagas disponíveis buscaram ativamente o contato com movimentos de imigração haitiana. Na cidade de Pato Branco, localizada na região sudoeste do Paraná, a situação não era diferente: havia vagas de trabalho em frigoríficos, majoritariamente dispostas durante o turno da

¹ O capítulo 2 descreve de maneira pormenorizada o processo migratório de haitianos para o Brasil a partir de 2010.

madrugada, período em que os pato-branquenses preferiam não trabalhar. Assim, empresas da cidade passaram a contratar imigrantes haitianos para suprir essa demanda no sistema produtivo, trazendo-os para o município como solução para escassez de trabalhadores.

Diante desse contexto, a presente pesquisa versa sobre a imigração de mulheres haitianas para o município de Pato Branco, dimensionando um olhar para o caso da reunificação familiar. Ademais, integra os estudos sobre migrações, desenvolvido por pesquisadores pertencentes à linha de pesquisa Educação e Desenvolvimento, do Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional (PPGDR) da Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR) - Campus Pato Branco.

A principal pesquisadora envolvida neste trabalho possui identificação com o tema da imigração, pois é neta de imigrantes e vivencia as marcas culturais e religiosas da imigração dos seus avós maternos, os quais saíram da Ucrânia para buscar oportunidades de uma vida melhor no Brasil.

De maneira similar, observando a imigração de haitianos para o Brasil, percebe-se que essas pessoas partem em busca de novos meios de ser e estar no mundo. Ao fazerem isso, enfrentam diversos desafios, porém buscam maneiras de reunificar suas famílias para dar continuidade a sua cultura e a seus sonhos.

Quando chegam ao novo país, os imigrantes lutam para conquistar um emprego, porque necessitam pagar as suas próprias despesas e também auxiliar financeiramente os familiares residentes no país de origem. Logo, por meio do trabalho, colaboram com o desenvolvimento do país que passaram a residir, e, conseqüentemente, por meio do envio de dinheiro, também auxiliam na economia da sua nação.

Na visão de Sen (2004, p. 29), “uma concepção adequada de desenvolvimento deve ir muito além da acumulação de riqueza e do crescimento do produto nacional bruto e de outras variáveis relacionadas a renda”. Sendo assim, o acúmulo de dinheiro não deve ser o único objetivo para que haja desenvolvimento.

Os imigrantes buscam ainda liberdade humana, pois, de acordo com Sen (2004, p. 29), “o desenvolvimento deve estar relacionado, sobretudo com a melhora de vida que levamos e das liberdades que desfrutamos”.

O conceito de liberdade “envolve tanto os processos que permitem a liberdade de ações e decisões como as oportunidades reais que as pessoas têm, dadas as suas

circunstâncias pessoais e sociais” (SEN, 2004, p. 33). Porém, essa liberdade nem sempre é vivenciada pelos imigrantes, como o caso dos escravizados mencionados anteriormente, os quais tinham suas vidas presas a seus donos, sem capacidade de ir e vir conforme desejavam, sendo, na prática, produtos e não pessoas.

Desde que o Brasil foi “oficialmente descoberto”, percebe-se que o processo migratório é constante na história dele, inclusive na atualidade. É evidente que a população brasileira é constituída, em boa parte, por descendentes de imigrantes, ou seja, muitas das atuais famílias tiveram descendentes que enfrentaram dificuldades nos países de origem e optaram, devido às condições desfavoráveis para a manutenção da sobrevivência ou expressão de liberdade, imigrar em busca de melhores condições existenciais.

Sobre a formação do povo brasileiro com a vinda dos imigrantes, Ribeiro apresenta que:

Conquanto diferenciados em suas matrizes raciais e culturais e em suas funções ecológico-regionais, bem como nos perfis de descendentes de velhos povoadores ou de imigrantes recentes, os brasileiros se sabem, se sentem e se comportam como uma só gente, pertencente a uma mesma etnia. Vale dizer, uma entidade nacional distinta de quantas haja, que fala uma mesma língua, só diferenciada por sotaques regionais, menos remarcados que os dialetos de Portugal. Participando de um corpo de tradições comuns mais significativo para todos que cada uma das variantes subculturais que diferenciaram os habitantes de uma região, os membros de uma classe ou descendentes de uma das matrizes formativas (RIBEIRO, 1995, p. 21-22).

De acordo com o mesmo autor, o povo brasileiro possui diversas influências na cultura e nas tradições, advindas da miscigenação entre etnias locais e etnias dos imigrantes, corroborando para a formação dos brasileiros como “uma só gente”, mas também com características distintas entre si.

Tal afirmação ganha mais sentido e significado ao nos depararmos com a origem da pesquisadora principal, como já mencionado, neta de imigrantes ucranianos da região leste. Seus avós, da família Koziol, vieram para o Brasil em 1934, para constituir sua família, na esperança de oferecer mais dignidade e evitar os sofrimentos enfrentados em sua nação.

No século XX, a Ucrânia tornou-se palco de muitas disputas, inclusive guerras e revoluções, por possuir terras muito férteis e por ser o segundo maior país europeu em área, ficando atrás apenas da Rússia. No início do século XX, houve a Revolução Russa, seguida da devastadora Primeira Guerra Mundial. Em 1922, a Ucrânia passou a compor, junto com outras 14 repúblicas, a União das Repúblicas Socialistas

Soviéticas (URSS). Conforme Oliveira (2008), tal cenário culminou em um duro tratamento do governo central para com o povo ucraniano.

Ainda segundo Oliveira (2008), em 1927, a Era Stalinista provocou radicais transformações, especialmente pela coletivização da agricultura, ato de juntar agriculturas em uma única terra e gestão. Por exemplo, a requisição compulsória de cereais, implantada em 1928, consistia na entrega de grande parte da produção agrícola dos camponeses para o Estado por um valor irrisório.

Em 1905, em meio a tantos abalos causados por guerras e reviravoltas políticas, nasceu, na Ucrânia, Alexandre Koziol. Sua família precisava enfrentar problemas climáticos, como neve e frio extremo, o que demandava muito esforço para conseguir provisões para o período do inverno. Nesse contexto, a vida agrícola tornava-se limitada em relação a plantios e criação de animais. Todos esses aspectos influenciaram a família Koziol, bem como muitas outras famílias, a decidirem deixar a Ucrânia e buscarem melhores condições de vida na América do Sul.

1.1 A PESQUISADORA COMO MIGRANTE

Considerando que a pesquisa é realizada por uma pesquisadora que também vivenciou a migração, apresentaremos brevemente um pouco da vivência migrante que a conduziu até este estudo. Ao longo dos anos, a pesquisadora migrou de cidade várias e várias vezes, procurando melhores experiências de vida. Religiosa consagrada e pertencente à Congregação das Irmãs Catequistas de Sant'Ana, da Igreja Católica do Rito Ucraniano, desenvolve trabalhos como religiosa e teve a oportunidade de residir em seis cidades diferentes, passando, assim, a ser uma migrante. Como a grande maioria dos descendentes, identifica-se com os costumes e as tradições ucranianas, sendo que o passado se faz presente nos momentos de reza em língua ucraniana, de preparo dos alimentos e de escuta de canções ucranianas.

Para relatar sobre a vinda de seus avós de origem ucraniana ao Brasil, cabe apresentar, de forma breve, as motivações que implicaram na imigração de Alexandre e Eudóxia para o outro lado do planeta.

Conforme Oliveira (2008), a Ucrânia sofreu um ataque pela Rússia em 1922, cujo intuito era formar a URSS. Em 1930, aproximadamente sete milhões de ucranianos perderam suas vidas por inanição, consequência da medida estabelecida pelo ditador soviético Josef Stalin, que impediu a entrada de alimentos na Ucrânia.

Essa medida foi um ato de retaliação à oposição da população em não concordar com sua proposta que objetivava a agricultura coletiva.

O povo ucraniano sofria com a fome e a falta de terras férteis para o plantio. Nesse período, no Brasil, iniciava-se a busca por imigrantes brancos para povoar as suas terras. E foi juntamente com a emigração europeia, no final do século XIX, que se iniciou a emigração ucraniana, especificamente em 1881.

Alexandre Koziol, com 27 anos, e Eudóxia Koziol, com 22 anos, eram camponeses moradores na região leste da Ucrânia. Em 1932, saíram do país rumo ao Brasil, com três filhas pequenas e com a utopia de conseguirem terras férteis e amparo das guerras, pois, à época, eram constantes na Europa. A viagem de barco durou semanas, até aportarem na cidade de Paranaguá, litoral do Paraná.

Segundo Antonelli (2018), os imigrantes ucranianos se estabeleceram no Paraná devido à campanha do governo brasileiro para ocupar os vazios demográficos, obter mão de obra e prover a crise de fornecimento de mantimentos e bens primários da região paranaense. Também, nesse período, o governo buscava o clareamento da população brasileira por via da miscigenação.

Os avós da pesquisadora se estabeleceram na comunidade de Poço Bonito, município de Rebouças, no Paraná. Com eles, também estabeleceram-se outras famílias de imigrantes ucranianos, pois à época era comum formar comunidades pequenas com pessoas da mesma etnia.

Os ucranianos, além de técnicas agrícolas e trabalho braçal, trouxeram consigo a cultura ucraniana, a qual se mantém até os dias de hoje, pois a maioria dos descendentes usam a língua materna para se comunicar, preservada por meio de instituições educacionais, igrejas e imprensa. Michalzechen (2013, p. 3) reforça essa ideia ao comentar que “em regiões rurais, o dialeto ucraniano continua sendo a língua doméstica de inúmeras famílias”. Muito provavelmente, o dialeto é preservado por meio das raízes que cada antecessor repassa para seus filhos e estes fazem o mesmo sucessivamente.

A influência ucraniana se faz presente em diversos lugares. Segundo Corrent (2015), no dia a dia é possível observar a preservação da cultura. Essa preservação ocorre por meio dos nomes dados a algumas ruas de cidades, nos rostos dos descendentes, na presença do catolicismo e na ampla quantidade de edificações com estilo arquitetônico originário do leste europeu, principalmente nas igrejas.

A presença dos imigrantes ucranianos foi de grande importância para o desenvolvimento de vários municípios brasileiros. Em especial, foi responsável pelo desenvolvimento do estado do Paraná, pois esses povos, juntamente com as demais etnias, ocuparam essas terras, dedicaram-se à agricultura, formaram as cidades, cooperando com a economia do país.

Com efeito, nas últimas décadas, a imigração para o Brasil é constituída por um número expressivo de pessoas, dentre as quais destacam-se imigrantes de origem venezuelana e haitiana. Esses imigrantes buscam melhores condições de vida, principalmente inserção no mercado de trabalho, para assim conseguirem garantir a sua existência e a de seus familiares.

Neste contexto, ressalta-se que a pesquisa abordará, a seguir, a imigração haitiana no município de Pato Branco, região sudoeste do Paraná. Esses imigrantes haitianos, após conseguirem empregos em empresas locais, passam a buscar o direito da reunificação familiar, sendo que as mulheres haitianas possuem um papel fundamental no processo de trazer os filhos.

1.2 JUSTIFICATIVA

A escolha do tema de pesquisa, voltado à imigração, ocorreu após o ingresso no programa de mestrado, pois a temática é abordada por alguns de seus pesquisadores.

Além disso, a migração está vinculada diretamente ao desenvolvimento do país e de suas regiões. O sudoeste do Paraná, por sua vez, foi constituído, em suas origens, por imigrantes, majoritariamente de origem europeia, como italianos, alemães, ucranianos e poloneses.

Sabendo da importância da imigração para formar a região de Pato Branco, compreende-se a necessidade de direcionar um olhar aos imigrantes, uma vez que a imigração se faz presente na vida da população, transformando a história das pessoas, perpassando as gerações e resultando na construção cultural. Marinucci e Milesi (2005, p. 19) reforçam essa ideia ao concluírem que “as migrações são como berços de inovações e transformações. Elas podem gerar solidariedade ou discriminação; encontros ou choques; acolhida ou exclusão e até mesmo diálogos ou fundamentalismo”.

O movimento migratório que se vê no Brasil, a partir de 2010, vê-se também na região sul, e, especialmente, no sudoeste do Paraná. Nos últimos anos, principalmente haitianos migraram para a região, buscando por trabalho, proteção e dignidade.

Piscitelli (2009) destaca que, em muitos locais, a vinculação das mulheres à capacidade de gerar filhos coopera para que a principal tarefa designada a elas consista na maternidade, além de o local familiar ser considerado o seu principal lugar de atuação.

Nas famílias haitianas residentes no Brasil, as mulheres possuem duas principais funções: cuidar dos seus filhos e auxiliar na renda por intermédio do trabalho assalariado. Também desempenham papel importante no processo de reunificação familiar, pois é pela presença delas que se torna possível solicitar juridicamente a vinda dos filhos ao país. Isso propicia a reunião de todos os membros da família separados pelo processo migratório, muitas vezes por anos.

Também é possível ocorrer a chegada da mulher e, em seguida, solicitar a vinda do marido e dos filhos. A ordem da viagem é decidida entre os membros da família. De acordo com Handerson (2015), para decidir quem vai migrar primeiro, consideram-se as condições de empregabilidade e de generosidade do enviado, garantindo-se que a pessoa escolhida não irá desamparar quem investiu financeiramente na sua viagem.

Esta pesquisa é importante para a sociedade em geral por tratar sobre a presença dos imigrantes haitianos na cidade, fator que modificou a paisagem local, colaborou para o enriquecimento da interculturalidade e movimentou a economia regional.

Apresentadas, brevemente, a cronologia da migração brasileira até a chegada dos imigrantes haitianos e a justificativa deste estudo, o tópico a seguir discorre sobre a problemática e os objetivos da pesquisa.

1.3 PROBLEMÁTICA E OBJETIVOS

A Lei nº 13.445, de 24 de maio de 2017, institui a Lei de Migração e assegura aos imigrantes: direito à reunião familiar (Artigo 3º, Inciso VIII); direito à reunião familiar do migrante com seu cônjuge ou companheiro e seus filhos, familiares e dependentes

(Artigo 4º, Inciso III). Desse modo, está previsto na Lei o direito à reunião da família por parte dos imigrantes.

Percebe-se que a maioria dos imigrantes vindos do Haiti para o Brasil são homens, sendo eles os primeiros a chegarem e, posteriormente, costumam vir mulheres. Segundo Duarte (2018, p. 22), “inicialmente, essa migração foi majoritariamente masculina e jovem, e agora está em uma nova fase de reagrupamento familiar”.

A vinda da mulher torna mais fácil a obtenção dos vistos para os filhos, sendo assim, a mulher haitiana possui um papel fundamental nesse processo de imigração. De acordo com Jordão (2015, p. 81), “cada vez mais, mulheres haitianas buscam o Brasil como uma opção de rota para a imigração”, conseqüentemente o número da imigração feminina cresce.

Frente ao exposto, a pergunta orientadora deste estudo foi: **Quais são as dificuldades e os desafios enfrentados pelas mulheres haitianas, residentes na cidade de Pato Branco-PR, para a reunificação familiar?**

Por meio dessa pergunta, elaborou-se o objetivo geral da pesquisa, o qual consistiu em analisar, sob a ótica das mulheres haitianas, as dificuldades e desafios enfrentados para a reunificação familiar. E, para dar conta de atendê-lo, apresentaram-se quatro objetivos específicos:

1. Analisar a nova Lei de Migração quanto a avanços aos direitos da mulher estrangeira em relação à reunificação familiar;
2. Descrever como ocorreu o processo de imigração das mulheres haitianas para a cidade Pato Branco-PR;
3. Identificar, na cultura haitiana, a importância atribuída à família e, de modo especial, à reunificação familiar;
4. Discutir as dificuldades e os desafios enfrentados pelas mulheres haitianas no processo de reunificação familiar.

Na seção seguinte, abordam-se em maior profundidade todos os aspectos metodológicos utilizados nesta pesquisa.

1.4 MARCO METODOLÓGICO

Partindo da perspectiva das mulheres haitianas residentes na cidade de Pato Branco-PR, esta pesquisa possui como objetivo analisar as dificuldades e os desafios

enfrentados por elas para a reunificação familiar. Para o seu desenvolvimento, foi utilizada a pesquisa do tipo exploratória. Para a análise dos dados, foi escolhida a abordagem qualitativa. Segundo Mascarenhas (2012, p. 46), “a pesquisa exploratória é recomendada para quem pretende criar mais familiaridade com um problema para, depois, criar hipóteses sobre ele”. Esse tipo de pesquisa busca a explicação sobre determinado objeto de estudo, levando o pesquisador a conhecer melhor sobre o assunto e assim poder dar continuidade em sua investigação.

Sobre a abordagem qualitativa escolhida, “além de ser uma opção do investigador, justifica-se, sobretudo, por ser uma forma adequada para entender a natureza de um fenômeno social” (RICHARDSON, 2014, p. 79).

A coleta de dados foi realizada por meio de entrevistas orais, gravadas em áudio, com a devida autorização das participantes. Essa opção ocorreu porque as mulheres haitianas não possuíam domínio da língua portuguesa, principalmente da modalidade escrita, por residirem há pouco tempo no Brasil. Algumas delas eram iniciantes em um curso específico de língua portuguesa para haitianos, desenvolvido voluntariamente em um contexto educativo não formal. De acordo com Santos (2012, p. 261), “a entrevista é um excelente instrumento de pesquisa e é largamente usada no mundo das organizações, com múltiplas finalidades”. Ela também possui uma aproximação entre o pesquisador e o entrevistado, facilitando o diálogo.

Sobre a elaboração das questões de uma entrevista, Santos (2012, p. 261) apresenta que:

A entrevista pode ser estruturada ou padronizada e não estruturada. No primeiro tipo, as perguntas são as mesmas para todos os entrevistados, o que garante maior controle nas respostas, inclusive no resultado do estudo ou pesquisa. No segundo, o entrevistado tem maior liberdade para formular suas respostas e o entrevistador não está obrigado a obedecer a qualquer tipo de roteiro preestabelecido. Como desvantagem, apresenta a dificuldade em reorganizar e quantificar os dados recolhidos.

Para esta pesquisa, seguiu-se a forma semiestruturada, a qual facilita o domínio das respostas para realização da interpretação dos dados coletados e permite ainda melhor entendimento sobre as informações levantadas. As perguntas foram formuladas pela pesquisadora, de modo a responder a problemática da pesquisa.

A análise dos dados teve ênfase qualitativa conforme as seguintes categorias analíticas: imigração; imigração de mulheres haitianas; reunião familiar; filhos;

dificuldades e desafios para reunir a família. Tais categorias foram estabelecidas previamente e em consonância com o referencial teórico adotado.

Sobre as questões éticas envolvidas no trabalho com dados coletados por meio de interações com pessoas, ressalta-se que este estudo foi submetido ao Comitê de Ética da Universidade Tecnológica Federal do Paraná em 24 de setembro de 2020 e recebeu aprovação em 08 de outubro de 2020, sob o registro 4.329.090.

A próxima seção apresenta o município de Pato Branco, local onde as entrevistadas residem.

1.5 LÓCUS DA PESQUISA

Como já descrito, a pesquisa foi realizada com mulheres imigrantes haitianas, residentes em Pato Branco, estado do Paraná (Figura 1), sendo elas protagonistas do processo de reunificação familiar.

Figura 1– Localização do município de Pato Branco-PR



Fonte: Raphael Lorenzeto de Abreu (2006).

A cidade de Pato Branco está localizada na região sudoeste do Paraná. Sua população é de 83.843 habitantes (IBGE, 2020), com Índice de Desenvolvimento Humano de 0,782 (IDH, 2010). Ademais, a cidade é a 3ª melhor em qualidade de vida no Paraná e a 113ª no Brasil.

O município possui área territorial de 539.029 km², conta com 45 bairros, 2 distritos e 34 comunidades localizadas na área rural. Sua densidade demográfica é de 146,58 habitantes por km² e faz divisa com os municípios de Itapejara D'Oeste, Coronel Vivida, Honório Serpa, Clevelândia, Mariópolis, Vitorino e Bom Sucesso do Sul (IPARDES, 2016).

Pato Branco foi um dos muitos destinos de imigrantes haitianos após o desastre do terremoto de 2010 no Haiti. O povo possuía a necessidade de procurar oportunidades de trabalho e, desse modo, acabou chegando à cidade paranaense. Em um primeiro momento, a imigração haitiana ocorreu para o norte do Brasil, porém os imigrantes não conseguiam conquistar empregos naquela região. Pato Branco, nessa época, possuía uma grande necessidade de mão de obra não qualificada em empresas agroindustriais. Sendo assim, empresários locais uniram esforços para trazer grupos de imigrantes com o objetivo de sanar a lacuna de falta de mão de obra; enquanto os imigrantes, diante da oportunidade de estabelecimento empregatício, aceitaram a vinda até a cidade. Isso era benéfico para ambas as partes, pois os imigrantes haitianos já chegavam contratados por essas empresas que passavam a ter a mão de obra que tanto precisavam.

Após esse período de chegada dos primeiros imigrantes até a cidade, novos grupos tomaram o mesmo rumo até Pato Branco. Porém, à medida que as vagas eram preenchidas nas agroindústrias, muitos haitianos acabavam vindo por conta própria até a cidade no intuito de conquistar qualquer oportunidade de trabalho, arcando com suas próprias despesas ou até sendo financiados por familiares.

A coleta de dados ocorreu por meio de entrevistas com um grupo de 10 mulheres imigrantes haitianas que participavam de aulas de língua portuguesa na Paróquia São Pedro Apostolo, ligada à Igreja Católica. Os critérios para a participação incluíam a necessidade de serem mulheres haitianas vindas para reunir suas famílias; e, certamente, que desejassem e aceitassem contribuir com a pesquisa.

A Figura 2 é uma fotografia da Paróquia, situada na Rua Tocantins, número 2265, Centro, local em que ocorriam os encontros semanais dos haitianos para as aulas de língua portuguesa e também encontros da Organização Universal para o

Desenvolvimento Sociocultural (OUDES), também conhecida como Associação dos Haitianos.

Figura 2 - Paróquia São Pedro Apóstolo, Pato Branco-PR



Fonte: Pingo Photos (2016).

Até a finalização desta pesquisa, os encontros com os grupos de haitianos ocorriam aos sábados², às 17 horas, nas salas de catequese 04, 05 e 06. Durante esses encontros, eram tratados assuntos de interesse do imigrante e ministradas aulas de língua portuguesa, pois os alunos dominavam principalmente o crioulo haitiano³ e o francês. Os imigrantes eram divididos em três grupos, de acordo com o nível de conhecimento linguístico naquele momento.

Por meio da metodologia indicada, foram levantados os dados necessários para responder ao problema de pesquisa, relacionado aos desafios enfrentados pelas mulheres imigrantes para a reunificação familiar.

A seguir, apresentaremos brevemente os demais capítulos dessa pesquisa.

² Os encontros ficaram suspensos durante o período da pandemia do Coronavírus, em 2020 e 2021.

³ Língua do Haiti, construída de uma mistura do francês com línguas africanas. (HANDERSON, 2015, p.539).

1.6 APRESENTAÇÃO DOS CAPÍTULOS

Esta pesquisa está organizada em quatro capítulos. No primeiro, apresenta-se a parte introdutória referente à imigração, a justificativa do estudo, a problemática da pesquisa, os objetivos e a metodologia. O segundo, por sua vez, aborda sobre a imigração do Haiti para o Brasil, a partir do ano de 2010, trazendo uma apresentação sobre as condições vivenciadas pela população em seu país de origem. Em seguida, o Capítulo 3 expõe sobre a importância da família para os imigrantes haitianos, a casa, lugar de respeito aos antepassados, suas tradições, a religiosidade e os desafios enfrentados pelas mulheres imigrantes para a reunificação familiar. No Capítulo 4, analisam-se os dados e, ao final, apresentam-se as últimas considerações deste estudo.

2 MULHERES IMIGRANTES HAITIANAS: O BRASIL COMO DESTINO

Este capítulo explana sobre a trajetória dos imigrantes que deixam o Haiti para buscar uma condição de vida melhor no Brasil ou buscam o país como uma rota para seguir até outros países, a partir do ano de 2010. Também apresenta fatores que influenciaram essa imigração e aborda o conteúdo da Lei de Migração em relação aos direitos dos imigrantes.

2.1 IMIGRAÇÃO HAITIANA PARA O BRASIL, A PARTIR DE 2010

Recentemente, o número de imigrantes está crescente no mundo. Muitas pessoas procuram na imigração uma oportunidade para conseguir uma vida digna. Fatores como as catástrofes naturais, pobreza, falta de emprego, de segurança, entre outros, levam à busca por oportunidades de sobrevivência em outros países.

Para fins contextuais, o Quadro 1 apresenta a cronologia da imigração para Brasil, de 1500 a 2012.

Quadro 1 - Linha do tempo da imigração para o Brasil – 1500 a 2010

1500 a 1747	Através da política privatista do território, donos importam escravos da África. Período colonial é marcado pela imigração portuguesa e o tráfico de escravos africanos. Estima-se em 4 milhões os escravos trazidos para o Brasil.
1747	Provisão Régia autoriza a imigração de açorianos em Santa Catarina e Rio Grande do Sul.
1808	Início da política de imigração de núcleos coloniais, trazendo inicialmente chineses, suíços, alemães e italianos.
1850	Política de imigração de mão de obra para fazendas de café e cana e para ocupação de áreas de florestas.
1872 e 1929	Chegada de 4,1 milhões de estrangeiros, sobretudo em SP, RS, SC, PR e RJ, sendo 1,5 milhão da Itália, 1,2 milhão de Portugal, 574 mil da Espanha, 165 mil da Alemanha e 85 mil do Japão. Também de muitos outros países, como China, Suíça, Inglaterra, Rússia, Polônia, França, Grécia, Áustria.
1891	Política de barreiras para africanos e asiáticos.
1934 a 1937	Políticas de cotas. Os imigrantes são proibidos de quaisquer atividades político-partidárias, associativas, manifestações culturais, inclusive a fala da língua pátria do imigrante.
1945	Política de flexibilização para acolher refugiados e deslocados da Segunda Guerra Mundial. Nos registros do IBGE, os brasileiros que retornam são imigrantes. Da imigração nesse período, uma grande parte – 61,2% a 65% - é constituída por brasileiros que retornaram.

1969 a 1980	Estatuto do Estrangeiro adota a política da ideologia da segurança nacional. Para isso, a lei passou a dar ao estrangeiro o tratamento de regime policial e penal.
1988	A Constituição Federal deixa a questão migratória para a lei ordinária, que até hoje permanece a do período ditatorial, dá ao Estado o poder de legislar sobre a cidadania (quem pode ser e quem não pode ser cidadão brasileiro) e introduz inovações, como: todos os residentes no país tem seus direitos fundamentais resguardados e é beneficiário das políticas sociais.
2000 – 2010	A maior parte de imigrantes neste período foram dos EUA, Japão, Paraguai, Bolívia e União Europeia em geral.
2010	Inicia-se a imigração de haitianos para o nosso país. Atualmente, em torno de 60.000 chegaram ao Brasil.
2012	Chegada de imigrantes haitianos em Pato Branco – PR.

Fonte: Adaptado de Pedro e Bernartt (2015, p. 4).

Percebe-se que a imigração teve início em 1500, sendo marcada pela imigração portuguesa e o tráfico de escravos. Na linha do tempo, mais distante, muitos imigrantes europeus, assim como asiáticos (japoneses, chineses, etc.), foram recebidos no Brasil. Em tempos mais recentes, além de o país ainda receber imigrantes de matriz europeia ou mesmo asiática, ele passou a receber também muitos latino-americanos (bolivianos, venezuelanos, paraguaios, cubanos, etc.). Dentre eles, o fluxo de haitianos para o Brasil é um dos mais recentes de todos, datando sobretudo a partir de 2010 (PEDRO; BERNARTT, 2015).

Além da falta de segurança, ao longo dos anos, o Haiti tem enfrentado diversas dificuldades relacionadas a catástrofes naturais, agravadas com o terremoto de 2010. Conforme Sutter e King (2012, p. 241), “com um passado marcado por insegurança política e conflitos armados, os haitianos vêm lidando, há décadas, com as consequências da violência sobre a qualidade de vida”.

Uma consequência do terremoto foi o aumento da pobreza e desemprego. Devido à dificuldade do país para se reestabelecer, muitos habitantes buscaram uma saída. Famílias enviavam uma pessoa para outro país em busca de conseguir trabalho e enviar remessas financeiras para aqueles que continuavam enfrentando as dificuldades existentes no Haiti.

A figura 3 apresenta a localização geográfica do Haiti no mapa mundial.

Figura 3- Mapa do Haiti



Fonte: Gazeta do Povo (2014).

Por ser uma ilha, o país está exposto a diversas catástrofes naturais. Muito se perdeu com a devastação ocorrida após o terremoto de 2010, a exemplo das escolas. Elas foram reconstruídas em madeira, próximas aos acampamentos, também foram edificadas instalações provisórias para continuação dos cursos universitários, devido à Universidade do Estado do Haiti ter sido destruída. Inúmeras crianças permaneceram sem estudar e as que retornaram às escolas manifestaram dificuldades de aprendizagem, causadas principalmente pelo estado emocional desses alunos (SUTTER; KING, 2012).

A pobreza é um dos motivadores que levam à decisão da partida. Sobre essa questão, Sen (2004, p.120), apresenta que:

A pobreza deve ser vista como privação de capacidades básicas em vez de meramente como baixo nível de renda, que é o critério tradicional de identificação da pobreza. A perspectiva da pobreza como privação de capacidades não envolve nenhuma negação da ideia sensata de que a renda baixa é claramente uma das causas principais da pobreza, pois a falta de renda pode ser uma razão primordial da privação de capacidades de uma pessoa.

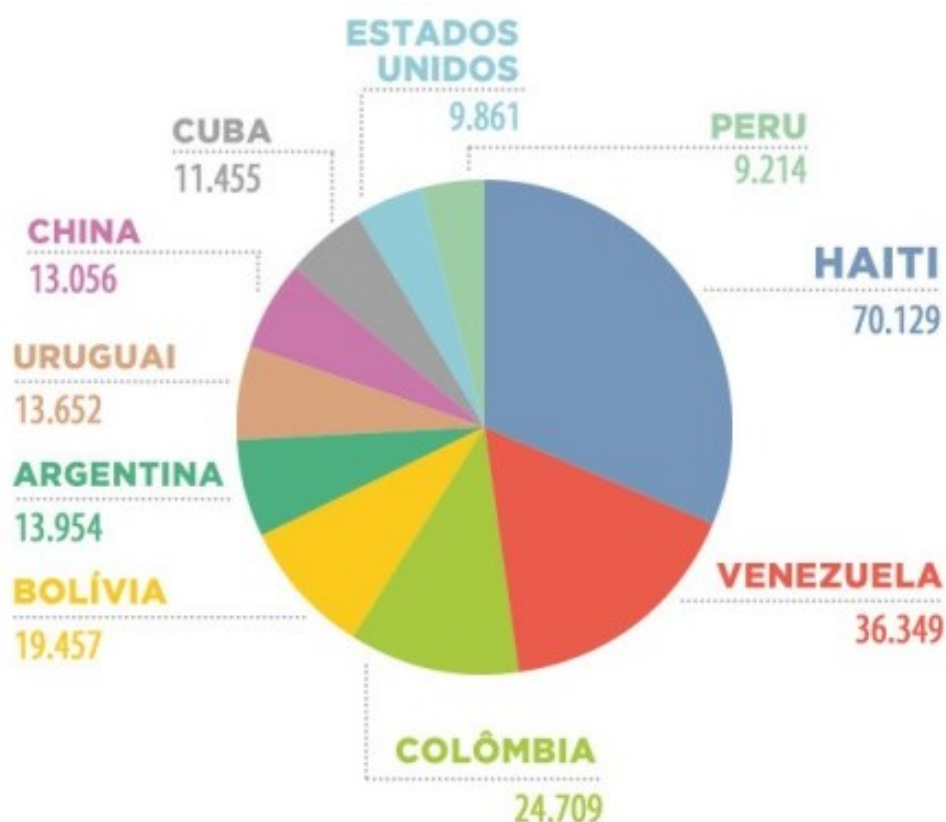
Seguindo esse raciocínio, Sutter e King (2012, p. 242) explicam que as condições de vida dos haitianos foram agravadas, pois “após o terremoto, diversas famílias da capital e do epicentro do terremoto passaram a viver em abrigos urbanos

improvisados e outras acamparam no terreno de suas antigas casas destruídas”. Com isso, é possível entender que a imigração passa a ser uma opção cada vez mais necessária à sobrevivência de algumas famílias haitianas.

Sobre a migração haitiana para o Brasil, Zamberlam et al. (2014, p. 22) relatam que “nos últimos 4 anos cerca de 38 mil haitianos imigraram para o Brasil”. Os autores acrescentam que o objetivo dos haitianos, além da sobrevivência e busca por uma vida melhor, também é auxiliar os familiares que ficaram no país de origem, os quais contam com o envio de remessas financeiras para suprir suas necessidades básicas.

Atualmente, no Brasil, a população de imigrantes que possui maior número de registro é de origem haitiana, conforme apresentado no Gráfico 1.

Gráfico 1– Número de haitianos com registro no Brasil



Fonte: Polícia Federal (2019).

Pela leitura dos dados, observa-se que os imigrantes haitianos totalizaram 70.129 registros realizados junto à Polícia Federal brasileira até janeiro de 2019. Essa população apresenta um número de imigrantes superior às demais nacionalidades, como venezuelanos, colombianos, bolivianos e outros.

A Tabela 1 apresenta dados de registros de imigrantes no período de fevereiro de 2019 a fevereiro de 2020.

Tabela 1 - Número de registros de migrantes, por mês de registro e sexo, segundo principais países – Brasil, fevereiro/2019 e janeiro/2020

Principais países	Fevereiro/19			Janeiro/20			Fevereiro/20		
	Total	Homens	Mulheres	Total	Homens	Mulheres	Total	Homens	Mulheres
Total	14.198	7.949	6.249	17.741	10.278	7.463	16.752	9.573	7.179
ARGENTINA	466	254	212	448	231	217	462	258	204
BOLÍVIA	902	463	439	441	220	221	364	175	189
CHINA	298	210	88	238	147	91	146	91	55
COLÔMBIA	829	523	306	512	336	176	635	403	232
CUBA	107	64	43	100	57	43	73	41	32
FRANÇA	320	144	176	112	63	49	149	78	71
HAITI	1.849	1.039	810	2.573	1.429	1.144	3.080	1.746	1.334
PARAGUAI	240	115	125	165	89	76	218	109	109
PERU	314	176	138	183	114	69	244	147	97
URUGUAI	479	283	196	319	186	133	224	130	94
VENEZUELA	6.044	3.170	2.874	9.723	5.069	4.654	8.335	4.337	3.998
Outros países	2.350	1.508	842	2.927	2.337	590	2.822	2.058	764

Fonte: Elaborado pelo OBMigra, a partir dos dados da Coordenação Geral de Imigração Laboral/ Ministério da Justiça e Segurança Pública, fevereiro/2019 e janeiro e fevereiro de 2020

Fonte: OBMigra (2020).

De acordo com a Tabela 1, o registro total de imigrantes haitianos em fevereiro de 2019 totalizou 1849, sendo 1039 homens e 810 mulheres. Por sua vez, em fevereiro de 2020, o número de imigrantes totalizou 3080, os quais 1746 eram homens e 1334 eram mulheres.

A partir desses dados, é possível perceber o aumento no número da imigração haitiana para o Brasil. Também fica evidenciado que a imigração masculina ainda é um pouco maior do que a feminina, ou seja, os homens continuam a imigrar mais do que as mulheres. No entanto, o número de mulheres imigrantes haitianas vem aumentando significativamente ao longo dos anos.

Sobre a reunificação familiar, a Lei nº 13.445, de 24 de maio de 2017, institui a Lei de Migração e traz os seguintes direitos aos migrantes: Artigo 3º, inciso VIII – garantia do direito à reunião familiar; Artigo 4º, inciso III – direito à reunião familiar do migrante com seu cônjuge ou companheiro e seus filhos, familiares e dependentes. Sendo assim, está previsto na Lei o direito a reunir a família. Nesse cenário, a mulher possui um papel importante, pois é por intermédio dela que os filhos podem vir ao país. Em outras palavras, a mulher imigrante é o ponto que faz a junção de toda a família.

Mejía e Cazarotto (2017) também afirmam que a imigração feminina possui o objetivo de reunir a família. Imigra primeiro a mulher em relação aos filhos. Essas mulheres cumprem uma função estrutural no processo de imigrar, pois estabilizam a vida dos maridos, os quais já imigraram, auxiliando-os no novo país com a divisão das funções familiares. Desse modo, é inegável que a mulher possui um lugar muito importante na vida dos cônjuges.

Araújo e Almeida (2019, p. 122) comentam que “a experiência migratória é diferente para homens e mulheres, devido às construções do que é ser feminino e masculino, inerentes a cada sociedade”. As autoras também relatam que a decisão de quem vai imigrar está pautada nos costumes de cada país; sendo assim, geralmente, os imigrantes do Haiti optam por enviar primeiro um homem, considerando uma maior probabilidade de conseguir meios para se estabelecer e depois auxiliar os demais familiares.

Há uma concepção equivocada de que a mulher haitiana apenas tem realizado o papel de acompanhante passiva ou de dependente de seus companheiros na migração (ARAÚJO; ALMEIDA, 2019). Essa dependência não pode ser generalizada, em virtude de algumas mulheres fazerem a travessia antes dos homens e serem protagonistas na busca por suas famílias. Sobre essa dimensão, Handerson (2015, p.186) assevera haver “uma relação estreita entre as pessoas que partem e as que ficam. Isso incide especialmente nas relações diferenciais entre os maridos que viajam e as mulheres que ficam e vice-versa”.

Apresentada a vinda dos imigrantes haitianos ao Brasil a partir de 2010, o seguinte tópico discorre sobre os fatores que levaram os haitianos a buscar a imigração.

2.2 FATORES QUE LEVAM À MOBILIDADE HAITIANA

A imigração não ocorre por acaso. Ela está relacionada a algum evento disruptivo para com as histórias das pessoas. Os principais motivos costumam variar entre família, cultura, religião e amizades. Por serem muitas as perdas na vida de um imigrante, a motivação para aderir ao processo de travessia a outro país está intrinsecamente relacionada às vivências na própria nação.

Dada a dificuldade de se manter vivo em um país que apresenta tantos problemas de segurança e às vezes também causados pela natureza, fica clara a

necessidade da busca do imigrante por uma existência melhor para si e para os seus em outras nações.

Sobre os motivos que levam as pessoas a buscarem outro país, Motoki et al. (2012) discorrem sobre as diversidades econômicas e sociais entre países e regiões de um mesmo país, gerando espaços de atração e repulsão dos migrantes. Em determinados lugares, os salários podem ser mais altos e haver carência de pessoas para ocuparem alguns empregos, especialmente os que exigem pouca qualificação. Em outros, há áreas em que a miséria, a concentração de terras e o problema para conseguir bens levam muitas pessoas a abandonarem suas moradias, com a esperança de uma vida mais digna; então passar a viver uma realidade distinta com anseios de promoção social. Ainda de acordo com os autores, é evidente que, na maioria das vezes, o mesmo lugar que atrai uma leva de pessoas acaba excluindo outras por diversos motivos. No entanto, essas distinções não são assim tão rigorosas umas das outras.

As desigualdades existentes entre nações levam pessoas mais necessitadas a procurarem meios de suprir suas necessidades. Sendo assim, migrantes buscam por países com economias estáveis para tentar melhorar seu estado financeiro, bem como superar perseguições existentes e dificuldades encontradas em seus próprios países.

Sobre as perseguições sofridas pela população devido à política, Fortes e Silva (2014), citados por Zamberlam et al, (2014, p. 26), afirmam que:

A população haitiana sofre uma perseguição política permanente, pois até hoje os países que comandam a hegemonia política e economia no mundo não querem permitir que uma república de negros e negras viva feliz. Dessa forma o Haiti sempre sofreu e continua pagando caro o preço da liberdade que a França cobrou por sua independência: a invasão dos EUA (1915 – 34) para proteger seus privilégios comerciais no país, favorecendo a elite mulata haitiana em conflito com a população negra; as ditaduras também apoiadas pelos governos norte-americanos; e hoje da ONU, atualmente por meio da MINUSTAH, que significa, principalmente, uma forma de ocupação militar, dominação e colonização humanitária, como chamam.

Assim sendo, a população do Haiti encontra graves dificuldades para enfrentar os problemas relacionados ao desenvolvimento do país. Em meio a questões limitadoras, ainda é possível recorrer a créditos no setor bancário, fundos internacionais e recursos de campanhas, de associações e de cooperativas.

Zamberlam et al. (2014) também abordam a questão do financiamento solidário liderado pela sociedade civil (organização de base, ONGs e igrejas). Apesar de suas limitações, tal modalidade de ajuda tem uma chance maior de impactos imediatos

sobre a pobreza do que recorrer às políticas econômicas neoliberais, pois elas não dão acesso ao crédito e financiamento formal no sistema bancário para uma imensa parcela de pobres, privilegiando os grandes clientes.

Conforme Zamberlam et al. (2014, p. 27/28) “as práticas de economia social e solidária, cooperativas conduzidas por organizações haitianas de base, grupos de mulheres e outros grupos comunitários, são uma alternativa para os que não têm acesso a crédito formal”. Ainda de acordo com o autor são essas instituições de microcrédito que geram impactos significativos no desenvolvimento humano, na área educacional, na saúde, alimentação e agricultura. E, também, nas áreas de finanças, economia e comércio (ZAMBERLAM et al., 2014). Essas fontes de créditos auxiliam no desenvolvimento do Haiti, mesmo sendo pouco quando observada a grande necessidade de uma população sofrida com tantas catástrofes e misérias causadas pela própria raça humana. Em outras palavras, essas fontes de créditos possuem grande importância e atingem positivamente, mesmo que em pequenas proporções diante da problemática.

Como citado anteriormente, também há migrantes que buscam refúgio em países vizinhos ou até mesmo distantes. Eles solicitam o refúgio para se protegerem de adversidades no país em que vivem.

Especificamente sobre a situação dos refugiados:

A migração ou circularidade migratória também é realidade para os deslocados e refugiados que procuram fugir de catástrofes ambientais e mudanças climáticas que inviabilizam a sua sobrevivência ou fogem de conflitos étnicos, culturais, políticos e de guerras que põem suas vidas em risco. O UNHCR (2016) estima que há cerca de 65,3 milhões de pessoas migrantes forçadas no mundo. Desse contingente, 21,3 milhões são refugiados, 3,2 milhões são solicitantes de refúgio e aproximadamente 40,8 milhões de pessoas são deslocadas internas (*desplazadas*) em seu país. 1 em cada 113 pessoas no planeta solicita acolhida como refugiada ou já vive como deslocada ou refugiada em um país. (PEREIRA, 2016, p. 102-103)

No Brasil, algumas entidades acolhem os imigrantes que se encontram em situações de risco, devido à condição que o motivou a deixar tudo e partir, lutando em busca de uma oportunidade de conquistar sua estabilidade. Conforme destacado por Gomes (2016, p. 14), “a Proteção Social Especial (PSE) organiza, no âmbito do SUAS, a oferta de serviços, programas e projetos de caráter especializado, destinado a famílias e indivíduos em situação de risco pessoal e social, com violação de direitos”. A autora apresenta que a separação do imigrante de sua família acaba levando-o a

ser vulnerável e a necessitar de auxílio de organizações de acolhimento, uma vez que ele esteja só e sem apoio das pessoas próximas.

Sobre as ofertas dos serviços tão fundamentais para garantir a proteção desses indivíduos, que são considerados desprotegidos já que se encontram em um país totalmente diferente, Gomes (2016, p.14) apresenta aqueles oferecidos pelo Brasil:

A oferta destes serviços pressupõe necessária atenção à intersetorialidade e ao trabalho em rede com a Proteção Social Básica, com as demais políticas sociais e com órgãos de defesa de direitos (Poder Judiciário, Ministério Público, Conselhos Tutelares). Considerando os níveis de agravamento, a natureza e a especificidade do atendimento ofertado, a atenção na Proteção Social Especial organiza-se em Média e Alta Complexidade. Na proteção especial de média complexidade, o atendimento é realizado em grande parte no Centro de Referência Especializado de Assistência Social – CREAS – por meio do Serviço de Proteção e Atendimento Especializado a Famílias e Indivíduos (PAEFI).

Referente ao acolhimento do migrante, Zamberlam et al. (2014, p. 29) afirmam que “a Igreja Católica e as Protestantes são um ponto de referência da esperança para os haitianos. Todas as igrejas lutam pela mesma causa: dar condições dignas de vida a esse povo”. Após chegar no Brasil, os grupos de haitianos costumam contar com o apoio das igrejas, sendo acolhidos por elas.

Para o acolhimento do imigrante, no Brasil, registra-se a atuação do Instituto de Migrações e Direitos Humanos (IMDH), situado em Brasília-DF, cuja missão consiste em: promover o reconhecimento da cidadania plena de migrantes, refugiados e apátridas, atuando na defesa de seus direitos, na assistência social, jurídica, humanitária e religiosa, por sua integração na sociedade e inclusão em políticas públicas, com especial atenção às situações de maior vulnerabilidade (IMDH, 2019). Esse Instituto ampara inúmeros imigrantes e auxilia na adaptação à realidade brasileira. Tal ajuda é fundamental e variados são os desafios, conforme apresenta Pereira (2016, p. 101) ao discutir sobre a acolhida:

A acolhida a migrantes e refugiados constitui uma questão social, ética, política, cultural, econômica, humanitária. Diz respeito também à real consistência da democracia em uma sociedade. A acolhida também está ligada diretamente à capacidade de produção e reprodução da democracia em um país. Nesse sentido, ela representa desafios a governos, empresas, movimentos populares e instituições como Igrejas, universidades, sindicatos, associações que se relacionam regularmente com o migrante, com o outro.

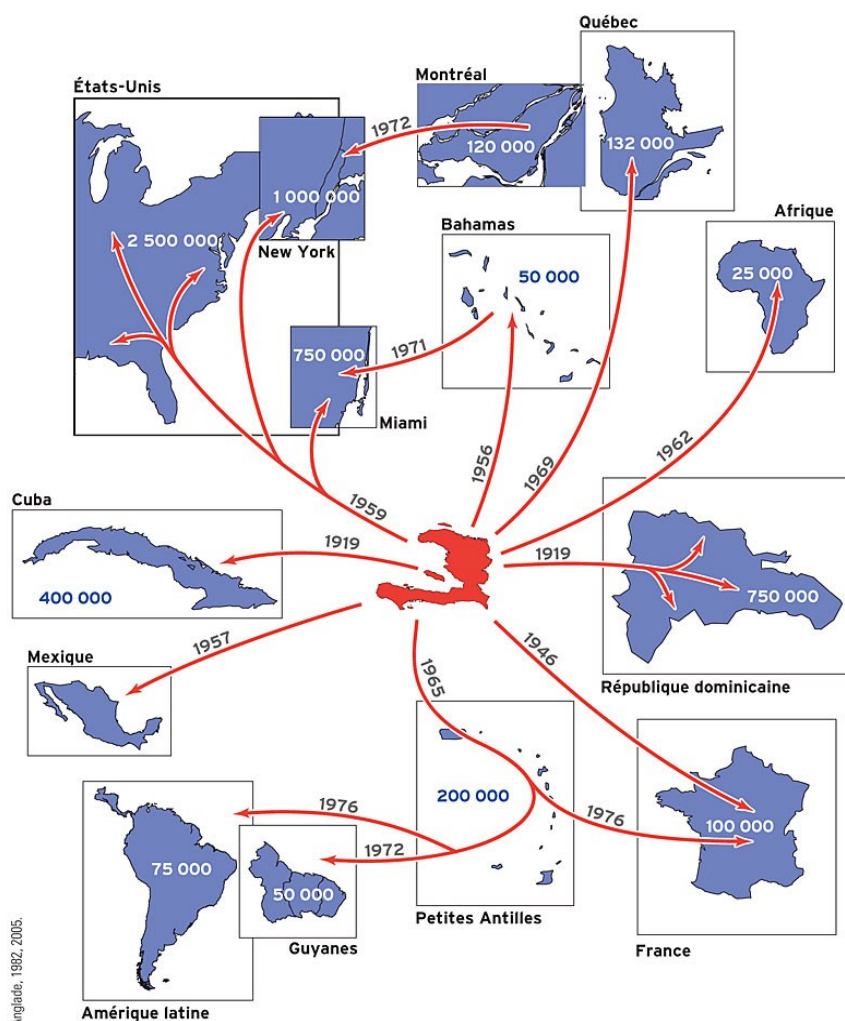
As questões voltadas à cultura e aos valores possuídos pelos migrantes levam à percepção da diferença existente entre eles e os habitantes locais. Além do respeito,

os imigrantes precisam de meios para a integração social, como oportunidades para aprender a língua local e atividades recreativas, como esporte e momentos de lazer que auxiliam na interação e na adaptação ao novo e desconhecido. Em especial, o Brasil é bem-visto como país que dá acolhimento aos estrangeiros. Além disso, possui rotas de entrada que favorecem novas imigrações na atualidade (ZAMBERLAM et al., 2014).

Além de tentarem melhores condições de vida no Brasil, é importante evidenciar que os imigrantes haitianos buscam sobrevivência em diversos países do mundo, como vemos na Figura 4:

Figura 4- Haitianos no mundo

Les Haïtiens dans le monde



© Georges Anglade, 1982, 2005.

Les deux grandes vagues migratoires du XX^e siècle, 1915-1935, 1965-1985, ont créé la diaspora qui, au Tricentenaire, 2005-2104, fait partie du nouvel espace haïtien.

Fonte: Georges Anglade (1982, 2005).

A ilustração da Figura 4 retrata a grande onda de imigração dando origem à diáspora haitiana. Ao analisá-la sob o aspecto da imigração pelo mundo, pode-se perceber que já vem ocorrendo há décadas e apresenta um número significativo de pessoas que deixaram o Haiti em busca de condições para uma melhoria de vida, buscando mais dignidade e uma condição social que lhes permita a sobrevivência. A primeira imigração foi para Cuba, no final do século XIX. Desde então, essas emigrações são sazonais, sendo permanentes ou temporárias.

Com a esperança de melhores condições de empregos, os haitianos seguiram essa rota de travessia até chegar ao Brasil. Segundo Giacomini (2017), devido a condições relacionadas à cultura, ao meio ambiente, à política e à economia, inúmeros haitianos começaram a emigrar para outros países, dentre eles o Brasil. Em meados de 2010, um grande grupo de haitianos chegou sem documentação no Brasil, especialmente através da fronteira com o Acre e com o Amazonas.

Permanece, atualmente, a vinda de haitianos ao Brasil, sendo que muitos deles solicitam refúgio, conforme retratado na Tabela a seguir.

Tabela 2 – Número de solicitações de refúgio, por mês e sexo, segundo principais países – Brasil, fevereiro/2019 e janeiro de 2020

Principais países	Fevereiro/19			Janeiro/20			Fevereiro/20		
	Total	Homens	Mulheres	Total	Homens	Mulheres	Total	Homens	Mulheres
Total	7.000	3.774	3.226	6.782	3.883	2.899	5.614	3.293	2.321
VENEZUELA	5.355	2.743	2.612	3.421	1.818	1.603	2.689	1.390	1.299
HAITI	523	330	193	2.395	1.408	987	2.105	1.322	783
CUBA	461	232	229	325	201	124	245	151	94
CHINA	116	75	41	101	57	44	76	50	26
ANGOLA	48	26	22	52	25	27	61	37	24
BANGLADESH	43	40	3	75	70	5	41	41	
SENEGAL	9	9		33	32	1	90	87	3
COLÔMBIA	37	25	12	33	20	13	22	14	8
NIGÉRIA	17	14	3	46	40	6	27	21	6
ÍNDIA	64	64		9	7	2	11	9	2
OUTROS PAÍSES	327	216	111	292	205	87	247	171	76

Fonte: Elaborado pelo OBMigra, a partir dos dados da Polícia Federal, Solicitações de REFÚGIO, fevereiro/2019 e janeiro e fevereiro de 2020.

Fonte: OBMigra (2020).

De acordo com a Tabela 2, o número de solicitações de refúgio por haitianos chegou a 523, em fevereiro de 2019; e a 2395, em janeiro de 2020. Contudo, totalizou 2105, em fevereiro de 2020, reduzindo o número de solicitações se comparado ao mês de janeiro do mesmo ano.

Na atualidade, essa vinda de haitianos ao Brasil continua, com a intenção de buscar legalização para o processo, conseguir ingressar em uma empresa com contrato de trabalho e também melhorar a qualidade de vida e ajudar a família. A seguir, relata-se acerca do tratamento sobre a imigração pela legislação brasileira.

2.3 LEGISLAÇÃO BRASILEIRA E IMIGRAÇÃO

Segundo Menezes (2001, p. 124), “a preocupação governamental com os espaços vazios ensejou algumas tentativas de atração de imigrantes visando ao povoamento principalmente dos territórios de fronteira com as colônias espanholas”. Com a colonização, surgiu a necessidade de ocupar as terras brasileiras, por meio da vinda de imigrantes, principalmente de origem europeia, sendo estabelecida a Lei nº 601, de 18 de setembro de 1850, conhecida como Lei de Terras. Para Frazão (2017, p. 1108), esse “foi um dos marcos de implementação da política migratória no Brasil”.

Segundo o Artigo 18 da Lei de Terras:

O Governo fica autorizado a mandar vir annualmente á custa do Thesouro certo numero de colonos livres para serem empregados, pelo tempo que for marcado, em estabelecimentos agricolas, ou nos trabalhos dirigidos pela Administração publica, ou na formação de colonias nos logares em que estas mais convierem; tomando anticipadamente as medidas necessarias para que taes colonos achem emprego logo que desembarcarem. (BRASIL, 1850)

Percebe-se que o governo pagava os custos da vinda desses imigrantes, objetivando povoar suas terras. De acordo com Frazão (2017), no começo do século XX, ocorreu uma redução significativa na vinda de imigrantes europeus para o Brasil. E, para modificar esse quadro, foi estabelecido o Decreto nº 528, de 28 de junho de 1890, com o intuito de regular o ofício de admissão e localização dos estrangeiros, tornando-se livre a entrada de pessoas no Brasil, com exceção aos asiáticos, africanos e índios, os quais precisariam da aprovação do Congresso Nacional para entrar no Brasil.

A partir do Decreto nº 9.081, de 3 de novembro de 1911, deu-se novo regulamento ao Serviço de Povoamento:

Art. 1º O Serviço de Povoamento, compreendendo a imigração e colonização, será promovido pela União directamente ou mediante accôrdo com os governos estadoaes, empresas de viação ferrea ou fluvial, companhias ou associações particulares, observadas as garantias necessarias á sua regularidade de accôrdo com o presente regulamento.

Art. 2º Para os efeitos do artigo anterior serão acolhidos como imigrantes os estrangeiros menores de 60 annos, que, não soffrendo de doenças contagiosas, não exercendo profissão illicita, nem sendo reconhecidos como criminosos, desordeiros, mendigos, vagabundos, dementes, ou invalidos, chegarem aos portos nacionaes com passagem de 2ª ou 3ª classe, á custa da União, dos Estados ou do terceiros; e os que, em igualdade de condições, tendo pago as suas passagens, quizerem gozar dos favores concedidos aos recém-chegados.

Paragraphonico. Os maiores de 60 annos e os inaptos para o trabalho só serão admittidos quando acompanhados de suas familias, ou quando vierem para a companhia destas, comtanto que haja da mesma familia, pelo menos, um individuo valido, para outro invalido, ou para um até dous maiores de 60 annos.

Art. 3º Aos imigrantes que se estabelecerem em qualquer ponto do paiz, e se dedicarem a qualquer ramo de agricultura, industria, commercio, arte ou occupação util, são garantidos: o exercicio pleno da sua actividade, inteira liberdade de trabalho, desde que não haja offensa á seguranca, á saude e aos costumes publicos; liberdade de crenças e de culto; e, finalmente, o gozo de todos os direitos civis, attribuidos aos nacionaes pela Constituição e leis em vigor. (BRASIL, 1911)

Como é possível notar, por meio desse documento, ficaram estabelecidos critérios sobre o perfil dos imigrantes que poderiam ingressar no país, mediante idade, boa saúde e boa conduta das pessoas esperadas para atuar nas indústrias e na agricultura.

Ainda sobre a legislação brasileira, no período referente a 1934 e 1937 foi estabelecido na Lei um sistema de cotas, tendo por objetivo controlar o número de pessoas de outras nacionalidades que se propunham a adentrar no país:

No Brasil, as Constituições de 1934 e de 1937 refletem esta tendência. A Constituição de 1934 institui o sistema de cotas, além de vedar a concentração de imigrantes em qualquer ponto do território nacional. Pelo sistema de cotas impedia-se que cada corrente imigratória excedesse 2% do número total de nacionais daquele país que haviam entrado no Brasil durante os últimos cinquenta annos. (MILESI, 2007, p. 80)

De acordo com Milesi (2007, p. 80), “a Constituição de 1937 é mais restritiva ainda, quando limita a entrada no país de certas raças ou origens, privilegiando abertamente a imigração europeia”. Visando o branqueamento populacional, determinou-se que era necessário povoar o país com limitação da entrada de raças que não correspondiam a esse requisito.

Milesi (2007) apresenta que foi viável, por meio dessa Constituição Federal, o estabelecimento do Decreto nº 383, de 1938, o qual impedia os estrangeiros de desempenharem atividades políticas no Brasil. Próximo da Segunda Guerra Mundial, o presidente brasileiro em exercício, Getúlio Vargas, publicou o Decreto-Lei nº 406,

de 4 de maio de 1938, concretizando toda a legislação referente à posição jurídica do imigrante na expressão ditatorial, citando quais eram os indivíduos que não poderiam entrar no país. Também instituiu poder para o governo criar limites, tendo como pretextos de ordem econômica e social, à proibição de pessoas originadas de algumas raças ou origens.

O Decreto-Lei nº 7.967, de 18 de setembro de 1945, tratava sobre a liberdade de ingresso de imigrantes no Brasil, assegurando tal direito aos europeus, mas restringindo, em seu Artigo 45, a liberdade do imigrante para realizar atividades diferentes daquelas que havia sido contratado para fazer. De acordo com Frazão (2017), esse Decreto-Lei foi revogado e, em seu lugar, foi implementada a Lei nº 6.815, de 1980, conhecida como Estatuto do Estrangeiro. Porém, a migração continuou a ser vista sob uma ótica produtiva.

Frazão (2017) cita Michal e Magalhães (2016), os quais mencionam haver melhorias no período governado pelo presidente Luiz Inácio Lula da Silva, relacionadas à economia e à criação de programas voltados à inclusão social, educação e cultura, aumentando o desenvolvimento econômico do Brasil e contribuindo para a chegada de imigrantes, dentre eles os haitianos.

Os novos imigrantes ingressantes no país encontraram dificuldades, como xenofobia, racismo e preconceito por parte da população local. Neste contexto, surgiu a necessidade da criação da nova Lei de Migração, Lei nº 13.445, de 24 de maio de 2017, a qual substituiu o Estatuto do Estrangeiro de 1980, assegurando direitos humanos que não estavam contemplados na antiga legislação.

A Lei nº 13.445, de 24 de maio de 2017, em seu Artigo 1º, dispõe sobre os direitos e os deveres do migrante e do visitante, regula a entrada e estada no país e estabelece princípios e diretrizes para as políticas públicas para o emigrante. Nesse documento jurídico, especificamente no Artigo 1º - inciso II, define-se imigrante como: “pessoa nacional de outro país ou apátrida que trabalha ou reside e se estabelece temporária ou definitivamente no Brasil”.

Ainda destacando alguns excertos da mesma Lei, o Artigo 4º apresenta os direitos do imigrante em território brasileiro: “ao emigrante é garantida no território nacional, em condições de igualdade com os nacionais, à inviolabilidade do direito à vida, à liberdade, à igualdade, à segurança e à propriedade” (BRASIL, 2017). Portanto, a Lei estabelece condições de igualdade entre os estrangeiros e os nacionais brasileiros.

Essa Lei de Migração também prevê a deportação de migrantes em seu Artigo 50: “a deportação é medida decorrente de procedimentos administrativos que consiste na retirada compulsória de pessoa que se encontre em situação migratória irregular em território nacional” (BRASIL, 2017). Muitas pessoas adentram e permanecem em situação irregular no país, o que pode levar à deportação ao país de origem. A Lei ampara o imigrante oferecendo condições de permanência no país e também regulariza as condições de legalidade.

Durante os processos imigratórios, pessoas partem de seus países em busca de meios de subsistência, deixando seus familiares no país de origem. Após conseguirem sua inserção no mercado de trabalho, uma moradia e condições de trazer seus familiares, passam a buscar seus direitos através da reunificação familiar.

Sobre o direito de reunir a família, a nova Lei assegura aos imigrantes o direito do convívio familiar no território nacional. A Seção V, sobre a Reunião Familiar, apresenta:

Art. 37. O visto ou a autorização de residência para fins de reunião familiar será concedido ao imigrante:

I - cônjuge ou companheiro, sem discriminação alguma;

II - filho de imigrante beneficiário de autorização de residência, ou que tenha filho brasileiro ou imigrante beneficiário de autorização de residência;

III - ascendente, descendente até o segundo grau ou irmão de brasileiro ou de imigrante beneficiário de autorização de residência; ou

IV - que tenha brasileiro sob sua tutela ou guarda.

Por meio da Lei de Migração, fica garantido o direito do imigrante trazer seus familiares para residir consigo, sendo comum, no caso dos haitianos, imigrar apenas um membro da família em busca de emprego e após se estabilizar, trazer seus familiares. Com essa Lei, o processo de vinda dos demais familiares ao Brasil torna-se mais simplificado.

A partir do exposto, constata-se que a legislação brasileira dá suporte ao imigrante e garante seus direitos, principalmente no que concerne à reunificação familiar. O Capítulo 3 apresenta uma discussão específica sobre as mulheres imigrantes haitianas.

3 MULHERES IMIGRANTES HAITIANAS: FAMÍLIA, CASA, RELIGIOSIDADE E REUNIFICAÇÃO FAMILIAR

Este capítulo tem por objetivo discorrer sobre a importância da família para os imigrantes haitianos, assim como sobre a casa como lugar de respeito aos antepassados, suas tradições e sua religiosidade. Outrossim, aborda sobre as mulheres haitianas imigrantes e os desafios enfrentados por elas para a reunificação familiar.

Para os haitianos, a família é muito importante em suas vidas. Esse povo possui uma relação de afetividade e de respeito com seus antepassados e a casa é tida como um lugar onde há muito respeito, pois acreditam na existência de espíritos de antepassados. Muitos possuem como religião o Vodou, que “está intrinsecamente ligado ao meio ambiente, no qual tudo se integra em um processo contínuo na procura eterna de um equilíbrio harmonioso das forças existentes na natureza e da própria vida humana” (PROSPERE; GENTINI, 2013, p. 78).

O Vodou é a religião predominante no Haiti, mas os haitianos não seguem apenas um único tipo de religião, sendo bastante comum a prática do Vodou e, ao mesmo tempo, o indivíduo ser católico ou evangélico. Devido à presença de religiosos que não aceitam a prática de duas religiões simultaneamente, muitos deixam o Vodou ou não declaram praticá-lo por receio a críticas e preconceitos.

Sobre a culinária, o Haiti possui uma variedade bastante rica em frutas, legumes, pescados e carne de galinha ou gado. Esses alimentos são utilizados em pratos típicos e reproduzidos pelos imigrantes nos países que passam a residir, mantendo suas tradições mesmo com a imigração. De certa forma, manter essas tradições são mecanismos para minimizar o sofrimento pela partida de sua terra natal.

A mobilidade haitiana é marcada ainda por outros fatores dificultantes desse processo, que costumam ser correlacionados: à acolhida, ao domínio da língua oficial, à inserção no mercado de trabalho, às condições de pobreza e a abusos. No caso das mulheres, a travessia é arriscada por serem mais suscetíveis a preconceitos. Ainda sobre as mulheres, muitas delas dependem exclusivamente dos seus maridos nas questões econômicas e, por isso, dedicam-se exclusivamente a casa e aos filhos. Na imigração, essa realidade muda, pois muitas parceiras precisam colaborar de outras formas, sendo necessário trabalhar fora para auxiliar nas despesas da família. Na

sequência, descreve-se com mais profundidade acerca da importância da família e da casa na cultura haitiana.

3.1 IMPORTÂNCIA DA FAMÍLIA E DA CASA NA CULTURA HAITIANA

Para abordar a importância da família e da casa na cultura haitiana, torna-se pertinente realizar um paralelo sobre conceitos de família ao longo da história, pois percebe-se que são diversos os fatores que levaram a uma modificação no seu modelo. Devido a isso, as famílias do século XXI diferem dos padrões existentes no período da colonização.

De acordo com Christiano e Nunes (2013, p. 38), “conforme as modificações na sociedade foram se desenvolvendo, novos modelos familiares foram surgindo e a família nuclear foi aos poucos deixando de ser dominante, sendo hoje encontradas múltiplas estruturas familiares na sociedade”.

Sendo assim, a família brasileira possui várias formações na atualidade, pois é comum encontramos: pessoas vivendo juntas como família, mesmo sem apresentar parentesco; avós criando seus netos longe de seus pais; pais com filhos adotivos; presença de madrastas e padrastos; crianças vivendo apenas com o pai ou a mãe; pessoas que optam por não ter filhos; e, cônjuges de mesmo gênero. A família não é mais a tradicional, ela segue configurações diversificadas.

Portanto, na sociedade contemporânea, existem vários arranjos familiares, os quais levam à reflexão de que não se deve considerar somente um padrão familiar. Essas mudanças ocorrem devido à separação dos casais, aos métodos contraceptivos, ao aumento das indústrias, à presença da mulher no mercado de trabalho e outros tantos motivos. No entanto, a família não está enfraquecida, apenas deixou de apresentar um único padrão, passando a seguir mais de um modelo de composição familiar (CHRISTIANO; NUNES, 2013).

Por muito tempo o modelo de família foi o patriarcal, mas com o avanço da indústria essa configuração foi modificando e, no século XXI, apresentam as seguintes composições: “família nuclear, família patriarcal, família monoparental, casais sem filhos; famílias unipessoais, famílias extensas, família homo afetiva, famílias consensuais, famílias por associação” (CHRISTIANO; NUNES, 2013, p. 39). Ademais, conforme as autoras, não se deve omitir as famílias com avós como referência familiar e as famílias reconstituídas.

Retornando à cultura haitiana, a maneira como os imigrantes passam a residir no Brasil contribui para compensar a ausência da família. Devido às dificuldades para conseguir alugar uma casa, por questões financeiras e também pela falta de fiador, acabam unindo as famílias com outros compatriotas e dividem a mesma casa ou apartamento, passando a formar relações de parentesco não consanguíneas. Residir com outros coloca os imigrantes em regras de trocas que relacionam ou instituem parentes. (MEJÍA; CAZAROTTO, 2017)

Sendo assim, ao chegarem ao Brasil, os imigrantes haitianos acabam vivenciando uma nova composição familiar, sendo grupos de pessoas sem consanguinidades que passam a viver na mesma casa, convivendo como uma família.

Conforme Handerson (2015), existe uma relação estreita envolvendo os haitianos que imigram e os que permanecem no país. Isso acontece sobretudo nas relações entre maridos que partem e esposas que permanecem e ao contrário; entre pais e filhos, também entre tios e sobrinhos. Sendo assim, por meio da imigração, as relações internas da família são moldadas no contexto de movimento. As crianças haitianas, desde muito pequenas, vivenciam com a partida de seus colegas da escola ou de seus vizinhos, pois é comum a mobilidade.

A mobilidade faz parte do dia a dia haitiano. Muitos crescem almejando um dia poder emigrar a outro país e assim mudar a realidade de sua família, vindo a melhorar suas condições financeiras, pois “para algumas famílias, o vínculo com a diáspora representa um orgulho, uma força e, sobretudo, a pedra angular que sustenta o edifício familiar, tanto do ponto de vista econômico, quanto do moral, cultural ou do social” (HANDERSON, 2015, p. 188).

Ao falar sobre as famílias haitianas, o que se sobressai nos estudos migratórios é que com as tragédias do país há muitos que ficaram órfãos ou sozinhos devido à perda de seus familiares e contam com o apoio de parentes ou pessoas conhecidas. No entanto, a maioria das famílias segue a tradição de ser formada pelo pai, pela mãe e pelos filhos.

Sobre as funções atribuídas à família, Lôbo (2011, p. 18) afirma que “de acordo com a evolução que sofreu, a saber, religiosa, política, econômica e procracional. Sua estrutura era patriarcal, legitimando os exercícios dos poderes masculinos sobre a mulher – poder marital, e sobre os filhos – pátrio poder”. Nessa configuração familiar, a mulher se torna submissa ao marido.

Ainda, de acordo com Lôbo (2011), na família tradicional, a figura masculina era a que detinha o poder sobre os demais. O autor descreve a seguir sobre as mudanças ocorridas na composição familiar:

A família tradicional aparecia através do direito patrimonial e, após as codificações liberais, pela multiplicidade de laços individuais, como sujeitos de direitos atomizados. Agora, é fundada na solidariedade, na cooperação, no respeito a dignidade a cada um de seus membros, que se obrigam mutuamente em uma comunidade de vida. A família atual é apenas compreensível como espaço de realização pessoal afetiva, no qual os interesses patrimoniais perderam seu papel de principal protagonista. A repersonalização de suas relações revitaliza as entidades familiares, em seus variados tipos ou arranjos. (LÔBO, 2011, p. 18)

Desse modo, passou a existir a afetividade entre os familiares e a formação da família possui novos arranjos, sendo diferente da nuclear que era composta apenas pelo pai, pela mãe e pelos filhos.

Apesar do fenômeno da imigração ser notável no mundo todo, variam as formas como ela procede. No caso dos haitianos e sua vinda ao Brasil, o procedimento mais observado consiste na imigração do homem e, após seu estabelecimento, a vinda de demais membros de sua família, como esposa e filhos.

Conforme Martuscelli e Novaes (2015, p. 103), as mulheres costumam solicitar refúgio para conseguir ficar no Brasil com seus maridos e seria melhor que conseguissem vistos humanitários, pois “estão mais sujeitas a violência de gênero, dentre elas abusos sexuais. Sendo assim, seria do interesse que essas mulheres chegassem ao Brasil de maneira regular”. Durante o período de conseguir vistos para seus familiares, os imigrantes acabam ficando sozinhos e vivenciando um período de afastamento do convívio familiar, o que dificulta a adaptação no território brasileiro.

Sobre isso, Zamberlam et al. (2014, p. 57) complementam com o seguinte:

No processo migratório, quando um cônjuge ou um filho emigra, há ruptura de raízes na partida na esfera familiar, comunitária e social. O imigrante na comunidade que o acolhe tem dificuldades por não ter sua estrutura familiar-comunitária para o estabelecimento de novas raízes que lhe possibilitem o reequilíbrio emocional e a sua inserção no novo contexto.

Considerados os movimentos migratórios femininos e os ciclos de vida, nota-se uma estreita afinidade entre ambos os processos. Os ciclos de vida, principalmente o matrimônio e o nascimento das crianças, são planejados de acordo com as fases da migração e há uso de estratégias para cada um desses momentos. Conforme o

ciclo de vida que essas mulheres estão vivenciando, planejam diversos recursos para cada etapa da migração. (PERES; BAENINGER, 2012)

Na cultura haitiana, nem sempre ocorre a imigração de toda a família, mas após a estabilidade de um dos membros há o planejamento da imigração de outros familiares, o que resulta em novos momentos de separação dos membros da família. Quando a mulher imigra sem levar junto os filhos, o papel de cuidar das crianças recai sobre outras mulheres, sendo “mães, irmãs ou cunhadas das migrantes que permanecem no Haiti, ficam responsáveis pelo cuidado das crianças, filhos ou filhas das que migraram” (MEJÍA; CAZAROTTO, 2017, p.12).

Quando alguém precisa imigrar, geralmente não decide sozinho, a família participa da escolha de quem vai partir. Segundo Handerson (2015), para isso, os membros levam em conta determinadas características da pessoa candidata a imigrar, dentre elas: possuir mais probabilidade de conseguir um emprego em menos tempo; possuir um espírito coletivo; ser capaz de respeitar e garantir a reputação da família; possuir generosidade para honrar com as obrigações que mantém com aqueles que permaneceram. De acordo com a cultura haitiana, as pessoas não devem parar de participar da vida familiar, tanto aquelas que estão imigrando quanto aquelas que permaneceram.

O autor também comenta que a “não necessariamente sejam os mais velhos que decidem ou os pais. Porque há jovens que viajam e ‘mandam buscar’ seus pais, seus tios, irmãos etc. [...] Nesse sentido, a mobilidade é considerada como um recurso para as famílias” (HANDERSON, 2015, p. 185).

De acordo com Zamberlam et al. (2014), existem possibilidades de ocorrer a comunicação entre os imigrantes haitianos e seus familiares que ficaram em seu país de origem. Essa comunicação ocorre por meio de ligações telefônicas e internet, poucos se comunicam por meio de cartas e raros são os que não costumam se comunicar. Uma das condições que colaboram para essa comunicação é a facilidade do acesso à informação por meio da internet e, principalmente, das redes sociais. O custo é relativamente baixo e possibilita a aproximação entre eles, ainda que as distâncias atravessem o outro lado do mundo.

Apesar da distância, os laços afetivos são mantidos e os aparelhos eletrônicos assim como a internet, citados pelo autor, tornam possível a troca de informações entre os imigrantes localizados em diferentes países, amenizando a situação de um imigrante sentir-se sozinho e distante dos seus compatriotas.

Em relação ao envio de remessas de dinheiro para os familiares que permaneceram no Haiti, conforme descrevem Zamberlam et al. (2014, p. 59), “em torno de dois terços, ou seja, 70,2 % têm o hábito de fazer remessas financeiras às famílias do lugar de origem. Têm utilizado casas de câmbio, Western Union, Banco do Brasil e, recentemente Caixa Econômica Federal”. Segundo os autores, há muitas queixas relacionadas aos valores cobrados pelas transações, pois consideram essas taxas altas.

Ainda sobre envio de remessas, Martuscelli e Novaes (2015) citam que a imigração das pessoas em idade muito produtiva está frequentemente relacionada à necessidade de sobrevivência dos demais familiares. Quando imigram pessoas em condições de serem facilmente inseridas no mercado de trabalho, há maior garantia de sustento para os que permaneceram no Haiti.

No estudo sobre a imigração da mulher, um fator importante foi “o reconhecimento deste fenômeno como independente de fluxos migratórios em que a mulher tem o papel de acompanhante e ainda aqueles em que a migração de mulheres faz parte de uma estratégia familiar de sobrevivência” (PERES; BAENINGER, 2012). Assim, são muitas as mulheres imigrantes que deixam seu país para acompanhar sua família, mas existem aquelas que partem para buscar meios de manter sua família no Haiti, principalmente quando a mulher consegue emprego com mais facilidade do que o seu cônjuge.

De acordo com Araújo e Almeida (2019, p. 119), na imigração de mulheres do Haiti para o Brasil estão envolvidas “questões globais atravessadas pelo fator gênero, como a inserção no mercado de trabalho, acesso à educação, saúde, redes de informação, ausência de autonomia, pobreza, violência, relações patriarcais, pobreza”. Além da violência, da pobreza e de outros complicadores vivenciados por essas mulheres no país de origem, elas também enfrentam situações voltadas à própria condição de ser mulher, como a submissão aos maridos e a falta de estudos, dificultando o processo de inserção no mercado de trabalho. Mas, a partir da imigração, passa a ser imprescindível a necessidade de auxiliar financeiramente nas despesas familiares.

A migração feminina é distinta quando comparada à masculina, pois as trajetórias e as estratégias usadas pelas mulheres são diferentes das usadas pelos homens (PERES; BAENINGER, 2012). As mulheres imigrantes normalmente buscam estratégias que envolvam toda a família e não somente a si próprias.

As famílias não apresentam condições para todos os seus integrantes buscarem empregos em outro país, por isso enviam uma pessoa, a qual se desvincula do seio familiar em busca de oportunidade para si e para os seus familiares. De acordo com Zamberlam et al. (2014, p. 59),

[...] o impacto que a ruptura das raízes familiares e a inserção numa nova cultura têm provocado nos haitianos, que se expressa em isolamento, desânimo e saudade. É por isso que um grupo quer regressar ao país de origem. A reunificação familiar traria maior benefício pessoal, comunitário e laboral.

As políticas migratórias vigentes no país que os imigrantes escolhem para viver “podem afetar as estratégias migratórias de homens e mulheres, assim como os postos de trabalho ofertados às mulheres que se baseiam nas ocupações do feminino e do masculino” (ARAÚJO; ALMEIDA, 2019, p. 122). Algumas das vagas de trabalho são exclusivas para homens, mas as mulheres imigrantes também buscam por inserção no mercado de trabalho. Desse modo, as políticas vigentes podem vir a facilitar ou dificultar o acesso dessas mulheres aos postos de trabalho.

A ausência do convívio familiar acaba isolando socialmente os imigrantes, então a possibilidade de trazer os filhos e as companheiras torna mais amena a adaptação no país de destino. A partir disso, percebe-se a importância de reunir a família, a qual contribui na melhoria do processo de adaptação, tornando-o menos sofrido e auxiliando no desempenho profissional e no convívio social desse indivíduo.

Mejía e Cazarotto (2017, p.179) citam Braum et al.⁴ (2014) sobre como é a constituída a família haitiana e caribenha: “em geral, caracterizam pelo fato de a mulher se destacar em tarefas domésticas, enquanto os homens, no papel de marido-pai, estão à margem dos vínculos estreitos entre mães, filhos e filhas”. Ainda segundo os autores, na esfera familiar, as mulheres possuem mais comprometimento no que tange aos cuidados do lar e das crianças.

Peres e Baeninger (2012), sobre a questão de gênero, citam Boyd e Grieco (2003, p. 61)⁵:

O gênero está profundamente enraizado na determinação de quem se movimenta, como esses movimentos se dão e quais os impactos nas famílias e mulheres migrantes. Se as teorias de migração internacional integram as relações de gênero de maneira adequada e eficaz, devem levar em conta

⁴ BRAUM, P; DALMASO, F; NEIBURG, F. Gender issues: relations between men and women in the low-income districts of Port-au-Prince. **Viva Rio NuCEC/ UFRJ**, junho 2014.

⁵ BOYD, M & GRIECO, E. **Women and Migration**: Incorporating gender into international migration theory. Migration Policy Institute. Washington, 2003.

fatores sutis e óbvios que se misturam para criar diferentes experiências ao longo da migração. A definição e compreensão destes fatores melhor fundamentam as teorias de migração internacional e também as experiências individuais de mulheres migrantes em todo o mundo.

Percebe-se, então, que, nas famílias haitianas, na qual é a mulher a responsável pela casa e pela criação dos filhos e o homem é responsável pelo sustento, devido a questões de gênero, a mulher acaba ficando restrita ao desempenho de tarefas domésticas e “isso faz com que as mulheres possuam baixa escolaridade e acabem desfrutando de trabalhos de baixa qualificação, bem como, atividades manuais em que não se precisa falar português” (ARAÚJO; ALMEIDA, 2019, p. 120). Dessa forma, acabam aceitando vagas de trabalho com salários inferiores, devido a condições e a limitações relacionadas à formação profissional e ao domínio da língua local.

Em relação ao parentesco, para a cultura haitiana, ele vai além das relações entre pais e filhos. Por exemplo, os compadres e comadres passam a pertencer à família como um parente, participam dos afazeres coletivos na agricultura, no empréstimo de dinheiro, e, no caso exclusivo das mulheres, na venda dos produtos, quando alguma não consegue ir até o mercado. Também é comum famílias residentes em áreas rurais escolherem padrinhos residentes em áreas urbanas, para, assim, poderem enviar seus filhos para estudarem e morarem com esses parentes, contando com auxílio na alimentação e no pagamento dos estudos (BULAMAH, 2013).

“Em Porto Príncipe, o lema parece ser cada um por si e a família não tem o sentido de acolhimento e proteção ao qual estamos acostumados” (SUTTER; KING, 2012, p. 243). De acordo com as autoras, devido às catástrofes, muitos haitianos perderam seus familiares e isso criou um espírito coletivo de solidariedade, movimentando até familiares que moram em outros países a buscarem seus parentes ainda residentes no Haiti.

Apesar disso, as relações sociais e familiares não acontecem precisamente iguais nas regiões. Na Léogâne, era aparente o pertencimento familiar que reverenciava os preceitos de comportamento comuns nas regiões do campo. Esse comportamento possui ligação voltada com a religião, a qual é repassada entre gerações e que mantém as amizades (SUTTER; KING, 2012).

Conforme Bulamah (2013), as famílias haitianas costumam prestar homenagens aos antepassados, colocando o nome dos finados nos filhos; e, por meio disso, conservam as memórias daqueles familiares.

No Haiti, o ritual da morte apresenta algumas peculiaridades. “A relação do haitiano com a morte é de intensa entrega à vivência da dor: lamentações, gritos e danças parecem exorcizar a perda da pessoa querida” (SUTTER; KING, 2012, p. 245). O luto costuma ser intenso e muito comum devido a grandes perdas de pessoas queridas durante as catástrofes.

A perda de um familiar é também um momento de reunir familiares, estreitar vínculos de parentesco ou de amizade, revigorar súplicas de proteção espiritual às entidades e à alma do finado, bem como de mostrar o sucesso da viagem imigratória. A quantia gasta nas cerimônias determina o sucesso ou o fracasso da imigração da pessoa diáspora. Esse dinheiro ajuda para haver equilíbrio emocional, psicológico, social e político do país (HANDERSON, 2015, p. 188). Sendo assim, a morte não é apenas um acontecimento social, mas um acontecimento de comunhão.

3.2 TRADIÇÕES HAITIANAS: ALGUNS APONTAMENTOS

Assim como todos os povos da terra, os haitianos possuem suas próprias tradições. Elas podem ser relacionadas à alimentação, moradia, ideais e religião. A tradição faz parte do indivíduo e do local a que ele pertence. Mesmo fora do seu local de origem, o imigrante carrega consigo as suas tradições. Conforme Araújo e Almeida (2019, p. 127), “o ato de migrar representa não apenas um deslocamento do indivíduo, mas, também o deslocamento de práticas culturais, tradições e costumes”.

Dessa forma, preservar os costumes acaba sendo um alento para os imigrantes, pois, em uma situação de imigração e com dificuldades, pode ser difícil relaxar em um ambiente pouco acolhedor e com uma fome nunca plenamente saciada (SUTTER; KING, 2012). Segundo as autoras, dentre os hábitos de entretenimento, é comum a prática do dominó para os mais velhos e o festejo do carnaval para os mais jovens.

No Haiti, mesmo com tantas situações desfavoráveis, o povo possui uma grande alegria e manifesta suas emoções por meio de danças, as quais são realizadas durante a quaresma, similares às realizadas no carnaval. Para isso, existe toda uma preparação e nesse momento é possível celebrar, dançar e cantar, mesmo vivendo em meio à tristeza e à desesperança.

Além da dança, o gosto pelo esporte é visível entre adultos e crianças. O futebol é uma grande paixão nacional, principalmente por apresentar grandes seleções

mundiais, como o Brasil e a Argentina, as quais são as preferidas pela população. Além disso, os jogadores brasileiros são ídolos de muitos haitianos. (SUTTER; KING, 2012)

Já a culinária do Haiti, de acordo com Pereira (2019), possui influências de diversas culturas, como a indígena, a africana e a europeia, ou seja, é uma culinária bastante diversificada. Os principais ingredientes utilizados são: arroz, feijão, raízes, frutas tropicais, frutos do mar, carne suína e diversas especiarias. Dentre os pratos principais, pode-se destacar: sopa apimentada com peixe ou carne, carne de vaca ou de cabra, lagosta cozida ou grelhada, bacalhau à crioula, entre outros (PEREIRA, 2019). As bebidas populares entre esse povo são o rum, o licor de coco e os sucos das frutas do país. A Figura 5 apresenta alguns pratos típicos haitianos.

Figura 5 – Pratos típicos haitianos



FRITAY

JOUMOU

DIRI AK DJON DJON

Fonte: Google Imagens (2021).

Conforme ilustrado na Figura 5, o *Fritay*, o *Joumou* e o *Diri ak djon djon* são pratos comuns na culinária haitiana. O *Fritay* possui carne, banana verde e salada. O *Jamou* é uma sopa (sopa da liberdade) com abóbora, carne, macarrão e legumes. O *Diri ak djon djon* é um arroz com cogumelos *djon djon* - cogumelos pretos comestíveis encontrados no norte do Haiti.

Uma tradição do Haiti é o consumo da sopa da liberdade em datas importantes, principalmente na data da independência. Nesse dia, todos os haitianos fazem o prato principal que é a sopa, que por muito tempo só os franceses possuíam o direito de comer. Após a independência, a sopa passou a ser o símbolo da liberdade. Os ingredientes usados no preparo da sopa são: abóbora, chuchu, cenoura, verdura, repolho, macarrão e carne de vaca, bananas, inhame com bom tempero (PEREIRA, 2019).

Na cidade de Pato Branco, os haitianos realizam jantares com comidas típicas e apresentações culturais do Haiti, objetivando arrecadar dinheiro para auxiliar seu povo. Esse ato expõe a cultura e colabora para a estabilidade dos imigrantes na cidade.

Desse modo, a migração promove a diversificação cultural por meio de encontros entre culturas, hábitos, costumes, que irão se chocar com os códigos estabelecidos por esses migrantes em seu país. O sujeito acaba por estabelecer processos de adaptação em relação ao idioma, costumes, leis, práticas. Logo, o estabelecimento em uma nova localidade supõe a criação de estratégias, pois as diferenças alcançam as crenças e o cotidiano dos migrantes. (ARAÚJO; ALMEIDA, 2019, p. 124)

Deixando a culinária e partindo para a religiosidade da população do Haiti, como já comentado anteriormente, sabe-se que é muito comum a prática do Vodun, juntamente com o Catolicismo ou outra religião. Existem diversas igrejas católicas, evangélicas e outras instaladas no país. Na religião e nas igrejas, os fiéis buscam consolo e motivação para seguir lutando por dias melhores. Ou seja, encontram na espiritualidade meios de unir forças e seguir adiante. Com o terremoto ocorrido no ano de 2010, houve também a destruição das igrejas, mas os haitianos continuaram rezando em seus abrigos.

Além disso, a chegada dos imigrantes haitianos no Brasil é marcada pela acolhida e auxílio da Pastoral do Migrante, de pessoas pertencentes a igrejas e de autoridades locais, no tocante à inserção na sociedade local, à busca por empregos e à continuidade das suas vidas. De acordo com Pereira (2016, p. 108), o acolhimento dos imigrantes e sua inserção social têm sido “mais acionados por pastorais e organismos vinculados a igreja católica e a movimentos populares do que pelo Poder Público”.

É comum a Pastoral do Migrante “encontrar-se com o migrante e viabilizar a sua inserção social no processo de busca e acesso à acolhida ou ainda a partir da comunidade onde ele habita ou trabalha” (PEREIRA, 2016, p. 109). De acordo com o autor supracitado, vinculada à Igreja Católica, essa Pastoral é fundamental devido ao auxílio aos imigrantes recém chegados com questões de documentação, saúde, abrigo e emprego, pois as instituições governamentais não conseguem suprir essas demandas com rapidez.

A relação com a Igreja Católica, na cidade de Pato Branco, segundo o Frei Alex Sandro Ciarnoski, Pároco da Igreja Matriz São Pedro Apóstolo, envolve a doação de

donativos através da Pastoral Social e a cessão de salas da Paróquia para aulas de Língua Portuguesa destinadas especificamente às necessidades dos haitianos.

Outrossim, os imigrantes haitianos também frequentam igrejas evangélicas para fazer cultos e reuniões para celebrar sua religiosidade. Esses encontros envolvem pessoas de religiões diferentes, mas que participam do mesmo ritual.

No município de Pato Branco, foi criada a Organização Universal para o Desenvolvimento Sociocultural, cujo presidente é Marcelin Pierre, imigrante haitiano, com o objetivo de integrar a cultura dos países Brasil e Haiti. Cabe destacar que “a cultura é um elemento vivo no processo migratório e na vida social dos sujeitos” (ARAÚJO; ALMEIDA, 2019, p. 124).

Como evidenciado, quando chegam ao Brasil, muitos haitianos buscam igrejas para praticar sua fé. Em muitos locais, as igrejas também servem de pontos de apoio aos imigrantes, auxiliando através da Pastoral do Migrante e cedendo espaços para reuniões. Em Pato Branco, a maior parte dos haitianos frequenta igrejas evangélicas.

A seguir, a seção 3.3 descreve sobre a imigração haitiana para Pato Branco e o papel da mulher nesse processo.

3.3 IMIGRAÇÃO HAITIANA PARA PATO BRANCO E O PAPEL DA MULHER NESSE PROCESSO

Para a cidade de Pato Branco, a inserção no mercado de trabalho dos imigrantes haitianos ocorreu para suprir vagas em turnos de trabalho que a população local não se sujeitava a realizar. Giacomini (2017, p. 18) coloca que “os haitianos começaram a chegar a Pato Branco–PR em meados de 2012, quando uma empresa do setor frigorífico de aves demonstrou desejo em contratá-los para o trabalho”.

Sobre o contato com os primeiros imigrantes a serem contratados por uma empresa do município, Giacomini (2017, p. 19) apresenta que:

O primeiro contato da empresa com os haitianos se deu através de uma antiga funcionária com a Pastoral do Imigrante na Paróquia Igreja Católica em Manaus (AM). Na cidade havia um abrigo improvisado pela entidade, com aproximadamente 400 haitianos, pois estes estavam chegando em grande número pelos estados do Acre e do Amazonas, indocumentados e sem ter onde permanecer. Um padre era o responsável pelo acolhimento e, também, por auxiliar os haitianos a conseguirem a documentação. Após adquirirem o Cadastro de Pessoas Físicas (CPF) e Carteira de Trabalho e Previdência Social (CTPS), algumas empresas da região Norte passaram a recrutá-los para o trabalho e, posteriormente, outras do Sudeste e do Sul também o fizeram, como esta de Pato Branco.

Ainda conforme a autora, a primeira contratação da empresa do setor frigorífico de aves envolveu 38 trabalhadores haitianos. Na ocasião, a gerente de Recursos Humanos da empresa entrou em contato com o padre da pastoral para explicar sobre o interesse em contratar alguns imigrantes para atuar na produção, “em seguida, dois de seus representantes foram até Manaus e contrataram 37 homens e uma mulher. Os novos trabalhadores seguiram até Pato Branco junto dos mencionados representantes, em voo comercial custeado pela empresa” (GIACOMINI, 2017, p. 19).

Em seguida, os avisos sobre as vagas de trabalho passaram a ser encaminhadas ao padre que negociava e formava grupos de imigrantes interessados. Assim, chegaram mais quatro grupos de 20 haitianos nos meses seguintes. “Após janeiro de 2013, os trabalhadores haitianos passaram a chegar por conta própria, sem subsídio algum, tomando conhecimento das vagas pelos amigos e familiares que já trabalhavam ali” (GIACOMINI, 2017, p. 19).

Evidencia-se que as primeiras levadas imigratórias para o município eram compostas predominantemente por homens, sendo que dos 38 primeiros imigrantes contratados pela empresa, havia apenas uma mulher. Esse é um fato comum nessa imigração, pois os homens geralmente partem primeiro em busca de trabalho e condições de sobrevivência para, em seguida, buscarem meios de trazer seus familiares.

O fluxo migratório de haitianos para Pato Branco intensificou-se nos meses subsequentes, totalizando 300 imigrantes no ano de 2013. “Não é mais possível ignorar essa parcela populacional, visto que essas pessoas estão presentes em grandes empresas da cidade e constituem um contingente significativo” (GIACOMINI, 2013, p. 2). Esses haitianos passaram a trabalhar e assim contribuir com o desenvolvimento regional.

Após conseguirem estabilidade no emprego e moradia, esses haitianos passaram a trazer suas esposas e seus filhos. Nesse contexto, a próxima seção aborda sobre os desafios vivenciados por mulheres imigrantes.

3.4 DESAFIOS ENFRENTADOS POR MULHERES HAITIANAS DURANTE A IMIGRAÇÃO

Um dos maiores desafios enfrentados por qualquer imigrante, seja homem, mulher ou criança, é a questão do domínio da língua. O domínio da língua portuguesa é um fator que causa grandes dificuldades ao processo de adaptação dos haitianos. Isso é confirmado por Giacomini (2017), a qual descreve que o processo migratório provocou numerosos desafios para os imigrantes oriundos do Haiti para a inserção na sociedade, na educação e na comunicação linguística com os brasileiros, os quais passaram a ajudar nesse processo.

Diante disso, é possível considerar a dificuldade comunicativa como sendo um dos grandes empecilhos dos haitianos, pois eles têm como língua materna o crioulo haitiano e alguns se comunicam em francês ou em outras línguas. Tanto os homens quanto as mulheres e os seus filhos, por falarem a língua crioula, composta da mistura do francês com dialetos africanos, passam pelo desafio da comunicação, o qual é superado com a participação nas aulas de português oferecidas em cursos organizados em contexto educativos não-formais.

Além da barreira linguística, esses imigrantes também enfrentam diversos obstáculos durante a trajetória até chegar ao Brasil e no processo adaptativo. Zamberlam et al. (2014, p. 71) citam alguns deles:

- Reunião familiar, pois a saudade e a distância causam relativa indecisão quanto ao futuro.
- Adaptação ao clima rigoroso do inverno.
- Criação de uma convivência com as pessoas na comunidade e no trabalho.
- Trabalho mais condizente e com melhor remuneração.
- Superação dos preconceitos que sofrem por parte de algumas categorias sociais.
- Capacitação profissional para conseguir melhores postos de trabalho.

Em relação aos desafios vivenciados pelos imigrantes haitianos, Zamberlam et al. (2014) apresentam a necessidade de acolhimento dos imigrantes nas fronteiras e a dificuldade em formar relacionamentos com as pessoas, por apresentarem cultura com valores distintos e o tempo de convívio ser insuficiente. Visando amenizar esse sofrimento, eram oferecidas, além da comida, outras atividades para os haitianos nas cidades fronteiriças brasileiras, dentre elas: práticas esportivas, aulas de língua portuguesa, atividades artísticas (filmes, canções), entre outras.

Sobre o sentido da migração para as imigrantes, considerando a vinda das primeiras mulheres à região, é um meio de escapar da pobreza e dos problemas de conseguir uma profissão no país de origem. Migrar apresenta recursos para elas e suas famílias terem melhores condições de vida (MEJÍA; CAZAROTTO, 2017).

No caso das mulheres, a própria migração poderá refletir nos papéis que cada um exerce na família, surgindo a possibilidade de mudanças no modo de viver e nas práticas de superioridade. Sendo assim, as escolhas de emancipação feminina durante o processo de migração podem gerar na figura masculina percepções de fraqueza e incapacidade para a realização da obrigação de fornecer o sustento aos seus familiares, uma vez que, na cultura haitiana o homem é o responsável por prover a casa. Conseqüentemente, a migração é um elemento impulsionador de processos de aculturação, por meio do qual podem ocorrer mudanças de valores, desse modo, as mulheres migrantes mais aculturadas conseguem transformar sua posição em relação ao homem (ARAÚJO; ALMEIDA, 2019). As autoras ainda afirmam que no “caso da migração da mulher haitiana identifica-se um padrão divergente em relação aos estudos migratórios femininos em que a mulher emerge como um sujeito autônomo, tomando a migração como uma escolha” (ARAÚJO; ALMEIDA, 2019, p. 120).

4 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS COLETADOS A CAMPO

Esta pesquisa foi realizada direcionando um olhar para analisar, sob a ótica das mulheres haitianas, suas dificuldades e desafios enfrentados para a reunificação familiar.

O primeiro contato da pesquisadora com os imigrantes na cidade deu-se pela presença e participação dela e deles na Igreja Católica Ucraniana, Paróquia Nossa Senhora do Perpétuo Socorro. Contudo, a comunicação foi difícil, pois muitos costumavam levar a ela, por escrito, em um bilhete, seu nome, sua nacionalidade e suas intenções para rezar a missa. Essas intenções variavam com pedidos de emprego, proteção para si e principalmente para os que ficaram no Haiti.

Na tentativa de estabelecer um diálogo, como mencionado anteriormente, a língua portuguesa foi um desafio, pois é muito diferente do crioulo haitiano. Quando os imigrantes aprendiam um pouco sobre a língua portuguesa e desenvolviam diálogos mais complexos com a pesquisadora, acabavam, muitas vezes, mudando de turno de trabalho e não conseguiam frequentar a missa no horário de costume. Alguns deles também seguiam para outros países, como o México, com o objetivo de chegar até os Estados Unidos e conseguir melhores salários do que no Brasil, uma vez que, para eles, era mais lucrativo receber salários em dólar do que em real.

Nesse processo de imigração, muitos dos imigrantes que mantinham contato com aqueles que partiram relataram que alguns não tiveram sucesso e passaram a viver no México como indocumentados. Esse ocorrido gerou frustrações para os que ficaram e eram contrários a essa estratégia, pois em Pato Branco estavam empregados, regulares e recebiam ajuda dos moradores locais e das pessoas da igreja.

Em menor quantidade, alguns haitianos frequentavam a igreja no período da pandemia da covid-19, haja vista as restrições pela disseminação do vírus Sars-coV-2. Com isso, houve restrições e o número de missas ficou reduzido, assim como a participação dos fiéis e, porventura, a participação dos imigrantes haitianos.

Além do grupo de haitianos com o qual a pesquisadora manteve contato em 2019, posteriormente Marcelin Pierre começou a colaborar com esta pesquisa. Ele, um imigrante haitiano, residente em Pato Branco há cinco anos, conforme já se mencionou, é presidente da Organização Universal para o Desenvolvimento Sociocultural (OUDES). Mediante contato via WhatsApp, prontamente recebeu a

pesquisadora nas salas de aula da Igreja Católica Paróquia São Pedro Apóstolo, no Centro da cidade, local onde se realizavam as reuniões dos imigrantes haitianos, bem como as aulas de língua portuguesa para esse grupo, ministradas por ele.

Na mesma ocasião, a pesquisadora expôs a Marcelin os objetivos da pesquisa, sendo que ele prontamente se dispôs a colaborar com a tradução das suas falas em língua portuguesa para o crioulo haitiano. Assim, nesse espaço, em 15 de agosto de 2019, ambos apresentaram as intenções da pesquisa às haitianas participantes das referidas aulas, expondo que seria uma pesquisa voltada ao grupo feminino e sobre a reunião familiar, sendo que futuramente convidaria as mulheres para participarem de algumas entrevistas.

Com efeito, devido à pandemia, não foi possível participar presencialmente das reuniões e realizar naquele espaço as entrevistas como havia sido planejado, sendo necessário reorganizar a coleta de dados de acordo com os protocolos sanitários da Organização Mundial da Saúde (OMS), com distanciamento social, uso de álcool em gel e máscaras faciais. Assim, a coleta de dados propriamente dita foi realizada com 10 mulheres haitianas, contando com roteiros de entrevistas semiestruturados (Apêndice B) e apoio de Marcelin Pierre para realizar as traduções.

A coleta ocorreu em três etapas: 1) organização de um grupo de WhatsApp e inclusão das possíveis participantes da pesquisa; 2) explicação dos objetivos da pesquisa; 3) convite às mulheres haitianas para participarem das entrevistas. O convite foi postado por Marcelin Pierre, em crioulo haitiano.

Prontamente, as mulheres haitianas concordaram em colaborar com o estudo, além de se colocarem à disposição para participar presencialmente das entrevistas, as quais ocorreram na Escola Sant'Ana, localizada em Pato Branco, Bairro Santa Terezinha, Rua Sete de Setembro, número 520. Todas as entrevistas foram previamente agendadas e seguiram os protocolos sanitários necessários devido ao momento pandêmico.

PRIMEIRA ETAPA: NOVEMBRO DE 2019

A primeira etapa da coleta de dados envolveu três participantes. Ela ocorreu em 07 de novembro de 2020, no período matutino, no local mencionado no convite. O saguão da referida escola foi preparado, pois conta com um espaço amplo e aberto, sendo propício para receber as participantes no período da pandemia. Além disso,

foram seguidos todos os protocolos sanitários para garantir a segurança dos envolvidos: disponibilidade de álcool em gel e máscaras, distanciamento social com marcação de espaçamento de dois metros entre as cadeiras.

No momento inicial, a pesquisadora e as participantes puderam conversar e se conhecer. Em seguida, a pesquisadora expôs os objetivos da pesquisa e solicitou a autorização das participantes para a coleta de dados, mediante assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Apêndice A) exigido pelo Comitê de Ética em Pesquisa Envolvendo Seres Humanos.

Nesse primeiro encontro, com o distanciamento entre as pessoas e o uso de máscara, houve limitações na receptividade que, certamente, seria mais acolhedora em um momento diferente. As participantes se mostraram muito tímidas e a primeira conversa ocorreu abordando assuntos do cotidiano e buscando uma aproximação entre entrevistadora e entrevistadas.

Em razão das dificuldades com a língua portuguesa, a conversação inicial precisou de tradução e de reformulação das questões. Entretanto, passado esse momento, houve maior facilidade de compreensão sem precisar de várias interferências e o auxílio da tradução. Conseqüentemente, com mais afinidade de ambas as partes, as imigrantes passaram a relatar fatos e situações que eram mais interessantes para elas.

Além das questões abordadas na pesquisa, as participantes manifestaram interesse em saber o que era a UTFPR, o que a pesquisadora tinha hábito de fazer, além de outros assuntos relacionados à culinária, a curiosidades e àquilo que os brasileiros pensam sobre o Haiti. As perguntas delas ajudavam no processo de interação e deixavam-nas mais à vontade para a entrevista.

De modo geral, a maioria das mulheres imigrantes entrevistadas conseguiu estabelecer boa comunicação, mesmo que alguns termos não lhes fossem conhecidos, porém houve substituição de palavras ou reformulação das perguntas, possibilitando melhor compreensão. Contudo, ainda em alguns momentos, foi necessária a tradução para o crioulo haitiano com a participação do Marcelin.

SEGUNDA ETAPA: NOVEMBRO DE 2019

A segunda etapa da coleta de dados foi realizada no mesmo dia (07/11/2020), no período vespertino, mas na residência de três entrevistadas. Isso se deu devido à

dificuldade de locomoção de algumas mulheres haitianas até o local de pesquisa. Mediante a manifestação delas e em diálogo com Marcelin Pierre, houve a ida até suas residências em vez da ida até a escola Sant'Ana. Novamente, todos os procedimentos e protocolos recomendados de distanciamento social foram seguidos para evitar o contágio da covid-19. Nessa ocasião, as entrevistas ocorreram com outras três mulheres juntamente com seus familiares.

Na primeira família, a mulher haitiana entrevistada foi muito receptiva. Ela demonstrou possuir domínio da língua portuguesa, contudo teve dificuldade com a expressão “reunificação familiar”. A princípio afirmou não ser esse o motivador da sua vinda ao Brasil, contudo, ao Marcelin explicar o significado do termo, ela confirmou que a reunião familiar foi a razão da sua vinda a Pato Branco.

Na segunda casa, residiam duas famílias e ambas participaram da pesquisa. Além das perguntas preparadas, também houve uma conversa sobre assuntos do cotidiano. As famílias falavam em crioulo entre si e algumas perguntas foram traduzidas, porque as duas mulheres apresentaram mais dificuldade para falar em língua portuguesa, e, mesmo com a tradução feita por Marcelin, conversavam em crioulo para depois responder em português.

Todos foram muito receptivos e dispostos a participar da entrevista. As famílias também questionaram sobre a pesquisa, em especial o motivo da escolha para pesquisar sobre os haitianos, além de quererem saber sobre a profissão da entrevistadora e o que ela sabia do Haiti. Assim como na família anterior, também foi conversado sobre culinária, pois a pesquisadora havia participado do jantar típico.

TERCEIRA ETAPA: NOVEMBRO DE 2019

A terceira etapa foi realizada no dia 14 de novembro de 2020, no período vespertino, também na residência de duas entrevistadas. Nessa etapa, foram entrevistadas quatro participantes. Elas eram menos tímidas do que as entrevistadas anteriores. Mesmo com a presença dos maridos, as participantes demonstraram estar à vontade para apresentar suas ideias, bem como para falar sobre como ocorreram suas travessias para o Brasil.

As duas primeiras entrevistadas residiam na mesma casa e encontravam-se desempregadas, falaram sobre a dificuldade de a mulher imigrante conseguir ingressar no mercado de trabalho. De acordo com elas, o fator que mais incide é a

falta de experiência, pois, muitas vezes, até há vagas, mas esse requisito as impede de conseguir um trabalho com carteira assinada.

A terceira entrevistada residia próximo das duas primeiras. A conversa ocorreu de forma satisfatória, sem precisar de tradução. Como fomos até a casa dela, acabamos também conversando com os demais familiares, os quais manifestaram interesse em saber mais sobre a pesquisa e falaram sobre o Haiti. Nessa conversa, um dos assuntos foi a saudade dos que deixaram o país. Nessa família, todos estavam desempregados, mas esperançosos de conseguir emprego e apresentaram o desejo de permanecer na cidade por residirem próximos a parentes e amigos, os quais auxiliam nesse período em que se encontram buscando por uma oportunidade de trabalho.

A quarta entrevistada residia com o seu marido em uma parte de uma casa que abrigava também outra família. Vale destacar que devido à imigração muitas famílias haitianas passaram a viver em casas compartilhadas, com duas geladeiras, dois fogões, sendo, na prática, duas casas abaixo de um único teto. O casal foi bem acolhedor e ambos participaram da entrevista. A mulher residia no Brasil há oito meses e já apresentava condições de conversar em língua portuguesa. Ela também relatou que devido à pandemia não conseguiu frequentar as aulas de língua portuguesa oferecidas para haitianos, mas estava aprendendo a se comunicar no dia a dia e também havia conseguido uma vaga de trabalho. Devido a isso, a imigrante encontrava-se muito contente por estar com a documentação em dia e conseguindo enviar ajuda financeira aos familiares.

Além das questões da entrevista, houve diálogos sobre outros assuntos do cotidiano e foi possível perceber o quanto os imigrantes, no geral, sentem-se bem em poder falar sobre sua trajetória na imigração. Eles também costumam relatar com afinidade as condições que o Haiti se encontra e expressar seu amor e sua saudade pelos familiares que lá permanecem.

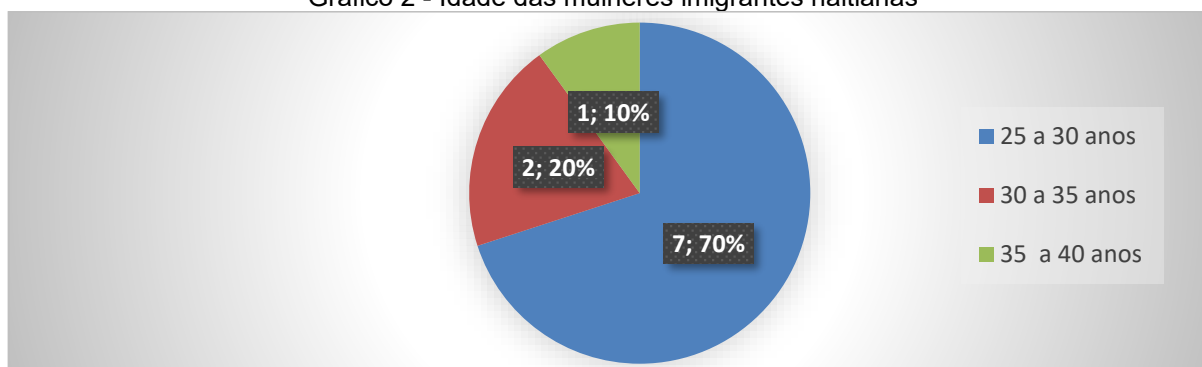
Mesmo residindo há alguns anos no Brasil, alguns imigrantes mantêm suas tradições, como dialogar usando a língua materna. Nas entrevistas, as participantes costumavam usar as duas línguas. Ao se dirigirem à entrevistadora, falavam em português, mas para consultar um familiar ou o tradutor Marcelin falavam somente em crioulo haitiano.

Destarte, o corpus da pesquisa é constituído pelos dados provenientes das entrevistas semiestruturadas realizadas com dez mulheres haitianas, todas residentes

em Pato Branco no momento de realização da pesquisa de campo. Por questões éticas, houve a preservação dos seus nomes a fim de resguardar suas identidades.

Sobre as categorias de análise, foram consideradas as seguintes: imigração; imigração de mulheres haitianas; reunião familiar; filhos; dificuldades e desafios para reunir a família. Nas entrevistas, buscou-se analisar primeiramente os aspectos relacionadas à idade (Gráfico 2) e ao estado civil (Gráfico 3) das entrevistadas.

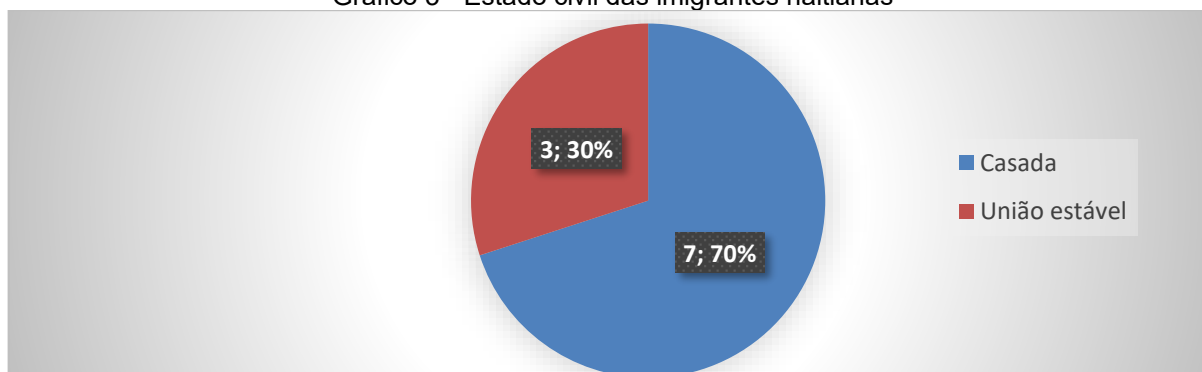
Gráfico 2 - Idade das mulheres imigrantes haitianas



Fonte: Autoria própria (2021).

Referente à idade das mulheres haitianas entrevistadas, elas possuem entre 24 e 40 anos, ou seja, são relativamente jovens e em idade produtiva. Desse modo, deveriam apresentar facilidade de conseguir uma colocação no mercado de trabalho devido à faixa etária, sendo que esse é um dos seus objetivos. A vinda de imigrantes, principalmente nessa faixa etária, é um fator positivo para o país que os acolhe, pois “para a sociedade de destino, essa composição etária é muito benéfica, pois a idade que o Estado mais gasta e investe no cidadão é no período da infância e na terceira idade (CAVALCANTI; OLIVEIRA; TONHATI, 2014, p. 14).

Gráfico 3 - Estado civil das imigrantes haitianas



Fonte: Autoria própria (2021).

Sobre o estado civil das entrevistadas, sete mulheres declararam ser casadas e três declararam viver em união estável com seus cônjuges. Na época das entrevistas, todas elas estavam residindo com seus maridos, sendo comum compartilharem a residência com outros membros da família, como filhos, irmãos e mãe. Essa vivência com mais membros da família destaca a importância da reunificação familiar para possibilitar o reencontro e o direito de residir no país que escolheram para buscar uma vida com mais dignidade.

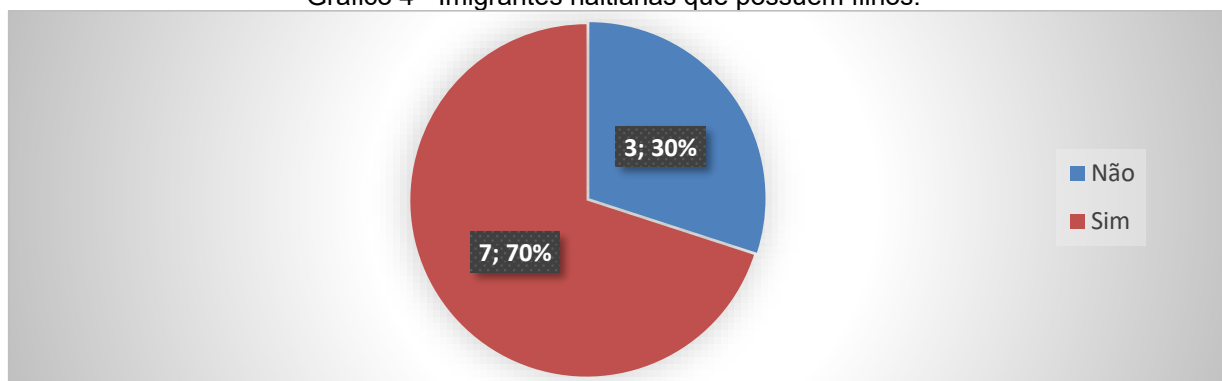
Conviver sob o mesmo teto com membros da família ou amigos possibilita a divisão das despesas entre os imigrantes haitianos, com o intuito de economizar dinheiro e enviar remessas aos familiares no Haiti.

O fato de várias pessoas morando na mesma casa se dá pela dificuldade que algumas pessoas tiveram em encontrar moradia, como também pelos valores dos alugueis que são caros, e dividindo as despesas como aluguel, água, luz, e alimentação, os custos são menores. (RODRIGUES; BURGEILE, 2020, p. 690)

Os recém-chegados enfrentam dificuldades para conseguir alugar residências, então o apoio dos conterrâneos é um meio de dar suporte até que consigam se estabilizar e posteriormente reunificar suas famílias no Brasil. Quando o imigrante possui o visto de permanência no país passa a ter o direito previsto na Lei n. 13.445, de 24 de maio de 2017, de solicitar a vinda dos membros da família por meio de vistos para a reunificação familiar.

Em seguida, perguntou-se para as imigrantes se possuíam ou não filhos, a quantidade de filhos, o país de nascimento dos filhos e com quem eles residiam naquele momento. O Gráfico 4 exibe as informações coletadas:

Gráfico 4 - Imigrantes haitianas que possuem filhos.



Fonte: Autoria própria (2021).

Nos aspectos referentes à maternidade, pode-se perceber que a maioria das entrevistadas são mães. Entre as dez, sete delas possuem filhos, sendo que o restante, três, não.

Existem escolhas e decisões no processo imigratório. Imigrar pode ser uma escolha difícil para uma mãe que se vê diante de uma oportunidade de encontrar uma melhoria na condição financeira da família. Por outro lado, há a necessidade de seguir e deixar os filhos, pois nem sempre quem parte consegue levar consigo os filhos na mesma viagem, sendo necessário deixar no país de origem, na esperança de conseguir buscá-los um dia.

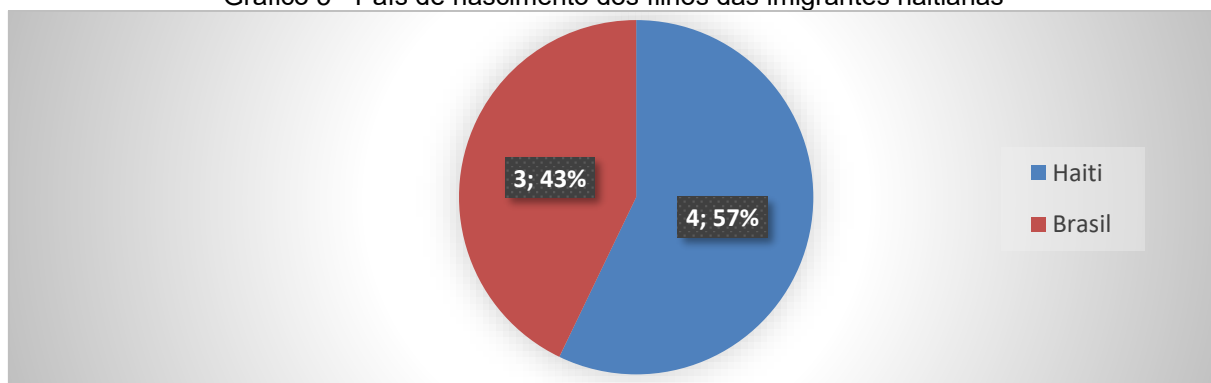
Sobre isso, Jordão (2015, p. 90) afirma:

Quando se tem filhos, a decisão de migrar é tomada com cautela. Se esses filhos são menores, as mães (e pais) precisam decidir entre trabalhar fora de casa e deixar os filhos com outra pessoa ou deixar de trabalhar para cuidar dos filhos.

Como as mulheres imigrantes são relativamente jovens, é comum seus filhos sejam pequenos, acarretando sobre essas mães a preocupação em decidir sobre aos cuidados de quem irão deixar as crianças e como elas serão criadas devido à distância e à ausência.

No gráfico abaixo, é representado o país de origem dos filhos das imigrantes:

Gráfico 5 - País de nascimento dos filhos das imigrantes haitianas



Fonte: Autoria própria (2021).

Dentre as dez entrevistadas, seis possuem filhos que residem com elas no Brasil. Uma das imigrantes possui uma filha que mora com a avó no Haiti. Diante disso, é nítido que não são todos os membros da família que conseguem imigrar, pois as mulheres também relataram que deixaram familiares no Haiti, sendo seus pais, irmãos e outros parentes com os quais conviviam. Também é possível identificar que

quatro tiveram seus filhos no Haiti e três tiveram seus filhos nascidos no Brasil, sendo assim, além de conseguir visto para si, essas mulheres se preocupam em conseguir trazer também os filhos.

Sobre os desafios da maternidade na imigração, Jordão (2015, p. 65) coloca que:

O desafio vivido pelas mulheres que são mães no momento de deixar o país. Por um lado, a necessidade de estar fisicamente próximas dos filhos, por outro, a precisão de alimentá-los, pagar escola, comprar roupas e demais itens imprescindíveis.

Quando precisam deixar os filhos no Haiti, as mulheres haitianas contam com o apoio das “mães, irmãs ou cunhadas das migrantes que permanecem no Haiti, ficam responsáveis pelo cuidado das crianças, filhos ou filhas das que migraram” (MEJÍA; CAZAROTTO, 2017, p.12).

A vinda das mulheres e dos filhos ocorre para reunir a família, mas na fala das mulheres fica evidenciado que há familiares que permanecem no país por falta de recursos para trazê-los ou por possuírem trabalho. Ao chegarem no Brasil, os imigrantes precisam conseguir remessas financeiras para dar suporte àqueles que ficaram, pois:

O objetivo das mulheres que deixam filhos no Haiti é conseguir emprego que lhes permita em um primeiro momento enviar dinheiro para sustentar os filhos no Haiti, ajudar os membros da família que ficaram responsáveis pelo cuidado dos filhos e se sustentar no Brasil. (MEJÍA; CAZAROTTO, 2017, p.15)

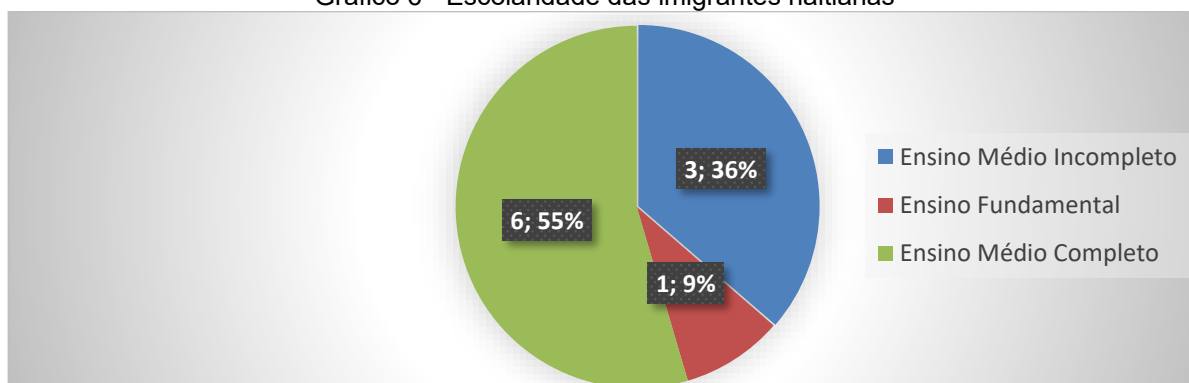
Sendo assim, as mulheres haitianas após imigrarem passam a desempenhar funções que até então não lhes eram atribuídas. “As mulheres que enviam dinheiro assumem um papel que não tinham e as que recebem assumem novos papéis na administração familiar” (RODRIGUES; BURGEILE, 2020, p. 690).

Com as informações apresentadas anteriormente, é possível destacar que se reúne parte de uma família, porém nunca na sua totalidade. Portanto, há sempre uma lacuna emocional, pois a saudade é bastante presente nas falas das entrevistadas e a necessidade de ajudar financeiramente passa a ser uma responsabilidade das imigrantes. Assim, convivem com a incerteza de um reencontro e se conseguirão dar continuidade ao envio de remessas de dinheiro aos parentes.

Muitas mulheres relataram que seus familiares conseguem viver bem no Haiti, pois possuem empregos e até mesmo negócios próprios. Já outras destacaram que seus familiares dependiam das remessas financeiras enviadas por elas, sendo que um dos motivadores da imigração foi a busca por oportunidade de emprego.

Também foram abordadas outras questões relacionadas à escolaridade e a vínculo empregatício naquele momento. O Gráfico 6 apresenta informações sobre suas escolaridades.

Gráfico 6 - Escolaridade das imigrantes haitianas



Fonte: Autoria própria (2021).

A maioria das entrevistadas possui Ensino Médio completo e relatam que a escolaridade do Brasil se difere daquela do Haiti, sendo assim seus diplomas precisam ser convalidados. Em relação aos filhos, para matriculá-los nas instituições escolares, considera-se a idade condizente com a série escolar brasileira.

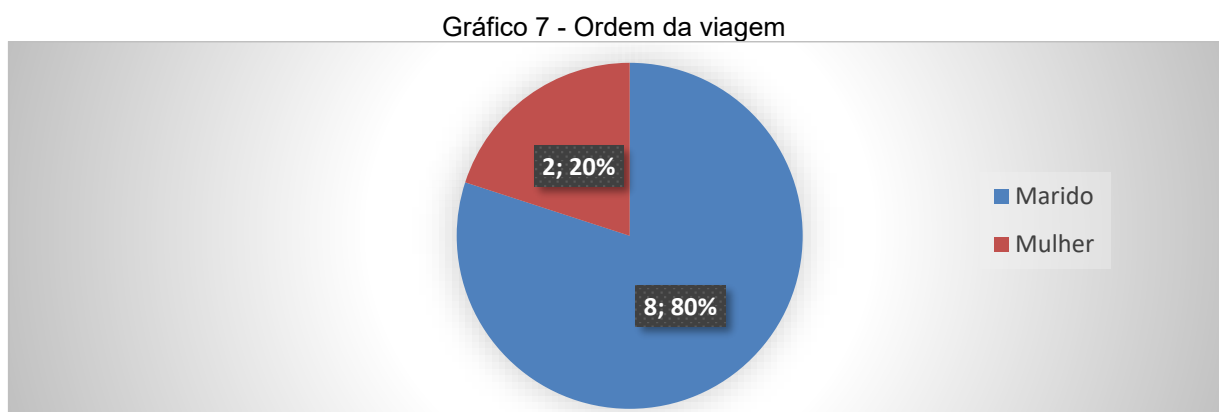
Dentre as mulheres entrevistadas, seis possuem o Ensino Médio completo e três o Ensino Médio incompleto. Uma delas cursou apenas o Ensino Fundamental. Seis delas estão estudando e buscando concluir o Ensino Médio para ingressarem em cursos profissionalizantes ou cursos de graduação.

Conseguir trabalho depende também da formação do imigrante. Por vezes, a experiência é o que mais conta, mas há também aqueles estrangeiros que “adquirem vínculos formais de trabalho de maneira diferenciada, conforme sua escolaridade e conforme a sua origem” (CAVALCANTI; OLIVEIRA; TONHATI, 2014, p. 59).

Dentre as dez haitianas, seis imigrantes estão inseridas no mercado de trabalho, mas manifestaram que a contratação não ocorreu de imediato, pois um dos empecilhos foi a necessidade de experiência, requisito exigido pela maioria das empresas. A dificuldade com o domínio da língua apareceu em segundo lugar, pois nas empresas que já possuíam haitianos contratados havia facilidade de conseguirem

desenvolver suas funções no mesmo setor de trabalho sem possuir um total domínio da língua local, uma vez que podiam se comunicar em crioulo.

Em relação à vinda para o Brasil, o Gráfico 7 demonstra quem chegou primeiro, se foi o marido ou a mulher; e, o Gráfico 8 demonstra quem arcou financeiramente com os custos viagem.



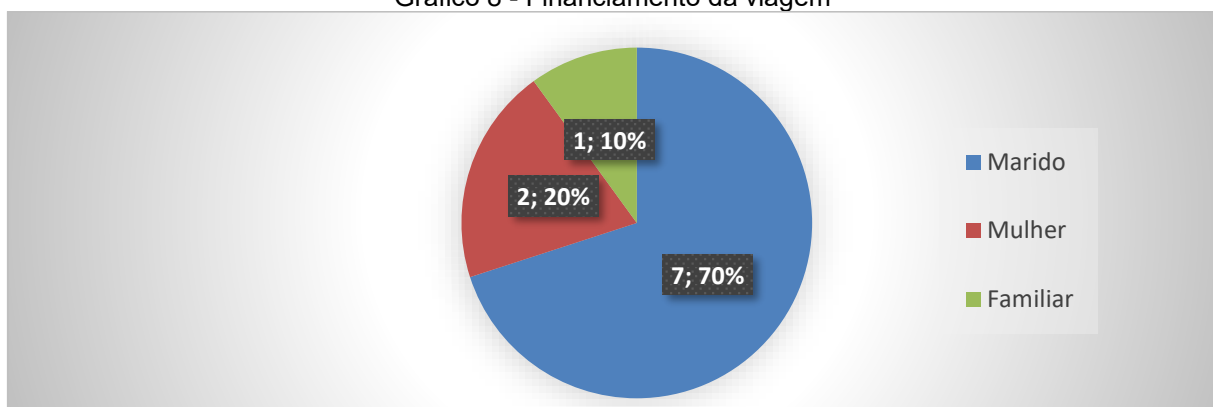
Fonte: Autoria própria (2021).

Como é possível perceber pelos dados dispostos no Gráfico 7, oito das dez entrevistadas relataram que os primeiros a virem para o Brasil foram seus maridos, e, por meio da solicitação deles, aconteceu a imigração delas. De acordo com as entrevistadas, o período entre a vinda do marido e a chegada da esposa e dos filhos varia entre um e seis anos, pois os maridos levam tempo para conseguir emprego e moradia no Brasil.

Handerson (2015, p. 183) destaca que “uma série de estratégias é utilizada em algumas famílias, para decidir quem viaja e a ordem dos candidatos à viagem”. De acordo com o autor, aspectos relacionados à capacidade de inserção no mercado de trabalho e à generosidade do candidato em relação aos demais familiares são fatores determinantes na hora da escolha. Assim sendo, a família toda se mobiliza para tornar possível a imigração de um dos familiares, o qual parte em busca de melhorias na sua condição de vida, assim como na dos seus familiares.

Também foi indagado às entrevistadas sobre o financiamento da viagem (Gráfico 8). Sete mulheres afirmaram que foi o marido; duas relataram que foram elas mesmas que financiaram tanto a viagem do marido quanto a própria viagem; e uma delas relatou que sua vinda foi paga pelos parentes do marido.

Gráfico 8 - Financiamento da viagem



Fonte: Autoria própria (2021).

Percebe-se que a maioria das mulheres entrevistadas contou com o auxílio do marido para financiar sua viagem. Cabe destacar que não são todas que contam com a ajuda masculina, sendo que algumas financiam as viagens próprias para virem até o país, pois “há muitas mulheres haitianas que migraram para o Brasil independentemente de uma companhia masculina” (JORDÃO, 2015, p.19).

A maioria das participantes da pesquisa relatou necessitar de financiamento do marido para a viagem até o Brasil e tal situação leva ao questionamento se essa dependência financeira é devido à cultura ou se há uma dificuldade de inserção no mercado de trabalho no próprio país de origem. Devido à dificuldade na comunicação, tal questão não foi esclarecida e ficou incerta.

Algumas das questões propostas abrem margem para interpretações devido ao contexto da entrevista, pois a presença dos maridos pode ter intimidado as mulheres, levando-as a mudar o foco das respostas. Ou a falta de intimidade com a entrevistadora fez com que se sentissem tímidas ao discorrer sobre alguns pontos de suas vidas. Cabe destacar que durante a pesquisa foi assegurado várias vezes o direito de responder ou não às perguntas.

Sem deixar de mencionar, existem também as imigrantes solteiras, as que imigraram sem a presença dos maridos e as que imigraram por motivos não relacionados à reunificação familiar. Desse modo, como não era o enfoque desta pesquisa, não houve aprofundamento nessas questões.

Outro assunto tratado nas entrevistas foi sobre como ocorreu a viagem até Pato Branco, o porquê da escolha pelo município e há quanto tempo residiam no local. Os relatos demonstraram que as viagens seguiram os trajetos aéreos: Haiti - Panamá - São Paulo. A última etapa, de São Paulo até Pato Branco, foi feita de ônibus. Como

já possuíam vistos brasileiros, as viagens ocorreram de forma tranquila, diferente dos indocumentados que geralmente imigram por trajetos alternativos com o auxílio de coiotes.

Com o objetivo de facilitar a análise, a apresentação das respostas está organizada em quadros. O Quadro 2 dispõe sobre os motivos que levaram as mulheres imigrantes a escolher a cidade de Pato Branco para fixar residência.

Quadro 2 - Escolha da cidade de Pato Branco

Por que escolheu a cidade de Pato Branco?
Imigrante 1: <i>Para trabalhar.</i>
Imigrante 2: <i>Porque aqui tem nossos amigos. Para morar com o marido.</i>
Imigrante 3: <i>Porque tinha vaga de trabalho.</i>
Imigrante 4: <i>Mãe morava aqui. Para trabalhar.</i>
Imigrante 5: <i>Tem amigos aqui. Para conseguir emprego.</i>
Imigrante 6: <i>Encontrar o marido e conseguir emprego com carteira assinada.</i>
Imigrante 7: <i>Porque minha irmã morava aqui e para trabalhar.</i>
Imigrante 8: <i>Morar com o marido. Para trabalhar.</i>
Imigrante 9: <i>Marido morava aqui e tinha vaga de trabalho.</i>
Imigrante 10: <i>Morar com o marido, trabalhar e ajudar minha família que ficou no Haiti.</i>

Fonte: Autoria própria (2021).

Dentre os motivos apontados pelas entrevistadas, as respostas consistiram basicamente na necessidade de conseguir um emprego, desejo de morar com o marido e por terem amigos ou familiares já residentes no local. Isso demonstra que as imigrantes possuíam praticamente os mesmos objetivos ao imigrarem.

O Quadro 3 apresenta os dados relacionados ao tempo de residência em Pato Branco, obtidos a partir do diálogo com as entrevistadas.

Quadro 3 - Tempo de residência no Brasil

Há quanto tempo reside em Pato Branco?
Imigrante 1: <i>Um ano.</i>
Imigrante 2: <i>Um ano.</i>
Imigrante 3: <i>Sete anos.</i>
Imigrante 4: <i>Quatro anos.</i>
Imigrante 5: <i>Cinco anos.</i>

Imigrante 6: <i>Um ano.</i>
Imigrante 7: <i>Dois anos.</i>
Imigrante 8: <i>Dois anos.</i>
Imigrante 9: <i>Oito meses.</i>
Imigrante 10: <i>Dez meses.</i>

Fonte: Autoria própria (2021).

Ao analisar as informações do Quadro 3, percebe-se que o período de residência das imigrantes varia entre 8 meses e 7 anos. Uma das entrevistadas já estava residindo no Brasil há 7 anos, sendo assim, nota-se que a imigração está levando os imigrantes a se estabelecerem no país e a permanecerem por períodos de tempo mais longos. Há ainda as que se fixaram há um ano ou menos, sendo a metade das entrevistadas. Isso indica que, apesar de decorridos dez anos do terremoto no Haiti, a população continua a imigrar para o Brasil.

Giacomini (2017) destaca que a vinda dos haitianos para o Brasil se intensificou após o terremoto de 2010, momento no qual os imigrantes passaram a chegar em grande número e indocumentados, entrando principalmente pelas fronteiras dos estados do Acre e do Amazonas.

Nesse período, a legislação brasileira estava pautada no Estatuto do Estrangeiro de 1980, um documento defasado para contemplar os novos fluxos migratórios. Desse modo, surgiu a necessidade da criação da nova Lei de Migração, Lei nº 13.445, de 24 de maio de 2017, para melhor respaldar os direitos dos imigrantes.

As entrevistadas também foram questionadas sobre os desafios que vivenciaram como mulheres durante a imigração e a chegada no Brasil. O Quadro 4 registra as respostas:

Quadro 4 - Desafios vivenciados, como mulher, durante a imigração e a chegada ao Brasil

Comente sobre quais são os desafios e as principais dificuldades enfrentadas pela mulher haitiana para a reunificação familiar.
Imigrante 1: <i>Para mim, é aprender o português, conseguir trabalho, mas o mais difícil foi ficar no Haiti esperando para arrumar dinheiro para a viagem, muita saudade.</i>
Imigrante 2: <i>Fiquei um bom tempo sozinha, aos 15 anos tive uma filha e fui abandonada pelo pai dela, aí casei novamente, mas meu marido pediu para deixar a menina com a avó. Ela não é filha dele, sabe, minha maior tristeza foi partir sem ela, eu tenho outra criança desse homem, mas sei que ela sente saudades da mãe. Também meus pais estão lá, irmãos,</i>

<i>muita saudade. Aprender o português e arrumar emprego também é difícil.</i>
Imigrante 3: <i>Precisa deixar muitos da família lá, tenho irmãos, pais, às vezes conversamos pela internet. Aprender a falar o português, tem coisas lá no Haiti que aqui não tem. Os costumes são diferentes.</i>
Imigrante 4: <i>É difícil quando precisa morar separado da família, mas não dá para todos morar juntos, agora estou aqui com meu marido e minha mãe, mas tenho muitos lá, irmãos e meus parentes, é difícil aprender a língua e conseguir trabalho.</i>
Imigrante 5: <i>O idioma, tem preconceito, medo de não ter vaga de emprego.</i>
Imigrante 6: <i>Muita saudade da minha família que ficou, tenho mãe e pai lá, também irmãos, um pouco de dificuldade com a língua e um pouco de preconceito.</i>
Imigrante 7: <i>Eu gosto muito daqui, não sofri preconceito, mas foi difícil arrumar emprego e uma moradia, muita saudade dos meus familiares que ficaram no Haiti, meu pai e irmãos estão lá.</i>
Imigrante 8: <i>É difícil falar o português, mas estou aprendendo e também emprego com carteira assinada.</i>
Imigrante 9: <i>Eu gosto muito de morar aqui, eu tive dificuldade de conseguir trabalho e um pouco na língua, também um pouco de preconceito, mas tem muitos que ajudam nós haitianos.</i>
Imigrante 10: <i>Eu consegui emprego, não sei bem o português porque parou as aulas devido à pandemia, mas gostei muito dessa cidade, sinto saudades dos que ficaram no Haiti, aqui só está eu e meu marido.</i>

Fonte: Autoria própria (2021).

As respostas das entrevistadas consistiram em itens semelhantes. De acordo com as respostas obtidas, os principais desafios se dão para conseguir emprego, para fixar moradia e para dominar a língua local.

Sobre o último desafio mencionado, Duarte (2018, p. 43) afirma que “a dificuldade com o uso da língua portuguesa, a rigor, é, concretamente, um entrave para a população migrante que está no país em busca de novas oportunidades”. E esse fator também acarreta em barreiras para as contratações.

Ainda referente ao não domínio do idioma, percebe-se que “as haitianas expressam grande dificuldade em se comunicar com a sociedade de acolhimento, enfrentam resistência em vencer a barreira da língua, situação que interfere na integração das mulheres à sociedade de acolhimento” (MEJÍA; CAZAROTTO, 2017, p.16).

Tendo em vista essa dificuldade em aprender a língua, as mulheres entrevistadas relataram um agravante em 2020, uma vez que as aulas de português

para haitianos foram suspensas devido à pandemia da covid-19. Como meio alternativo, as entrevistadas passaram a contar com auxílio dos familiares e amigos para aprender a se comunicar em língua portuguesa, sendo ensinadas por aqueles que já tinham certo conhecimento e certa experiência.

Sobre outros motivos que levaram os haitianos a buscarem pela imigração, Motoki et al. (2012) colocam que existem desigualdades de ordem econômicas e sociais existentes entre países e também entre regiões de um mesmo país, as quais geram áreas atrativas ou repulsivas para os imigrantes. Desse modo, pela imigração haitiana continuar ocorrendo mesmo após uma década, o Brasil demonstra ser um destino mais justo, com mais oportunidades e com mais condições de vida quando comparado ao Haiti.

O preconceito também foi um desafio apontado pelas participantes. Apesar de não ser um ponto com muitas reclamações, as participantes relatam sua existência. Para elas, problemas como a falta de emprego ou de dinheiro são bem mais relevantes do que o preconceito que as pessoas possam ter com o imigrante haitiano.

Além das dificuldades mais frequentes, também foi proposto para as entrevistadas comentarem sobre a questão de ser mulher imigrante no Brasil. O Quadro 5 exhibe as respostas:

Quadro 5 - Como é ser mulher imigrante no Brasil

Comente sobre como é ser mulher imigrante no Brasil.
Imigrante 1: <i>Difícil conseguir emprego, porque querem experiência.</i>
Imigrante 2: <i>Eu gosto de viver aqui no Brasil, no Haiti não tinha trabalho, agora tem, eu não sofri preconceito, foi tudo bem.</i>
Imigrante 3: <i>Precisa trabalhar e o salário é pequeno. Trabalhar para estrangeiro, também tem preconceito.</i>
Imigrante 4: <i>É normal, só preciso de um emprego, mas meu marido trabalha e eu estudo.</i>
Imigrante 5: <i>Ainda não consegui trabalho aqui, às vezes a vaga é para homens e pedem experiência. Fui muito bem acolhida, quero ficar aqui, tenho conhecidos.</i>
Imigrante 6: <i>É ruim você trabalhar para os outros, lá eu tinha um negócio, e era meu, mas meu marido não conseguia trabalho então veio para cá e eu precisei vir morar com ele.</i>
Imigrante 7: <i>É difícil, tenho muita saudade da minha família que ficou lá, mas estou bem aqui, trabalho e consigo ajudar eles, fui bem recebida nessa cidade.</i>

Imigrante 8: *Eu gosto de morar aqui, fui bem recebida, tem gente que não gosta de imigrantes, mas a maioria ajuda e respeita.*

Imigrante 9: *É difícil não saber bem o português, mas já estou aprendendo, conseguir trabalho, demorei para começar na empresa, preconceito tem um pouco.*

Imigrante 10: *Não sabia falar bem o português e fui morar no bairro que tem haitianos aí foi até fácil, tenho um pouco de dificuldade para conseguir casa e emprego.*

Fonte: Autoria própria (2021).

Segundo as imigrantes, suas dificuldades consistem praticamente nas mesmas sentidas pelos homens, porém uma das mais exacerbadas é conseguir emprego, haja vista a existência de vagas exclusivas para homens ou para brasileiros. Embora existam empresas que contratam especialmente imigrantes, é difícil encontrar vagas específicas para mulheres haitianas. Há ainda relatos sobre preconceito, uma vez que a cor de pele é nitidamente diferente, evidenciando o fato de não serem brasileiras. No geral, as imigrantes relataram que a maioria das pessoas são respeitadas, porém sempre existem aquelas que pensam que os haitianos estão roubando vagas de trabalho na cidade, enquanto a população local não tem empregos.

Referente à empregabilidade das mulheres:

As maiores possibilidades de emprego para as mulheres migrantes situam-se naqueles trabalhos que são menos valorizados pela sociedade, e com salários inferiores aos dos homens, ou seja, são discriminadas pela sua condição de mulher, o que na verdade é uma questão de gênero. (RODRIGUES; BURGEILE, 2020, p. 689).

Dentre os fatores que podem estar correlacionados às dificuldades para encontrar trabalho por parte das mulheres haitianas, pode-se destacar: preferência pelo porte físico masculino, dado o corpo costumeiramente mais avantajado e com maior resistência para trabalhos físicos; e, existência de direitos trabalhistas exclusivos para as mulheres, como a licença-maternidade. Esse direito assegurado é benéfico para mulheres que possuem empregos formais, porém para aquelas que estão à procura pode ser o motivo decisivo para um empregador preferir um funcionário do gênero masculino em vez de uma mulher que ainda não tenha filhos e planeja ter em breve.

Outro questionamento efetuado durante as entrevistas foi sobre vinda da mulher imigrante estar relacionada diretamente com a reunificação familiar. Segue o Quadro 6 com as respostas das participantes:

Quadro 6 - A vinda da mulher haitiana e a reunificação familiar

Comente sobre se sua vinda auxiliou na reunificação familiar.
Imigrante 1: <i>Sim, consegui vir morar com meu marido e meu filho.</i>
Imigrante 2: <i>Sim, meu marido está há 4 anos aqui, faz 1 ano que consegui dinheiro e meu visto, ainda preciso trazer minha filha.</i>
Imigrante 3: <i>Sim, fiquei 4 anos morando no Haiti longe do meu marido, agora estamos juntos e nossa filha também e tenho um filho que nasceu aqui.</i>
Imigrante 4: <i>Minha mãe está aqui já faz 7 anos, eu vim primeiro morar com ela e depois meu marido, nosso filho nasceu aqui.</i>
Imigrante 5: <i>Sim, e consegui trazer minha filha também.</i>
Imigrante 6: <i>Sim, vim para morar com meu marido e nosso filho.</i>
Imigrante 7: <i>Sim, minha mãe estava aqui, consegui vir com minha família e agora minha irmã também mora junto aqui.</i>
Imigrante 8: <i>Sim, estou feliz por conseguir morar com meu marido aqui e meu bebê.</i>
Imigrante 9: <i>Sim, tinha muita saudade, era difícil conversar pela internet devido ao horário de serviço</i>
Imigrante 10: <i>Sim, é mais fácil quando moramos juntos, longe é difícil, muita saudade e ele estava muito triste.</i>

Fonte: Autoria própria (2021).

Todas as imigrantes relatam que a vinda da mulher estava relacionada à reunificação familiar. Para elas, a ação de reunir-se com o marido e os filhos é importante, pois sentem muita saudade quando estão distantes.

Para as mulheres, a imigração é mais do que um meio de dar suporte ao marido que partiu primeiro, é também importante para realizar seus projetos pessoais, como conquistar empregos, auxiliar a família de forma ativa e principalmente diminuir a distância entre os familiares, pois “a migração é uma dimensão constitutiva dos horizontes de possibilidades da vida delas” (HANDERSON; JOSEPH, 2015, p. 4).

Uma vez que há o interesse em reunir a família e que todas as entrevistadas deixaram claro que tiveram esse propósito ao virem ao Brasil, uma das perguntas que restava era sobre a legislação envolvida no processo de imigração. O Quadro 7 evidencia as percepções das imigrantes sobre as questões legais ao imigrarem para o Brasil.

Quadro 7 - Leis brasileiras e a reunificação familiar

Comente se as leis brasileiras são favoráveis para a reunificação familiar.
Imigrante 1: <i>Sim, é fácil conseguir os documentos para vir morar aqui, precisa ter alguém da família morando e trabalhando por um tempo.</i>
Imigrante 2: <i>Foi fácil fazer o visto, só demorei porque precisava de dinheiro para pagar minhas despesas e o marido enviava aos poucos.</i>
Imigrante 3: <i>Sim, as leis ajudam para conseguir os documentos, é só levar a carta, 2 fotos e pagar uma taxa.</i>
Imigrante 4: <i>Minha mãe já morava aqui e foi fácil conseguir minha vinda e depois do meu marido.</i>
Imigrante 5: <i>As leis ajudam e se você tem seu marido aqui e ele trabalha com carteira assinada fica fácil conseguir o visto.</i>
Imigrante 6: <i>É bem fácil fazer os documentos, as leis ajudam, só demorou um pouco para meu marido conseguir casa e emprego com carteira assinada.</i>
Imigrante 7: <i>As leis ajudam, não é difícil conseguir fazer a documentação.</i>
Imigrante 8: <i>A documentação sai em pouco tempo, é só levar os documentos certinhos.</i>
Imigrante 9: <i>Sim, não é difícil conseguir fazer os documentos.</i>
Imigrante 10: <i>Meu marido chegou aqui sem documentação e logo arrumou tudo, depois de um tempo conseguiu pedir meu visto.</i>

Fonte: Autoria própria (2021).

Como é possível perceber, as participantes afirmam que as leis do Brasil sobre reunificação familiar facilitam muito o processo imigratório e chegar de forma documentada diminui os riscos enfrentados por muitas, ao contrário de quando estão indocumentadas e seguem caminhos mais longos e alternativos. Além disso, também se tem maior probabilidade de chegada ao destino.

Essa facilidade pode estar relacionada ao fato de o Brasil possuir uma legislação aberta para imigrantes, sem restrições que dificultam a entrada e a permanência no país. Em especial, sobre o direito de reunir a família, há a Lei nº 13.445, de 24 de maio de 2017, que institui a Lei de Migração e assegura aos imigrantes o direito do convívio familiar no território nacional. Na Seção V, da Reunião Familiar, consta o seguinte:

Art. 37. O visto ou a autorização de residência para fins de reunião familiar será concedido ao imigrante:

I - cônjuge ou companheiro, sem discriminação alguma;

II - filho de imigrante beneficiário de autorização de residência, ou que tenha filho brasileiro ou imigrante beneficiário de autorização de residência;

- III - ascendente, descendente até o segundo grau ou irmão de brasileiro ou de imigrante beneficiário de autorização de residência; ou
 IV - que tenha brasileiro sob sua tutela ou guarda.

Ou seja, no momento em que um familiar, geralmente o marido, esteja legalizado no país, outros familiares conseguem realizar a imigração de modo legal, pois a família irá atender os artigos determinados pela Lei. Além disso, os filhos também são beneficiários e tendem a chegar ao país de modo legal.

Ainda sobre a reunificação, foi perguntado para as participantes como ocorreu o processo.

Quadro 8 - Situação atual da família

Comente sobre como foi o processo da reunificação familiar e a situação atual da família.
Imigrante 1: <i>Foi tranquilo, meu marido entrou com o pedido e assim que arrumamos os documentos saiu o visto, agora estamos morando aqui junto com os filhos, estão estudando, meu marido trabalha eu cuido do bebê, mas vou estudar para terminar meu ensino médio e trabalhar.</i>
Imigrante 2: <i>Meu marido fez os documentos, ele tinha carteira assinada e morava há um tempo aqui. Estamos bem aqui, só falta minha filha e minha mãe que ficaram no Haiti, eu sinto muito a falta delas. Vem mais um bebê logo (está grávida).</i>
Imigrante 3: <i>Meu marido morava aqui e trabalhava, ele enviou a carta e os documentos pedindo minha vinda. Estamos trabalhando e conseguimos ajudar minha família que ficou no Haiti.</i>
Imigrante 4: <i>Minha mãe estava aqui fazia uns anos, ela pediu meu visto. Moro com minha mãe aqui, ela ajudou muito, meu marido está trabalhando e conseguimos ajudar meus irmãos e meu pai que ficaram no Haiti.</i>
Imigrante 5: <i>Quando você tem alguém da família que trabalha com carteira assinada e mora um tempo fica fácil conseguir o visto. Meu marido conseguiu fazer a carta e arrumar os documentos. Nós já conseguimos trabalho, meu filho estuda, a família no Haiti não precisa ajuda, eles têm emprego lá também.</i>
Imigrante 6: <i>Meu marido arrumou os documentos, como trabalhava ele conseguiu pedir meu visto. Aqui é muito bom de morar, trabalhamos e estudamos. Meu marido estuda Química na UTFPR, eu estudo no Agostinho.</i>
Imigrante 7: <i>Agora, na pandemia, meu marido está sem emprego. Eu ainda não consegui trabalho, estamos recebendo o auxílio. Minha irmã está desempregada e mora junto na mesma casa, queremos continuar morando aqui.</i>

Imigrante 8: *Faz tempo meu marido mora aqui, então pediu meu visto, e conseguimos fazer a documentação. Estamos bem aqui.*

Imigrante 9: *Minha mãe morava aqui, ela ajudou pedindo meu visto. Aqui estamos bem, já moramos em outros lugares era mais difícil. Eu gosto muito daqui, temos emprego, escola e é fácil conseguir médico de graça.*

Imigrante 10: *Meu marido conseguiu arrumar os documentos que precisa e foi fácil fazer o visto, meu tio pagou as despesas da viagem, agora ajudamos eles. Eu consegui trabalho e meu marido também, gostamos muito dessa cidade.*

Fonte: Aatoria própria (2021).

Como é possível perceber, segundo as entrevistadas, esse processo é bem tranquilo, pois quando alguém da família reside no Brasil por algum tempo, possui a documentação de permanência e trabalha com carteira assinada se torna mais fácil solicitar a vinda de um familiar e conseguir a aprovação do visto. O processo normalmente ocorre a partir de quem já está no país pedindo para alguém de fora ser aceito.

A seguir, apresentam-se as considerações finais desta pesquisa:

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A imigração de haitianos ocorre para diversos países. No Brasil, intensificou-se a partir do ano de 2010, em especial, para a cidade de Pato Branco, estado do Paraná, cujo primeiro grupo de imigrantes chegou em 2012. É importante salientar que esses imigrantes, ao chegaram na cidade, encontravam-se contratados para ocupar vagas excedentes no mercado de trabalho. Em seguida, chegaram mais grupos de haitianos, os quais também buscavam trabalho. Atualmente, o número de imigrantes haitianos residentes em Pato Branco está entre 500 e 600 pessoas.

O início da imigração para a cidade foi marcado pela vinda de homens em busca de melhores condições de vida, principalmente por questões empregatícias. Em seguida, o movimento de imigração continuou, porém dessa vez ocorreu por meio de mulheres haitianas com o intuito de reunir suas famílias.

Esse processo de reunificação ocorre de diversas formas, inclusive permeado por obstáculos e complexidades. Diante do exposto, esta pesquisa teve como objetivo analisar, sob a ótica das mulheres haitianas, residentes na cidade de Pato Branco, dificuldades e desafios enfrentados por elas para a reunificação familiar.

A pesquisa aconteceu por meio de leituras de materiais teóricos voltados à temática da imigração. Outrossim, contou com a realização de entrevistas com dez imigrantes haitianas, abrangendo questões direcionadas à reunificação familiar e aos desafios envolvidos nesse processo.

A coleta de dados foi pautada na realização de entrevistas com roteiros semiestruturados (Apêndice B), aplicadas com os devidos cuidados em decorrência da pandemia da covid-19. Algumas mulheres deslocaram-se até a Escola Sant'Ana para contribuir com a pesquisa, enquanto outras receberam a pesquisadora nas suas casas, o que propiciou também a participação de alguns de seus familiares.

Além da pandemia da covid-19, outro desafio enfrentado foi o fato de as participantes da pesquisa não possuírem fluência na língua portuguesa. No entanto, tal situação foi contornada com a tradução do português para o crioulo haitiano, realizada por Marcelin Pierre, presidente da OUDES, fundamental para a realização da coleta de dados.

A falta do domínio da língua local também foi um fator limitador nos diálogos entre entrevistadora e entrevistadas. De maneira geral foi um trabalho satisfatório,

mas certamente a necessidade de tradução acabou levando a respostas mais curtas pela dificuldade de comentar mais sobre as questões abordadas.

Por meio da coleta de dados, foi possível perceber que, em sua grande maioria, as mulheres entrevistadas são jovens, mães e casadas. A ordem mais comum de viagem ocorreu primeiramente com a vinda dos maridos e em seguida das esposas. Também é bastante frequente que os imigrantes haitianos residam juntamente com outros familiares, embora sempre parte da família permaneça no país de origem, o que justifica o envio de remessas financeiras para eles.

A vinda das mulheres imigrantes está atrelada à possibilidade de trazer também seus filhos, mas nem sempre é possível imigrar a família toda. Cabe às famílias a decisão de quem imigra e de quem permanece. Essas decisões são pautadas na capacidade do candidato em conseguir se colocar com facilidade no mercado de trabalho e também na sua afetividade para com a família, pois aqueles que permanecem não desejam correr o risco de ficar sem suporte e sem ajuda financeira do imigrante.

Também existe a preocupação direcionada aos cuidados com os filhos, pois, em alguns casos, as mulheres haitianas necessitam deixar temporariamente as crianças no país de origem por não conseguirem pagar todos os seus gastos. Sendo assim, o processo de reunificação familiar pode levar anos para ocorrer, devido à necessidade de cumprir os requisitos⁶ exigidos pela Lei de Migração nº 13.445, conseguir estabilidade, juntar dinheiro para os custos com a viagem e prover os gastos de quem permaneceu no Haiti.

⁶ Art. 7º O requerimento de autorização de residência para reunião familiar deverá ser instruído com os seguintes documentos: I - formulário de solicitação disponível no sítio da Polícia Federal na internet, devidamente preenchido; II - duas fotos 3x4; III - documento de viagem válido ou documento oficial de identidade; IV - certidão de nascimento ou casamento ou certidão consular, desde que não conste a filiação na documentação prevista no inciso III; V - comprovante de recolhimento das taxas de autorização de residência e de emissão da carteira de Registro Nacional Migratório, quando aplicáveis; VI - certidões de antecedentes criminais ou documento equivalente emitido pela autoridade judicial competente de onde tenha residido nos últimos cinco anos; VII - declaração, sob as penas da lei, de ausência de antecedentes criminais em qualquer país, nos cinco anos anteriores à data da solicitação de autorização de residência; VIII - certidão de nascimento ou casamento para comprovação do parentesco entre o requerente e o brasileiro ou imigrante beneficiário de autorização de residência ou documento hábil que comprove o vínculo; IX - comprovante do vínculo de união estável entre o requerente e o brasileiro ou imigrante beneficiário de autorização de residência; X - declaração conjunta de ambos os cônjuges ou companheiros, sob as penas da lei, a respeito da continuidade de efetiva união e convivência; XI - documento de identidade do brasileiro ou imigrante beneficiário de autorização de residência com o qual o requerente deseja a reunião; XII - declaração, sob as penas da lei, de que o chamante reside no Brasil; XIII - documentos que comprovem a dependência econômica, quando for o caso; e XIV - documentos que comprovem a tutela, curatela ou guarda de brasileiro, quando for o caso.

Os principais desafios para a reunificação familiar ocorrem devido à dificuldade em conseguir se colocar no mercado de trabalho e também à dificuldade em alugar imóveis para residência. Os imigrantes precisam conseguir fiadores e ainda desejam economizar dinheiro, por isso é comum morarem em um número elevado de pessoas no mesmo local. Isso faz com que os proprietários dos imóveis não desejem alugar aos imigrantes, uma vez que há grande quantidade de pessoas usufruindo do mesmo imóvel.

Sobre o apoio, é bastante comum os imigrantes estabelecidos há mais tempo no município prestarem auxílio aos recém-chegados. Estes passam a morar junto com amigos e parentes até se estabelecerem de forma estável e conseguirem regularizar os documentos, no caso dos que chegam sem visto. Um ponto interessante a ressaltar é que há muita solidariedade entre os haitianos, pois mesmo não sendo integrante da família, um imigrante consegue receber apoio por parte de outros compatriotas para que consiga se estabelecer na cidade.

Outro fator que gera dificuldades é a falta do domínio da língua local, pois passa a ser um fator que impede a contratação desses imigrantes. A falta de experiência também é um requisito que impede as contratações. O que a sociedade faz para proporcionar o aprendizado da língua às imigrantes haitianas? Será que as aulas de português ofertadas são suficientes e oportunizadas a todas? Ou apenas uma parcela das imigrantes é atendida?

Nota-se que a maioria dos imigrantes busca residir próximo aos seus conterrâneos, formando uma rede de apoio e facilitando a comunicação entre si. E, quando surge a necessidade de comunicação em língua portuguesa e não possuem o domínio, contam com a ajuda de algum compatriota que possui mais conhecimento da língua para fazer a tradução e tornar possível o diálogo. Sendo assim, é comum andarem em grupos.

No que tange às políticas públicas destinadas aos imigrantes, é possível apontar que a implementação delas é morosa. Apesar de definirem direitos aos imigrantes, efetivamente a implementação ainda é frágil, pois abre margem para questionar se tal legislação impacta na vida dos imigrantes de forma satisfatória, até que ponto tal legislação assegura de fato o direito da reunificação familiar e até que ponto as políticas públicas dão subsídios concretos para o imigrante conseguir atender os requisitos exigidos para a reunificação familiar.

Se existe uma lei federal brasileira que assegura ao imigrante o direito de trazer a família, onde estão as políticas públicas que vão assegurar ao imigrante a vinda e a permanência do familiar? Tal problemática está atrelada ao fato de que a legislação brasileira define o direito ao imigrante de residir no seu território.

A partir da chegada, inúmeras barreiras são enfrentadas pelos imigrantes. Mesmo o Brasil sendo um lugar que abrange uma grande diversidade de raças, ainda o preconceito se faz presente e leva os imigrantes a vivenciarem atitudes racistas e preconceituosas. Conseguir empregos também passa a ser um fator que limita muitos imigrantes, sendo que as empresas solicitam requisitos que não são cumpridos pelos candidatos imigrantes, como a experiência e o domínio da língua portuguesa.

A inserção social e o impacto da imigração sobre a vida das mulheres haitianas não são particularidades da imigração haitiana. É um problema de toda a sociedade. Nós, enquanto sociedade, vivemos a imigração; nós, enquanto sociedade, somos atingidos diretamente pela imigração. Quando emigramos ou quando recebemos imigrantes percebemos impactos, mudanças e transformações na nossa cidade, no nosso núcleo, na nossa igreja, na nossa escola e nas nossas famílias.

A imigração não é peculiar do imigrante, a imigração é um processo que atinge a todos nós e traz transformações para todas as vidas; porque o imigrante chega e tem sua vida transformada, mas também transforma o ambiente onde chega; porque existe uma fusão de culturas, de saberes e de vivências; e, a partir disso, constrói-se uma nova sociedade, uma nova vivência, uma nova visão de mundo, com impactos em todos os aspectos.

Entre esses desafios da mulher imigrante haitiana para a reunificação familiar, existem os impactos da imigração do ser mulher, de se inserir em outra sociedade, sendo indicativos da complexidade enfrentada pelas mulheres.

As mulheres saem do meio em que vivem, seguem em busca do objetivo maior que é a reunificação familiar, para se reunir ao marido aos filhos enfrentam vários tipos de desafios, vivenciando um desconforto muito grande para conseguir juntar a família.

De acordo com os resultados da pesquisa, dentre os desafios enfrentados pelas mulheres haitianas para reunir as famílias está a aceitação de empregos precários, com salários baixos e sem o reconhecimento dos seus estudos; ou seja, a remuneração não é condizente com suas formações e com seus planos de carreiras. Devido à necessidade de obter uma renda para suprir suas despesas, por vezes acabam aceitando empregos nessas condições e trabalhando em turnos da

madrugada. Sendo assim, questiona-se até que ponto a legislação brasileira assegura o direito do imigrante a exercer sua profissão e a obter salários equivalentes com sua formação.

Portanto, dentre os desafios estão: a necessidade de aprender português; a inserção na sociedade; não conseguir reunir todos os membros da família Brasil; aceitar salários baixos por falta de opções. Ademais, a religião, o abandono de costumes e confraternizações e a adaptação ao clima local também podem ser desafiadores,

Uma limitação para a realização do estudo se deu pelo período de enfrentamento da pandemia da covid-19, pois foi necessário reorganizar a coleta de dados, o que acarretou em limitações de contato direto entre a pesquisadora e as participantes da pesquisa. Por isso, houve somente um encontro com elas, apenas para realizar as entrevistas.

As pesquisas sobre a temática são recentes. Esta é a primeira pesquisa específica sobre as mulheres haitianas e a reunificação familiar no município de Pato Branco. Ainda há muito a ser estudado sobre as mulheres imigrantes, sobre os seus papéis na sociedade, sobre a reunificação familiar e sobre os impactos dessa imigração na sociedade pato-branquense.

Esta pesquisa é relevante cientificamente, uma vez que muitos imigrantes haitianos permaneceram, trouxeram familiares e até constituíram suas famílias no território brasileiro. Desse modo, a cultura está sendo ressignificada e impactos dessa imigração podem ser vistos e sentidos por anos. Sendo assim, os resultados podem contribuir para novos estudos científicos acerca da temática.

É necessário, pois, um olhar mais cuidadoso para as mulheres imigrantes. As suas histórias, famílias, religiosidades e manifestações culturais precisam ser compreendidas e acolhidas pela sociedade local. As imigrantes haitianas não precisam de caridade. As imigrantes haitianas precisam de inserção social devido ao papel fundamental que exercem na sociedade como ser humano – MULHER.

REFERÊNCIAS

- ABREU, R. L. **Imagem:** Paraná - Meso Micro Município. 2006. Disponível em: <<https://commons.wikimedia.org/w/index.php?curid=1362623>>. Acesso em: 10 jul. 2020.
- ANGLADE, G. **Imagem:** Haitianos no mundo. 1982, 2005. Disponível em: <<http://ile-en-ile.org/georges-anglade-les-haitiens-dans-le-monde/>>. Acesso em: 12 jan. 2021.
- ANTONELLI, D. As Ucrânias do Paraná. **Ideias:** Política, Economia & Cultura do Paraná, Curitiba, ano XIV, n. 196, fev. 2018. Disponível em: <<https://www.revistaideias.com.br/2018/02/21/as-ucranias-do-parana/>>. Acesso em: 17 mar. 2021.
- ARAÚJO, K. A. de; ALMEIDA, L. P. de. Discutindo gênero e cultura: um estudo sobre mulheres haitianas em Campo Grande-MS, Brasil. **Revista TraHs**, Limoges, n. 6, 2019. Disponível em: <<https://www.unilim.fr/trahs/1916&file=1>>. Acesso em: 12 jul. 2021.
- AZEVEDO, C. M. M. de. **Dois estudos sobre imigração e racismo**. São Paulo: Anablume, 2012.
- BRASIL. **Lei nº 601, de 18 de setembro de 1850**. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l0601-1850.htm>. Acesso em: 10 nov. 2020.
- _____. **Decreto nº 528, de 28 de junho de 1890**. Disponível em: <<https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1824-1899/decreto-528-28-junho-1890-506935-publicacaooriginal-1-pe.html>>. Acesso em: 12 jul. 2021.
- _____. **Decreto nº 9.081, de 3 de novembro de 1911**. Disponível em: <<https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1910-1919/decreto-9081-3-novembro-1911-523578-republicacao-102836-pe.html>>. Acesso em: 10 set. 2019.
- _____. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1934**. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao34.htm>. Acesso em: 22 jul. 2019.
- _____. **Decreto-Lei nº 7.967, de 18 de setembro de 1945**. Disponível em: <<https://www2.camara.leg.br/legin/fed/declei/1940-1949/decreto-lei-7967-18-setembro-1945-416614-norma-pe.html#:~:text=EMENTA%3A%20Disp%C3%B5e%20s%C3%B4bre%20a%20imigra%C3%A7%C3%A3o,Coloniza%C3%A7%C3%A3o%2C%20e%20d%C3%A1%20outras%20provid%C3%A2ncias.>>>. Acesso em: 12 jul. 2021.
- _____. **Lei nº 6.815, de 19 de agosto de 1980**. Disponível em: <<https://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/1980-1987/lei-6815-19-agosto-1980-366138-norma-pl.html>>. Acesso em: 12 jul. 2021.

_____. **Lei 13.445, de 24 de maio de 2017**. Disponível em: <<https://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/2017/lei-13445-24-maio-2017-784925-publicacaooriginal-152812-pl.html>>. Acesso em: 30 jun. 2019.

BULAMAH, R. C. O lakou haitiano e suas práticas: entre mudanças e permanências. **Temáticas**, Campinas, v. 21, ed. 42, p. 205-233, ago./dez. 2013. Disponível em: <<https://econtents.bc.unicamp.br/inpec/index.php/tematicas/article/view/11035>>. Acesso em: 12 jul. 2021.

CAVALCANTI, L.; OLIVEIRA, A. T.; TONHATI, T. (Orgs.) A Inserção dos Imigrantes no Mercado de Trabalho Brasileiro. **Cadernos do Observatório das Migrações Internacionais**, Brasília, 2014. Disponível em: <<https://oestrangero.org.files.wordpress.com/2014/11/relatorio-parcial-a-inserc3a7ao-dos-imigrantes-no-mercado-de-trabalho-brasileiro.pdf>>. Acesso em: 17 mar. 2021.

CHRISTIANO, R. M; NUNES, N. R. A. A Família na contemporaneidade: os desafios para o trabalho do Serviço Social. **Em Debate**, n. 11, pág. 32–56, 2013.2. Disponível em: <<https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/26982/26982.PDF>>. Acesso em: 12 jul. 2021

CORRENT, N. História e o simbolismo das Pêssankas e a permanência da cultura ucraniana em Prudentópolis/PR. **Revista Café com Sociologia**, vol. 4, n. 1, jan./abr. 2015. Disponível em: <<https://docplayer.com.br/22644531-Historia-e-o-simbolismo-das-pessankas-e-a-permanencia-da-cultura-ucraniana-em-prudentopolis-pr.html>>. Acesso em: 12 jul. 2021.

DUARTE, C. C. B. **Manifestações de preconceito: a presença de haitianos em Pato Branco (PR)**. 2018. 137 f. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Regional) - Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Pato Branco, 2018. Disponível em: <<http://repositorio.utfpr.edu.br/jspui/handle/1/3438>>. Acesso em: 12 jul. 2021.

FRAZÃO, S. M. Política (i)migratória brasileira e a construção de um perfil de imigrante desejado: lugar de memória e impasses. **Revista Antíteses**, v. 10, n. 20, p. 1103-1128, jun./dez. 2017. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/324180604_Politica_migratoria_brasileira_e_a_construcao_de_um_perfil_de_migrante_desejado_lugar_de_memoria_e_impas>. Acesso em: 12 jul. 2021.

GIACOMINI, T. **A mobilidade espacial da força de trabalho haitiana para a região Sudoeste do Paraná no século XXI e os impactos sociais, educacionais e linguísticos para esses trabalhadores e para a sociedade patobranquense**. 2013. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras) - Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Pato Branco, 2013.

_____. **Experiências de ensino de língua portuguesa para haitianos em contexto educativo formais e não formais: um estudo no município de Pato Branco (PR)**. 2017. 185 f. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Regional) - Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Pato Branco, 2017. Bibliografia.

Disponível em:

<http://repositorio.utfpr.edu.br/jspui/bitstream/1/2282/1/PB_PPGDR_M_Giacomini%20c%20Taize_2017.pdf>. Acesso em: 12 jul. 2021.

GOMES, T. M. et al. **O papel da assistência social no atendimento aos imigrantes**. Brasília: Secretaria Nacional da Assistência Social, 2016. Disponível em:

<http://www.mds.gov.br/webarquivos/publicacao/assistencia_social/Guia/guia_migrantes.pdf>. Acesso em: 16 dez. 2020.

HANDERSON, J. **Diáspora. As dinâmicas da mobilidade haitiana no Brasil, no Suriname e na Guiana Francesa**. 2015. 429 f. Tese (Doutorado em Antropologia Social) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2015. Disponível em: <https://www.migrante.org.br/wp-content/uploads/2015/05/Diaspora_Haitiana_tese_Joseph_Handerson.pdf>. Acesso em: 12 jul. 2021.

HANDERSON, J.; JOSEPH, R. M. As relações de gênero, de classe e de raça: mulheres migrantes haitianas na França e no Brasil. **Revista de Estudos e Pesquisas sobre as Américas**. v.9, n.2, p. 1-33, dez. 2015. Disponível em: <<https://periodicos.unb.br/index.php/repam/article/view/16039/14328>>. Acesso em: 12 jul. 2021.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Panorama Pato Branco**. Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pr/pato-branco/panorama>>. Acesso em: 12 jul. 2021.

INSTITUTO DE MIGRAÇÕES E DIREITOS HUMANOS. **Migração no contexto atual**. Brasília, 2019. Disponível em: <<https://www.migrante.org.br/category/imdh/>>. Acesso em: 20 fev. 2021.

INSTITUTO PARANAENSE DE DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO E SOCIAL. **Caderno Estatístico Município de Pato Branco**. 2016. Disponível em: <<http://www.ipardes.pr.gov.br/Pagina/Perfil-avancado-dos-municipios>>. Acesso em 10 dez. 2020.

JORDÃO, R. S. **A mulher haitiana em Porto Velho, Rondônia: imigração e gênero**. 2015. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Federal de Rondônia, Porto Velho, 2015.

LÔBO, P. **Direito Civil**: famílias: 4. ed. São Paulo: Saraiva, 2011.

Mapa do Haiti. Disponível em: <<http://geopesca.blogspot.com/2014/01/haiti-4-anos-depois.html>> Acesso em: 11 dez. 2019.

MARINUCCI, R.; MILESI, R. **Migrações internacionais contemporâneas**. 2005. Disponível em: <<https://www.migrante.org.br/refugiados-e-refugiadas/migracoes-internacionaiscontemporaneas>>. Acesso em: 12 mar. 2021.

MARTINS, J. R. V. et al. **A diáspora haitiana: da utopia à realidade**. Foz do Iguaçu: Gráfica Grapel, 2014.

MARTUSCELLI, P. N.; NOVAES, D. T. P. Perfil dos haitianos acolhidos pela Missão Paz: algumas evidências dos dados primários – janeiro a julho de 2015.

TRAVESSIA Revista do Migrante, n. 77, p. 97-114, jul./dez. 2015. Disponível em: <<https://travessia.emnuvens.com.br/travessia/article/view/74/67>>. Acesso em: 12 jul. 2021.

MASCARENHAS, S. A. **Metodologia científica**. São Paulo: Pearson, 2012.

MEJÍA, M. R. G.; CAZAROTTO, R. T. O papel das mulheres imigrantes na família transnacional que mobiliza a migração haitiana no Brasil. **Repocs**, v. 14, n. 27, p. 171-190, jan./jun. 2017. Disponível em:

<<http://www.periodicoeletronicos.ufma.br/index.php/rpcsoc/article/view/6452/4117#>>. Acesso em: 12 jul. 2021.

MENEZES, L. M. Movimentos e Políticas Migratórias em Perspectiva Histórica: Um balanço do século XX. In: CASTRO, Mary Garcia (coord.). **Migrações Internacionais: Contribuições para Políticas**. Brasília: Comissão Nacional de População e Desenvolvimento (CNPDP), 2001, p. 123-136.

MICHALZECHEN, A. **A saga dos imigrantes ucranianos no Brasil**. 2013.

Disponível em: <<https://oestrangeiro.org/2013/03/06/a-saga-dos-imigrantes-ucranianos-no-brasil/>>. Acesso em: jan. 2019.

MILESI, R. Por uma nova lei de migrações: a perspectiva dos direitos humanos. **Caderno de Debates**, p. 77-96, ago. 2007. Disponível em:

<https://www.acnur.org/portugues/wp-content/uploads/2018/02/Caderno-de-Debates-02_Ref%C3%BAgio-Migra%C3%A7%C3%B5es-e-Cidadania.pdf>. Acesso em: 12 jul. 2021.

MOTOKI, C. et al. **Migração: O Brasil em Movimento**. Brasil, 2012. Disponível em: <https://reporterbrasil.org.br/wp-content/uploads/2015/02/10.-caderno_migracao_baixa.pdf>. Acesso em: 12 jul. 2021.

OLIVEIRA, P. A. **Ucranianos na Europa e no Brasil: uma história camponesa**. 2008. 159 f. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade de Passo Fundo, Passo Fundo, 2008. Disponível em:

<<http://tede.upf.br/jspui/bitstream/tede/78/1/2008PedroAlvesDeOlveira.pdf>>. Acesso em: 12 jul. 2021.

PEDRO, M. S. M. H.; BERNARTT, M. L. **Fronteiras humanas: breve histórico da imigração no Brasil**. Disponível em

<http://repositorio.roca.utfpr.edu.br/jspui/bitstream/1/6132/1/PB_EL_I_2015_15.pdf>. Acesso em: 15 mar. 2021.

PEREIRA, J. C. Acolhida a migrantes e refugiados: a ética da pastoral do migrante desafios para a democracia no Brasil. **TRAVESSIA Revista do Migrante**, n. 79, p. 101-126, jul./dez. 2016. Disponível em:

<<https://travessia.emnuvens.com.br/travessia/article/view/60>>. Acesso em: 12 jul. 2021.

PEREIRA, L. **Latinidades curitibanas**: Haiti, novembro de 2019. 2019. Disponível em: <<https://www.cultura930.com.br/latinidades-curitibanas-haiti/>>. Acesso em: 12 jul. 2021.

PERES, R. G.; BAENINGER, R. Migração feminina: um debate teórico e metodológico no âmbito dos estudos de gênero. In: XVIII Encontro Nacional de Estudos Populacionais, 2012, Águas de Lindóia. **Anais eletrônicos XVIII Encontro Nacional de Estudos Populacionais**. Disponível em: <<http://www.abep.org.br/publicacoes/index.php/anais/article/view/1982/1940>>. Acesso em: 12 jul. 2021.

PISCITELLI, A. Gênero: a história de um conceito. In: ALMEIDA, H. B. de; SZWAKO, J. E. **Diferenças, igualdade**. São Paulo: Berlendis & Vertecchia, 2009. p. 116-148.

PROSPERE R.; GENTINI A. M. O Vodou no universo simbólico haitiano. **Universitas Relações Internacionais**, Brasília, v. 11, n. 1, p. 73-81, jan./jun. 2013. Disponível em: <<https://www.publicacoesacademicas.uniceub.br/relacoesinternacionais/article/view/2408/2071>>. Acesso em: 12 jul. 2021.

RIBEIRO, D. **O povo brasileiro**: a formação e o sentido do Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

RICHARDSON, R. J. **Pesquisa Social**: métodos e técnicas. 3. ed. São Paulo: Atlas, 2014.

RODRIGUES, N. P.; BURGEILE, O. A realidade social e cultural das mulheres haitianas em Porto Velho. **Fênix – Revista de História e Estudos Culturais**, v. 17, n. 2, p. 686-709, jul./dez.2020. Disponível em: <<https://www.revistafenix.pro.br/revistafenix/article/view/973/911>>. Acesso em: 12 jul. 2021.

SANTOS, I. E. **Manual de métodos e técnicas de pesquisa científica**. 9. ed. Niterói: Impetus, 2012.

SEN, A. **Desenvolvimento como liberdade**. São Paulo: Companhia das Letras. 2004.

SOARES, W.; LOBO, C.; MATOS, R. Mobilidade espacial dos imigrantes estrangeiros no Brasil - 1991/2010. **REMHU - Revista Interdisciplinar da Mobilidade Humana**. Brasília, ano XXIII, n. 44, p. 191-205, jan./jun. 2015. Disponível em: <<http://remhu.csem.org.br/index.php/remhu/article/view/490/403>>. Acesso em: 12 jul. 2021.

SUTTER, C.; KING, A. M. Vivendo sobre escombros: qualidade de vida no Haiti pós-terremoto. **Revista Salud&Sociedad**, v. 3, n. 3, p. 235-249, set./dez. 2012.

Disponível em <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/salsoc/v3n3/3n3a01.pdf>>. Acesso em: 12 jul. 2021.

ZAMBERLAM, J. et al. **Os novos rostos da imigração no Brasil: Haitianos no Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Solidus, 2014.

APÊNDICE A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE) TERMO DE CONSENTIMENTO DE USO SOM DE VOZ (TCUIS)

Título da pesquisa: IMIGRAÇÃO DE MULHERES HAITIANAS: UM OLHAR PARA O CASO DA REUNIFICAÇÃO FAMILIAR

Pesquisador(es), com endereços e telefones:

SANDRA BUASKI (sandrabuaski@yahoo.com.br / (42)988058787), domiciliada e residente na Rua Sete de Setembro, Bairro: Santa Terezinha, no município de Pato Branco – PR, 85506-040 sob a orientação da Professora Doutora **MARIA DE LOURDES BERNARTT** (marialbernartt@gmail.com / (46) 988078901), domiciliada e residente na Rua Natalino Dartora, 40, Bairro Fraron, CEP 85.503-385, Pato Branco-PR

Local de realização da pesquisa: Igreja São Pedro Apostolo, com sede na Rua Tocantins, 2265, Bairro: Centro, Pato Branco - PR, 85501-010, (46) 3225-6000.

A) INFORMAÇÕES AO PARTICIPANTE

1. Apresentação da pesquisa: Você está sendo convidada a participar da pesquisa que faz parte da dissertação do programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional. Essa pesquisa é um estudo sobre a reunificação familiar. Por fazer parte do tema estudado, assim torna-se possível alcançar resultados para que aconteçam benefícios sociais.

2. Objetivos da pesquisa: Analisar, sob a ótica das mulheres haitianas, residentes na cidade de Pato Branco-PR, dificuldades e desafios enfrentados por elas para a reunificação familiar.

3. Participação na pesquisa: Ao participar deste estudo você responderá a uma entrevista estruturada sobre o tema de pesquisa. Será solicitada a fornecer informações sobre a imigração haitiana e a reunificação familiar. Suas respostas não serão objeto de avaliação quanto a acerto ou erro. Não existem respostas erradas para as questões. As entrevistas serão agendadas previamente, e ocorrerão na modalidade a distância, por meio de aplicativo de conversa Whatsapp, mediadas e traduzidas pelo Presidente da Associação OUDES (Organização Universal para o Desenvolvimento Sociocultural), Sr. Marcelin Pierre, que já se disponibilizou a contribuir com a pesquisa, em decorrência da pandemia covid-19. Serão realizadas, individualmente, sendo que o tempo estimado, para cada uma, será de aproximadamente 30 minutos. Para isso, serão necessários dois sábados, sendo 05 participantes em cada um.

Apenas o áudio da entrevista será gravado, imagens ou gravações em vídeo não serão realizadas. As gravações da sua voz serão utilizadas para desenvolver o estudo da pesquisa e sua identidade será preservada.

4. Confidencialidade: Os dados fornecidos serão utilizados apenas para as finalidades da pesquisa e estarão protegidos pelo sigilo. Apenas os pesquisadores - assistente e principal (sandra Buaski e a professora Maria de Lourdes Bernartt) terão acesso ao conteúdo das entrevistas e, em eventual divulgação de resultados, não serão mencionados seu nome ou outros dados que possam identificá-las.

5. Riscos e Benefícios.

5.1 Riscos: Quanto aos riscos, estes podem causar algum constrangimento, pois as perguntas tratarão sobre o processo de imigração, cujas respostas, para a segurança das mesmas, ficarão em absoluto sigilo. Em função de minhas atividades como religiosa estou habituada a manejar esse tipo de situação com mulheres nessa situação. Acaso alguma pergunta gere desconforto ou não entendimento por parte da entrevistada, na pesquisa a resposta constará como: incompreensível ou participante optou por não responder essa pergunta. Acaso a entrevistadora não entender a resposta fornecida, ela tentará reformular a pergunta de forma mais clara com outras palavras, sem alterar o sentido, e se perceber algum desconforto por parte da entrevistada irá pedir se ela quer deixar de responder a pergunta solicitada para evitar constrangimento ou confusão na resposta. Ainda assim, caso os constrangimentos permanecerem as participantes podem deixar a pesquisa a qualquer momento.

5.2 Benefícios: Os benefícios da pesquisa a ser realizada será um material de estudo sobre a reunificação familiar que poderá auxiliar para criações ou alterações nas políticas públicas voltadas ao processo de reunificação familiar dos imigrantes.

6 Critérios de inclusão e exclusão.

6.1 Inclusão: Mulheres haitianas, maiores de 18 anos, residentes em Pato Branco-PR, que imigraram pelo direito à a reunificação familiar.

6.2 Exclusão: Mulheres haitianas que não conseguem se comunicar na língua portuguesa oralmente.

7 Direito de sair da pesquisa e a esclarecimentos durante o processo: Você tem a liberdade de não participar e pode, ainda, caso concorde em participar, interromper sua participação em qualquer fase da pesquisa sem qualquer prejuízo. Você tem a liberdade de recusar ou retirar o seu consentimento a qualquer momento sem penalização. Sempre que quiser, você poderá pedir mais informações sobre o estudo contatando via fone ou whatsapp, (42) 988058787, ou ainda, por meio do endereço eletrônico, sandrabuaski@yahoo.com.br.

Assinale uma das opções abaixo para receber ou para não receber os resultados da pesquisa, conforme seu interesse:

() Quero receber os resultados da pesquisa. Favor enviar para o e-mail: _____

() Não quero receber os resultados da pesquisa.

8 Ressarcimento e indenização: Sua participação na pesquisa não envolve qualquer dispêndio financeiro ou material de sua parte. Mas você tem o direito de ser indenizada por qualquer dano que, comprovadamente, seja decorrente de sua participação na pesquisa.

9 Metodologia da pesquisa: Os participantes da investigação serão 10 mulheres imigrantes haitianas da cidade de Pato Branco PR. Conforme dados levantados, informalmente, junto ao presidente da Associação dos Haitianos, na cidade de Pato Branco-PR, residem atualmente cerca de 500 imigrantes haitianos e cerca de 100 mulheres imigraram pelo direito de reunificação familiar, por ser estatisticamente significativa a quantidade de participantes será de 10 mulheres imigrantes.

As entrevistas serão agendadas previamente, e ocorrerão na modalidade a distância, por meio de aplicativo de conversa Whatsapp, mediadas e traduzidas pelo Presidente da Associação OUDES (Organização Universal para o Desenvolvimento Sociocultural), Sr. Marcelin Pierre, que já se disponibilizou a contribuir com a pesquisa, em decorrência da pandemia mundial covid19. Serão realizadas, individualmente, sendo que o tempo estimado, para cada uma, será de aproximadamente 30 minutos. Para isso, serão necessários dois sábados, sendo 05 participantes em cada um.

Como pesquisadora, sou religiosa consagrada, pertencente à Congregação das Irmãs Catequistas de Sant'Ana, participava de reuniões e encontros mensais com imigrantes, na Igreja São Pedro Apóstolo, por essa razão a pesquisadora possui o contato das participantes.

10 Metodologia coleta de dados: Para o desenvolvimento da mesma será utilizada a pesquisa do tipo exploratória. Para a análise dos dados, considerar-se-á a abordagem qualitativa. Segundo Mascarenhas (2012, p. 46), "A pesquisa exploratória é recomendada para quem pretende criar mais familiaridade com um problema para, depois, criar hipóteses sobre ele". Esse tipo de pesquisa busca a explicação sobre determinado objeto de estudo levando o pesquisador a conhecer melhor sobre o mesmo para assim poder dar continuidade em sua investigação. Sobre a abordagem qualitativa na pesquisa "além de ser uma opção do investigador, justifica-se, por ser uma forma adequada para entender a natureza de um fenômeno social" Richardson (2014, p. 79).

A coleta de dados será realizada por meio de entrevistas, com questões semiestruturadas. Essas entrevistas serão gravadas apenas em formato de áudio, em razão de às mulheres haitianas possuírem pouco domínio da língua portuguesa, em especial a escrita. De acordo com Santos (2012, p. 261), "a entrevista é um excelente instrumento de pesquisa e é largamente usada no mundo das organizações, com múltiplas finalidades".

Sobre a organização da entrevista e a elaboração das questões Santos (2012) apresenta que: A entrevista pode ser estruturada e não estruturada. Na não estruturada o entrevistado tem maior liberdade para formular suas respostas.

Sobre a entrega do documento TCLE para as participantes, dado o distanciamento social para prevenção do covid-19, o arquivo digital será enviado para as participantes via e-mail/WhatsApp que preferirem dessa forma ou então entregues pessoalmente uma participante por vez, respeitando as exigências impostas pelos órgãos públicos como o uso obrigatório de máscara e álcool em gel 70. A coleta da cópia que ficará com a pesquisadora ocorrerá pessoalmente, uma participante por

vez, em dia e hora marcados de acordo com a necessidade e disponibilidade de cada uma, também respeitando as exigências impostas pelos órgãos públicos.

11 Esclarecimento e consentimento do uso dos dados coletados e da voz: Em razão do não domínio da língua escrita pela maioria das haitianas para esclarecer sobre a participação da pesquisa, além de ser entregue a cada uma, será lido para elas o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, bem como o Termo de Autorização de Uso de Voz, sendo que os seus consentimentos serão gravados. Apenas o áudio da entrevista será gravado, imagens ou gravações em vídeo não serão realizadas. As gravações da sua voz serão utilizadas para subsidiar a análise dos dados. Sua identidade será preservada.

ESCLARECIMENTOS SOBRE O COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA

O Comitê de Ética em Pesquisa envolvendo Seres Humanos (CEP) é constituído por uma equipe de profissionais com formação multidisciplinar que estão trabalhando para assegurar o respeito aos seus direitos como participante de pesquisa. Ele tem por objetivo avaliar se a pesquisa foi planejada e será executada de forma ética. Se você considerar que a pesquisa não está sendo realizada da forma como você foi informado ou que você está sendo prejudicado de alguma forma, entre em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa Envolvendo Seres Humanos da Universidade Tecnológica Federal do Paraná (CEP/UTFPR). Av. Sete de Setembro, 3165, Rebouças, CEP 80230-901, Curitiba-PR, telefone: 3310-4494 e-mail: coep@utfpr.edu.br

CONSENTIMENTO DO PARTICIPANTE

Eu declaro ter conhecimento das informações contidas neste documento e ter recebido respostas claras às minhas questões a propósito da minha participação direta (ou indireta) na pesquisa e, adicionalmente, declaro ter compreendido o objetivo, a natureza, os riscos, benefícios, ressarcimento e indenização relacionados a este estudo.

Após reflexão e um tempo razoável, eu decidi, livre e voluntariamente, participar deste estudo, permitindo que os pesquisadores relacionados neste documento obtenham **gravação de voz de minha pessoa** para fins de pesquisa científica/educacional. As gravações ficarão sob a propriedade do grupo de pesquisadores pertinentes ao estudo e sob sua guarda.

Concordo que o material e as informações obtidas relacionadas a minha pessoa possam ser publicados em aulas, congressos, eventos científicos, palestras ou periódicos científicos. Porém, não devo ser identificado por nome ou qualquer outra forma.

Estou consciente que posso deixar o projeto a qualquer momento, sem nenhum prejuízo.

Após reflexão e um tempo razoável, eu decidi, livre e voluntariamente, participar deste estudo.

Nome completo: _____

RG: _____ Data de Nascimento: ___/___/_____

Telefone: _____

Endereço: _____

CEP: _____ Cidade: _____ Estado: _____

PESQUISADOR

Eu declaro ter apresentado o estudo, explicado seus objetivos, natureza, riscos e benefícios e ter respondido da melhor forma possível às questões formuladas.

Assinatura do pesquisador

Data: ___/___/_____

Nome completo: Sandra Buaski

Para todas as questões relativas ao estudo ou para se retirar do mesmo, poderão se comunicar com SANDRA BUASKI, via e-mail: sandrabuaski@yahoo.com.br ou telefone/WhatsApp: (42) 98805-8787.

Contato do Comitê de Ética em Pesquisa que envolve seres humanos para denúncia, recurso ou reclamações do participante pesquisado: Comitê de Ética em Pesquisa que envolve seres humanos da Universidade Tecnológica Federal do Paraná (CEP/UTFPR) Endereço: Av. Sete de Setembro, 3165, Bloco N, Térreo, Rebouças, CEP 80230-901, Curitiba-PR, Telefone: 3310-4494, Email: coep@utfpr.edu.br

APÊNDICE B – ROTEIRO DE QUESTIONÁRIO PARA ENTREVISTAS

ROTEIRO DE QUESTIONARIOS APLICADOS AOS IMIGRANTES

UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ CAMPUS PATO
BRANCO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM DESENVOLVIMENTO REGIONAL

INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS

ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA

Entrevista n°.....

Perfil

Idade:.....

Estado Civil.....

Você tem filhos:.....Quantos.....nascidos em qual país

.....

Eles moram com você.....

Se não, moram com quem?.....Onde.....

Qual sua escolaridade no Haiti.....

Está trabalhando.....

Está estudando?.....

Pretende estudar? Se sim, onde?.....

Sobre a vinda para o Brasil

Quem da família veio primeiro?.....

Como foi decido a ordem da viagem?

Quem financiou a viagem?.....

Quais motivos levaram-na a sair do Haiti.....

Como foi a viagem até Pato Branco?

.....
.....
.....

Porque escolheu a cidade de Pato Branco?

.....
.....
.....
.....

Há quanto tempo reside aqui.....

Comente sobre os desafios que vivenciou, como mulher, durante a imigração e a sua chegada ao Brasil. Comente sobre como é ser mulher imigrante, no Brasil.

.....
.....
.....
.....

Comente sobre se sua vinda auxiliou na reunificação familiar.

.....
.....
.....
.....

Comente se as leis brasileiras são favoráveis para a reunificação familiar.

.....
.....
.....
.....

Comente sobre como foi o processo da reunificação familiar e a situação atual da família.

.....
.....

.....
.....

Comente sobre quais são os desafios e as principais dificuldades enfrentadas pela mulher haitiana para a reunificação familiar.

.....
.....
.....
.....